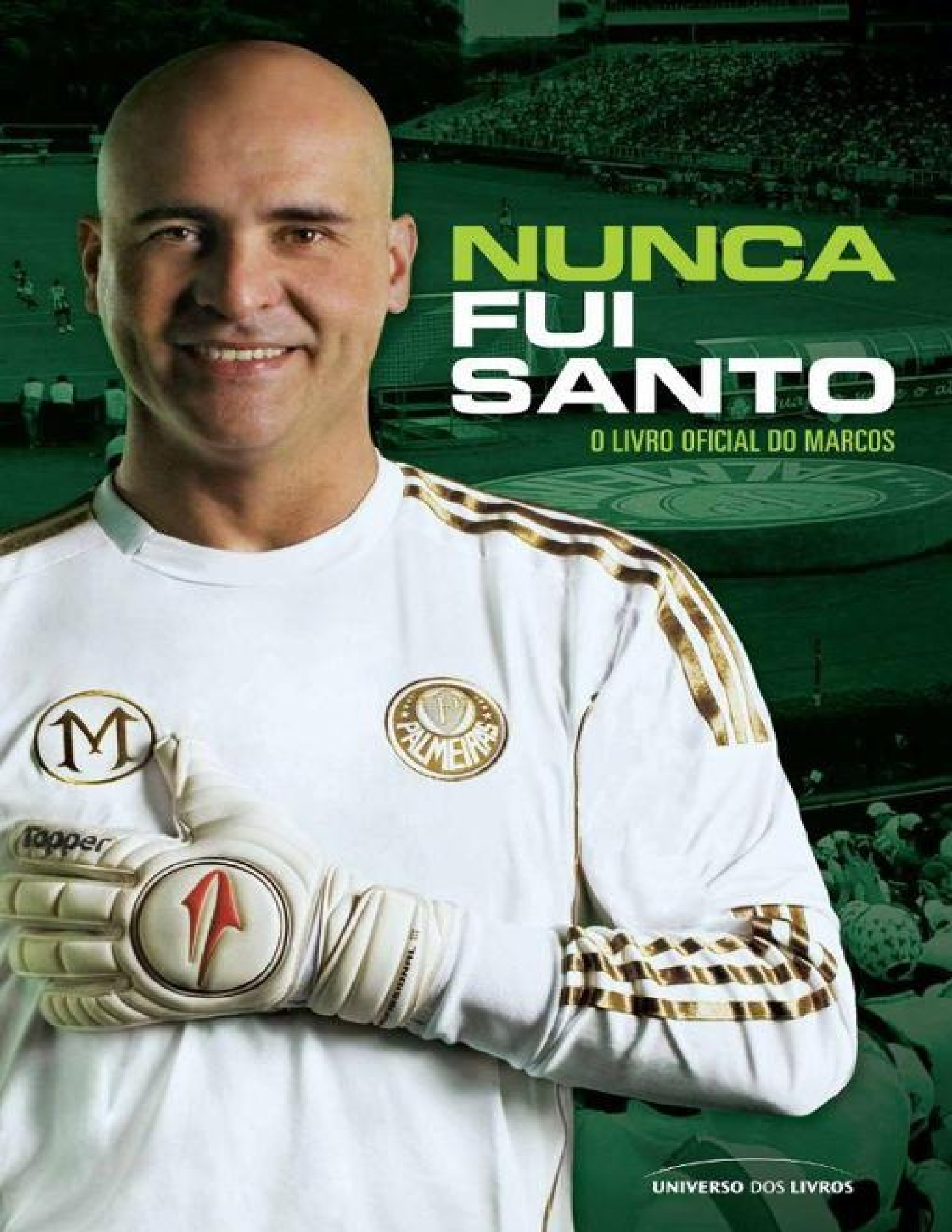

NUNCA
FUI
SANTO
O LIVRO OFICIAL DO MARCOS
Topper
PALMEIRAS
UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

NUNCA FUI SANTO

DEPOIMENTO A MAURO BETING

São Paulo
2012

UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj. 603/606
Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Sumário

Capa

Página de Título

Página direitos autorais

APRESENTAÇÃO: O SEU LIVRO

MEU LAR

BONS LENÇÓIS

PATO NOVO NA CIDADE

CAMISA 12 NÃO CUSTOU 12 PARES DE CHUTEIRAS

O PALMEIRAS

MEU PALESTRA ITÁLIA

A COPA DO BRASIL DE 1998

O JOGO MARCANTE

CANONIZAÇÃO

CAMPEÃO DA LIBERTADORES

O MUNDIAL DE CLUBES DE 1999

O PÊNALTI DO MARCELINHO

A COPA DE 2002

O ARSENAL

PALMEIRAS NÃO SE REBAIXA

CARLOS PRACIDELLI

SEU VALDIR DE MORAIS

O GOLEIRO

500 JOGOS

SÉRGIO

PAULISTÃO DE 2008

HOSPITAL SÃO MARCOS

DOZES DE MAIO

O MATADOR

O TORCEDOR

O TREINADOR

ÍDOLOS

A MAIOR DEFESA

MINHA PAIXÃO

PENDURANDO AS LUVAS

PALAVRA DE CRAQUE

© 2012 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos
Editora-chefe: Marcia Batista
Editora assistente: Carolina Evangelista
Assistentes editoriais: Bóris Fatigati, Raíça Augusto e Raquel Nakasone
Preparação: Melina Marin
Revisão: Bruno Teixeira Lomba e Cátia de Almeida
Colaboração: Danilo Lavieri, Henrique Cabral e Marcel Alcântara
Arte: Camila Kodaira e Karine Barbosa
Capa: Zuleika Iamashita
Fotos da capa: Marcello Garcia (Marcos) e Louis Abe (Palestra Itália)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B563n Beting, Mauro.

Nunca fui santo / Mauro Beting – São Paulo : Universo dos Livros, 2012.
168 p.

ISBN 978-85-7930-289-3

1. Futebol. 2. Marcos Roberto Silveira Reis.
3. Biografia. I. Título.

CDD 796.334092

APRESENTAÇÃO: O SEU LIVRO

Foi num começo de noite do início de 2007, saindo da Academia do Palmeiras. Parei o carro em lugar proibido pra anotar umas cinco histórias engraçadas que você havia contado durante uma conversa na saída do gramado. Eu ria enquanto anotava pra não esquecer, mas, quando contava alguma pros amigos, elas perdiam quase toda a graça. Não era você quem estava falando. Era eu: também um cara alto, pesado, tagarela, metido a goleiro, com pouco cabelo e muito Palmeiras para amar. Mas era só eu. Não era São Marcos.

Que de santo, sabe-se, tem pouco. Mas milagre é coisa que você sabe mesmo fazer, pois até isso conseguiu desde a distante Oriente, em 1973, até ganhar o mundo no Oriente distante, em 2002. Não é só um dos melhores goleiros que vi, mas uma das melhores pessoas que existem pra defender nossas cores e credos. Foram 20 anos pulando os tantos quilos pra nos fazer pular de alegria e orgulho e ficar de joelhos, agradecendo por seus milagres palmeirenses e brasileiros, campeões estaduais, nacionais, continentais e mundiais.

Não por acaso, você estreou um ano antes de o clube acabar com os 16 de fila. Quando seu time voltou a ser Palmeiras. Campeão de tudo. Campeão do século XX. E você, Marcos, um vencedor de primeira. E até de segunda. Que você é daqueles que não precisam ser. Bastam estar.

Você não precisa de título e de canonização. Você não é santo. Você é Marcos. Marco plural e singular no amor não só a um clube e a sua gente, mas ao respeito que você impõe e fecha questão como quando fecha o ângulo e tranca a sua meta.

Ganhando Libertadores e o chavão do jipão, defendendo pênaltis dos rivais, defendendo seu time até quando ele não tinha mais ataque, nem defesa e nem jeito. Sendo o São Marcos até quando são tolos os de verde nos campos e arquibancadas. Você é 10. Melhor: você é 12. Camisa de reserva. Número de reserva de moral.

Enfim, o dia temido chegou. Aquele em que olharíamos pro gol do Palmeiras e você não estaria na meta, onde a Academia de goleiros sempre esteve muito bem servida – como continuará agora. A gente sabia que essa longa noite sem sonho e sono chegaria. Mas ainda não estamos prontos. Eu, menos ainda.

Não sei o que escrever a respeito não só do ídolo, do craque, do goleiro, do palmeirense, do caráter, da pessoa e, se você permitir, do companheiro. Do amigo que, um dia, me disse que eu era o “mago das palavras”. Eu fiquei ainda

mais sem elas.

Muitos que nem são verdes já se manifestaram. E ainda vão escrever coisas maiores e melhores. Mas, entre tantas coisas e causos que aprendi só de torcer por você, uma delas é que não somos mais que os outros. Mas, como palmeirenses, também não somos menos. Sabemos dos nossos limites tanto quanto de nossas glórias. Por isso, um santo sentiu e ficou de joelhos pelas dores que por toda carreira o impediram de ser ainda maior do que já foi. Ainda mais santo. Ainda maior que nosso anjo guardião.

Neste livro, eu, Danilo Lavieri e Marcel Alcântara, colegas de credo e de ofício, tentamos botar no papel o que você é. Nas suas palavras. Mas você é daqueles caras que fazem, não falam. E quando falam, também fazem. Precisaríamos ser um Ademir da Guia das letras pra dar ao texto a mesma graça que você dá lendo bula de remédio, discurso de político, ou animando velório. Não conseguimos. Não fazemos milagres. Não somos Marcos. Mas somos seus discípulos desde 12 de maio de 1999. Por isso escrevemos a sua palavra. A sua vida. A sua história. As suas estórias. Com a graça de Deus. E do santo de punho de pau e de ossos ocos.

Quando eu contar aos filhos do meu Luca e do meu Gabriel o que você fez por nós, juro que vou tentar ser o mais justo aos fatos. Mas, ainda assim, meus netos vão dizer que é mentira, que é um exagero, que isso tudo é um milagre. E é.

Os que creem em São Marcos que nos guarda e no Ademir que nos guia sabem que não é preciso ver pra crer. Basta torcer.

Obrigado, seu Marcos.

Mauro Beting

MEU LAR

Tem cara que estreia neste mundo de estrelas. Eu só nasci nele, e olhe lá. Foi em 4 de agosto de 1973. São quase 40 anos de vida. Mas, lá no interior, tenho só uns 27. É que o tempo demoooooora pra passar na roça…

A minha terra chama Oriente. Fica a uns 500 quilômetros de São Paulo. Região centro-oeste do Estado. É do lado de Marília, e perto de Pompeia. Tem uns 6 mil habitantes, se muito. Lá continua a minha família. Sou filho do Ladislau e da Antonia. O seu Lau nos deixou na véspera de Finados, em 2008. Dona Antonia segue firme e forte cuidando das duas filhas, a Sueli e a Tânia, e dos quatro filhos, o Lauzinho, o Luís, o Sergio e o mais lindo e mais modesto: o Marquinho.

Meu pai nasceu e morreu corintiano. Assistia aos meus jogos do Palmeiras, mas era corintiano. Ele falava pra mim: “Torci pelo Corinthians 63 anos da minha vida. Não é agora que vou mudar”. Mas, quando eu estava jogando, ele torcia pelo Palmeiras, na boa. É engraçado, mas, por causa dele, quando eu tinha 15, 16 anos e ia jogar bola, gritava “Ronaaaldo” quando fazia uma defesa. Era o nome do grande goleiro do Corinthians na época. Mas também berrava o nome do meu ídolo palmeirense, o Velloso, que começou a jogar no time em 1989.

Dois dos meus irmãos também eram corintianos. Mas a minha mãe, de família italiana, sempre foi palmeirense fanática, de escutar jogo no rádio e ver na TV. Por isso que muitas vezes eu até perdi a razão com alguns vagabundos que não estavam nem aí pro meu time. Eu sabia que dona Antonia estaria triste com as derrotas, com as coisas erradas. E se eu a defendesse e o nosso time também, sabia que ela ao menos iria falar: “É isso aí, filho! Não deixa barato, não!”. Nunca deixei. Também pela dona Antonia.

Lá em casa, sou Marquinho. Até hoje.

O meu irmão mais próximo também é palmeirense doido. Sergio sempre esteve comigo. O Palmeiras sempre esteve com a gente. Desde que nasci. Em agosto de 1973, o Verdão era o campeão brasileiro. E seria bicampeão nacional logo depois. Nasci campeão. Com 6 meses, já ganhava o bi. Posso dizer que sou pé-quente.

Lá em casa, sou Marquinho. Até hoje. Meu pai dizia que havia virado São Marcos com o tempo. Mas como o tempo demora a passar lá em Oriente, prefiro

Marquinho. Ou Preto, como chama a Sônia, a santa da minha mulher. Deixo essa história de “santidade” pra torcida, que sempre me apoiou, e pra imprensa, que quase sempre me tratou bem, até quando nem sempre pude falar. Também nisso tenho sorte.

Oriente é uma cidade boa, pacata. Não sei se conseguiria voltar a morar lá, já que passei muito tempo em São Paulo. Mas é o meu berço. Foi lá que estudei e ajudei meu pai na roça de café. Pelo menos tentei. Meu pai conta que um dia fui carregar um pé muito pesado de café e arranquei mais galho que qualquer outra coisa. Falei pra ele que ia beber água e já voltava. Nunca voltei. Não era pra mim.

Meu irmão mais velho, o Lauzinho, Ladislau como meu pai, tem uma teoria de que só virei bom goleiro porque ele e o Sergio, meu irmão palmeirense, jogavam na defesa do nosso time. Como eles eram ruins de bola e deixavam passar tudo, eu tinha de me virar pra defender… Mas eu não nasci pra ser goleiro, não! Queria ser centroavante, meia, volante. Tentei de tudo. Ser goleiro foi a última opção. O mais legal do futebol é fazer gol, né? Então, como eu era de uma família de muitos irmãos e era o caçula, os maiores sempre me pegavam e me colocavam no gol pra ficar chutando bola no terreno perto de casa. Aí comecei a pegar gosto por aquilo, sem querer.

Eu não nasci pra ser goleiro, não! Queria ser centroavante, meia, volante. Tentei de tudo. Ser goleiro foi a última opção.

Deu no que deu. Com muito esforço e sorte, e com a graça de Deus. Minha mãe até hoje reza a noite inteira por mim e por toda a família. Teve um sábado à noite, na fase decisiva da Série B, em 2003, que ela rezou o dia todo. Era a primeira vez que eu atuava no Bento de Abreu, estádio de Marília, que fica a uns 15 quilômetros de Oriente. Campo onde eu passara a infância vendo o MAC jogar. Meus pais ganharam os primeiros ingressos disponíveis pra ver Marília × Palmeiras. Eles e dois irmãos meus. Estavam todos na terceira fileira, no meio do campo, ouvindo de tudo contra o Palmeiras. E também contra mim.

Oriente tem muitos palmeirenses. Outros que gostam de mim, apesar do Palmeiras. E muitos que não gostam também. Ou que apenas torcem pelos rivais. Já choveu muito objeto voador não identificado por cima do muro da casa dos meus pais depois de vitórias nossas nos clássicos. Quem torcia pelo Palmeiras naquela noite de eclipse lunar pôde ver uma de minhas melhores atuações. No segundo tempo, o Éder, do MAC, mandou um óvni de voleio, na pequena área. Nem sei como defendi. Meus irmãos também não entenderam. Fecharam os olhos na confusão dentro da área. No fim do jogo, 2 a 0 pra nós, no

maior sufoco. Foram pra cabine da TV Record perguntar o que aconteceu naquele lance. Quando viram que a bola tinha batido na minha barriga, comentaram que eu era largo mesmo. Sortudo. Ainda mais pra um goleiro que acabou o jogo se arrastando, com dores no joelho.

Já choveu muito objeto voador não identificado por cima do muro da casa dos meus pais depois de vitórias nossas nos clássicos.

Até certo ponto, cumpri com o que tinha prometido. Disse na véspera que quebraria a perna pra ser campeão da Série B. E quase me quebraram. Mas mantive a palavra. Aquele campeonato valia mais que a Copa do Mundo de 2002. Não queria jogar pra torcida. Até porque eu era a própria torcida. O Palmeiras era a minha família. E a minha família de verdade estava comigo e com o Palmeiras naquela noite.

A sensação que tive em 2003 era que eu e meus companheiros precisávamos ajudar mais que nunca o clube que nos dera tudo. Ainda que alguns, em 2002, não tenham dado nada por ele. Até pedi pro presidente Mustafá Contursi fazer uma listinha dos caras que não quiseram continuar em 2003 só porque teríamos de jogar a Série B. E dos que foram contatados e não quiseram jogar a "Segundona" pelo Palmeiras. Esses estão na minha lista negra. Opa, quer dizer, na lista verde.

Não esqueço esses caras. E nem a alegria de, no dia seguinte, um domingo no meio das finais de um campeonato, poder almoçar em casa, em Oriente, depois da vitória contra o Marília. Dona Antonia cozinhou um rango maravilhoso. Mas sem frango. Nem porco.

BONS LENÇÓIS

Dona Antonia é que é santa. Nasci com 4 quilos e 300 gramas! E pra manter este corpinho, fiquei até os 6 anos de chupeta e mamando. Só parei quando fui pra escola. Estudei no Vitu Jorge, em Oriente. Quer dizer, estudaaaar, mesmo… Preferia ficar com meus parceiros. O Kenedy, Neston, Guilherme, Júnior, César Zola, os gêmeos Boris e Everson. Fiquei tanto com eles que acabei repetindo a quinta série. Meu pai ficou uma arara. Pior ainda quando eu, logo depois, quis botar um brinco. Seu Lau foi bem cordial comigo: “Deixa que eu mesmo faço o furo na sua orelha!”. Quando ele puxou a peixeira, mudei rapidinho de ideia.

Mesmo sem gostar de estudar, resolvi prestar concurso no Senai, no final do ginásio. Mecânica de carros era o curso. Aí percebi minha “vocação” pra bater na bola. Chutei todas as questões. Todas. Eram apenas 8 vagas. E passei! Pra quê?! Era lá em Marília, período integral. Saía de casa 6 da manhã e voltava lá pelas 11 da noite. Não aguentei. Bombei o primeiro ano e parei.

Tinha de me virar. Fiz alguns serviços em Oriente. Trabalhei numa fábrica de móveis. Quer dizer, passei por lá. Foram só 3 horas de trampo. Só de ver aquelas serras já fiquei com medo. Inventei que tinha alergia a pó e caí fora. Confesso que sou meio medroso com algumas coisas. Histórias de terror, por exemplo. Era a única coisa de que tinha medo em Oriente. E meus amigos não deixavam barato. Faziam de tudo pra me assustar.

A gente ficava junto o tempo todo. Desde o meu primeiro time, o Erva Doce Futebol Clube. Ganhávamos sempre do Palmirinha no futebol de salão. No campo era mais complicado, até porque eu jogava de atacante. E jogando (ou tentando jogar) na frente, fui parar no Juvenil, equipe dirigida pelo Fernando Amorosini, um radialista de Marília que morava em Oriente. De verdade, só entrei no time porque minha turma forçou com o Fernando. Quando ele viu que não dava pra eu jogar na frente, fui recuado pro meio. Depois pra zaga. Daí…

Arranjei emprego na usina de açúcar Paredão. Trabalhei no laboratório, com cana. Foi ótimo. Mais bebia garapa do que trabalhava.

Teve um dia que ele me botou de vez no gol. Eu não queria. Mas ele sabia que só ali eu faria alguma coisa boa. Eu era o mais alto do elenco. Pra me incentivar, gritava: “Vai, Marquinho, se vira aí. Você não quer ser goleiro do Palmeiras um dia?”. E eu caía na risada. Goleiro do Palmeiras? Nem em sonho!

Acabei gostando de jogar como goleiro. Até pintou um teste no Marília Atlético Clube. Mas fiquei duas semanas e me dispensaram. Voltei pro Juvenil. Só que ainda era reserva do meu amigo Boris, que era um ótimo goleiro. Meus irmãos me convenceram a jogar com eles no time de uma serraria. Eles falavam pra eu ir jogar lá, porque não adiantava nada eu ser reserva de um time bom e ficar sentado no banco, sem ganhar um tostão. Pelo menos lá eu iria continuar sem ganhar nada, mas ao menos eu jogaria… Ou quase isso, né? O time dos meus irmãos era uma desgraça de ruim. Eu tomava uns 5 gols por jogo. Mas também fazia um monte de defesa. Aí me destaquei e fui parar no time do Supermercado Primavera, que jogava o Campeonato Regional. O time era muito bom. Jogava com o uniforme do São Paulo. O distintivo era idêntico. As letras também: SPFC. Veja só.

Logo depois, arranjei emprego na usina de açúcar Paredão. Trabalhei no laboratório, com cana. Foi ótimo. Mais bebia garapa do que trabalhava. Acho que por isso, depois, me mandaram pro almoxarifado. Foi o mesmo tipo de problema que tive quando trabalhei numa doceria. Mais comia o produto do que vendia. Não deu certo.

Eu queria mesmo era jogar pelo time da empresa. Mas não teve jeito. O regulamento não me deixava. Fiquei no Primavera. E dei sorte. Um olheiro de Marília, o Neno, tinha ouvido falar bem de mim e foi me ver. Meu time apanhou feio do Vera Cruz, pertinho de Oriente. Mas eu me virei. E ele me convidou pra jogar no time de Lençóis Paulista.

Isso foi em 1991. Eles tinham ajuda de uma empresa japonesa chamada Nippon Travel, que montou uma boa estrutura. O Neno viajou pela região procurando garotos pro time. De Oriente, ainda levou o André, o Senai (que era o apelido do Everson, irmão do Boris).

Pra mim, era maravilhoso. Não precisaria continuar no curso do Senai, em Marília, e jogaria bola em Lençóis Paulista. Dois períodos de treino e, fazer o que, estudar à noite… Quer dizer, eu ia à escola e saía no meio da aula. Não tinha problema. Duro era acordar mais cedo que os demais jogadores. Os goleiros do Atlético Lençoense treinavam até 4 horas por dia. O Neno pegava pesado com a gente, e eu passei a ter problemas com tanto treino. Tive uma fratura na canela por causa do estresse. O japonês que bancava o clube, seu Naia, queria me dispensar por conta disso. Mas o Neno bolou um jeito de me mandar pra casa e mudar meu alojamento e horários dos treinos, só pro Naia não me ver por perto no clube. Virei o quarto goleiro do Lençoense.

Eu estava jogando bem. Não tinha como me tirar do time.

No Paulista Sub-20, os outros goleiros foram tendo problemas e fui chegando. Virei titular. Eu estava jogando bem, e seu Naia não teve do que reclamar. Não tinha como me tirar do time. Fomos vice-campeões estaduais. Perdemos a final pro Nacional, na capital, por 2 a 0. Mas eu fui bem, e o Jorge Parraga (que seria meu treinador interino no Palmeiras, em 2010) viu e gostou. Ele dirigia o Sub-20 do Corinthians e me convidou pra fazer testes no Parque São Jorge.

Pra alegria do meu pai. Mas não seria por muito tempo.

PATO NOVO NA CIDADE

Fui fazer teste no Corinthians no finzinho de 1991. Passei. Era goleiro do Sub-20, mas era reserva. Se tivesse mais paciência e experiência, e também maior reconhecimento, teria ficado no Parque São Jorge. Afinal, era um grande clube, estava sendo treinado pelo Agnaldo Moreira, que havia jogado com o Pelé no Santos, e também trabalhava com o Ronaldo, um dos goleiros que eu mais respeitava no “time de cima”. Mas o problema é que eu, de fato, não havia deixado Oriente. Tinha vindo pra São Paulo, mas continuava lá no interior. De alma.

Era assustadora a cidade grande. Tinha muito treino e pouco divertimento. Não tinha nada pra fazer no alojamento do Corinthians, a não ser assistir TV. Morria de saudade da família, dos amigos e de Oriente. Lá na minha cidade eu ia pra onde quisesse, a hora que fosse. Em São Paulo, além de não conhecer nada, achava que tinha muito bandido na rua. Morria de medo. Pior ainda é que eu era tão chucro que nem passear sabia. Fiquei meses querendo ir a um shopping. Não ia porque achava que tinha de pagar pra entrar. Verdade! Juro!

Não havia internet. Mesmo se houvesse, continuaria sem usar. Até hoje não sei. Então eu escrevia cartas pra minha mãe. Pedia pra ela sempre me telefonar quando possível. Ela tinha de ligar pro alojamento, pedir o ramal 114 pra alguém chamar o Marcos, no quarto 4. Esse era o melhor momento da semana, lá no Corinthians. Porque em campo estava difícil.

André, meu parceiro de Oriente que jogava comigo no Lençoense e dividia quarto lá em Lençóis, foi pro Nacional na mesma época que fui pro Corinthians, no fim de 1991. Ele jogou a Copa São Paulo de Juniores de 1992. Eu só treinei lá. Tinha problemas de documentação que me atrapalharam também. Uma história até hoje mal explicada. Um monte de coisa que não deu certo. Não era titular. O Felício e o Edílson tinham mais prestígio, estavam há mais tempo no clube. Eu não sentia muita boa vontade pra ser aproveitado no Corinthians. Me senti um pouco angustiado. Acabei pegando minhas coisas e resolvi voltar pra casa.

Era assustadora a cidade grande. Morria de medo. Pior ainda é que eu era tão chucro que nem passear sabia.

O André também acabou não ficando no Nacional da Lapa. Voltamos pra

Lençóis quando acabou a Copa São Paulo, em 25 de janeiro de 1992. Nosso sonho paulistano não durou dois meses. Mas dois meses depois…

CAMISA 12 NÃO CUSTOU 12 PARES DE CHUTEIRAS

Depois de ter passado pela base do Corinthians por pouco tempo, voltei pra minha casa, pra minha família… Mas me arrependi. Muito. Amo Oriente. É a minha cidade, meu berço, onde faço o que quero, na hora que quero, com quem eu quero. Sou um bicho do mato. Mas…

Não podia desperdiçar a chance de jogar em um grande time de São Paulo. Era a minha chance de mudar de vida, sem mudar o meu jeito de ser.

Meus dois meses em São Paulo, no Corinthians, pareceram 200 anos. Voltei pro interior. Mas não fiquei muito tempo. Pintou um novo teste num grande clube. A oportunidade da minha vida.

O Neno, do Lençoense, era amigo do Raul Pratalli, treinador do Sub-20 do Palmeiras. Eles estavam reformulando o elenco pra 1992. Na verdade, nós só não fomos antes porque o Pratalli levou uns dois meses pra localizar o Neno. Quando achou o telefone certo, o Tom (outro goleiro do Lençoense), o Beto (lateral), o André (volante), o Mil (ponta) e o Itamar (centroavante) foram comigo fazer testes no Palmeiras. Passamos todos. O André depois desistiu de ser jogador. O Mil também largou. O Itamar ainda tentou por mais tempo. Só eu tive mais sorte.

Era a minha chance de mudar de vida, sem mudar o meu jeito de ser.

Na negociação entre os clubes, o Palmeiras assumiu uma dívida do Lençoense com a Federação Paulista e também com o Ituano, e ainda doou uma Kombi com 50 chuteiras e 70 kits de material esportivo da Adidas. Não fui trocado por 12 pares de chuteiras, como virou lenda. Foi um pouco mais. Na época, isso dava uns R$ 1 500, por aí. E eu não recebi nada disso. Nem um centavo!

Demorou muito pra eu chegar a um clube grande. Acabei custando baratinho pro Palmeiras. Mas não tem preço o que minha vida mudou a partir da chegada ao Palestra Itália.

O PALMEIRAS

É a coisa mais importante que aconteceu na minha vida. Até o nascimento dos meus filhos Lucca (em 1999) e Anna Júlia (em 2003) foi menos importante, porque eles nasceram depois da minha chegada ao clube, em 1992. Porque, se eu não fosse goleiro do Palmeiras, provavelmente não teria filhos. Na draga que estava lá em Oriente, não sei, não… Acho que não daria pra ter uma nova família. Não daria pra ser um pai tão bom como foram os meus, seu Lau e dona Antonia. Se tivesse filhos, todo mundo teria de trabalhar comigo lá na roça.

O Palmeiras me deu tudo. Desde criança. Primeiro como torcedor, depois como pessoa. Se não tivesse nascido e jogado aqui, o Palmeiras continuaria enorme do jeito que é. Mas eu, se não tivesse o Palmeiras na minha vida, estaria ferrado. Passei quase 20 anos aqui dentro. Só saindo pra defender o Brasil. Mas sempre voltando rapidinho pra cá. A minha casa.

Me dedico mais ao Palmeiras que à Seleção. Acho que sofro mais jogando aqui do que pelo meu país. Devo tudo até como contribuinte. Ganhei o título de cidadão paulistano pelo que fiz como atleta do clube. Ou melhor: pelo que o Verdão fez por mim.

Não sei o que faria na vida sem o Palmeiras. Não vejo nada nela que não tenha a participação do clube. Sou daquelas pessoas que conseguiram traçar um objetivo e chegar até ele. Tudo graças ao meu time do coração. Como torcedor, então, fico ainda mais feliz da minha história ter sido aqui dentro. Como tal, acabo cobrando muito de todos. Como jogador, cobro ainda mais de mim mesmo. Até porque me imagino torcendo por mim. Quero que o goleiro do meu time se doe o tempo todo. Até doer. E como doeu o meu corpo nesses últimos anos! Mais até que a dor das derrotas.

Se não tivesse o Palmeiras na minha vida, estaria ferrado.

Por isso, acabei me excedendo e cobrando demais os jogadores, a comissão técnica e a diretoria. Mas cobrei quem achava que merecia. Os outros, melhor deixar pra lá… O bom é que aqui sempre tivemos diretores competentes e honestos. Fica mais fácil trabalhar e gostar do clube.

Ainda bem, por tudo, que vim pra cá e não pra outro clube. Demorei a acreditar quando passei pelo portão e deu certo, em 1992. Afinal, tinha 7 goleiros no elenco. O Carlos, goleiro da Seleção, era o titular. O Ivan logo foi

afastado pelo técnico Nelsinho Batista. Mas ainda tinha o Velloso, o César, o Sérgio, o Nivaldo, o Wilton… Nunca achei que fosse passar.

Passei. E em semanas já estava relacionado pra reserva do Carlos. Justo num clássico contra o Corinthians, no Morumbi. Foi em 29 de março, pelo Brasileirão de 1992. A emoção era indescritível. Nunca havia estado no estádio nem como torcedor. E pisava pela primeira vez no gramado pra defender meu time de coração, como fiz questão de dizer pra imprensa, na primeira vez em que fui entrevistado, só por ter sido relacionado logo depois de ter chegado ao clube.

Fui meio bocudo. Fui, não. Sou. Mas não me arrependo.

Perdemos por 2 a 1 na primeira vez que assinei a súmula. Só estreei pelo "time de cima" em 10 de maio de 1992. Carlos estava com a Seleção do Parreira, Sérgio estava machucado… Então, não tinha outro. Tiveram de me botar pra jogar. Eu estava nervoso pra caramba. Pô, um cara novo no clube, caipira do interior, mal havia chegado aos juniores e já estreava?! Ficar no banco é uma coisa. Jogar é outra bem diferente. Ainda bem que ganhamos por 4 a 0. E eu ganhei a minha vida a partir de então.

Não joguei mais no "time de cima" em 1992. Mas não posso reclamar. Fui convocado pra Seleção Brasileira da categoria, e ainda ganhamos o Paulistão Sub-20, que o Palmeiras não vencia desde 1972. Mas 1993 começou mal. Fui cortado da Seleção pelo Júlio César Leal. Dida e Fábio Noronha foram os goleiros escolhidos pelo treinador pro time que seria campeão mundial naquele ano. Falei pra ele que não precisava mais me chamar. Que eu só voltaria pra Seleção principal. Fui meio bocudo. Fui, não. Sou. Mas não me arrependo.

Só fui voltar a atuar pelo "time de cima" em 1996. Recebi propostas pra deixar o clube até 1999, quando virei titular. Mas pra que sair do Palmeiras? É o meu clube, a minha casa. Vi outros colegas, como o Sérgio, saindo, sofrendo, não sendo pagos em alguns clubes. Era melhor ficar no meu canto, quietinho. Se é que eu consigo ficar quieto.

Valia continuar esperando uma oportunidade. Não tinha preço jogar ao lado de um ídolo. Quando comecei a ver futebol pra valer, já meio tarde, eu via o Palmeiras em 1986. Primeiro, o finzinho da carreira do Leão no gol. Depois, o Martorelli. O Zetti. Quando eu já entendia mais de futebol, meu ídolo era o Velloso, desde quando ele virou titular, em 1989. Imagine, então, treinar ao lado dele três anos depois. Quase morri quando vi o Velloso trabalhando na Academia. Adorava vê-lo treinando. Sempre foi um baita goleiro, além de uma pessoa excelente. Só lamento que ele não tenha o reconhecimento que deveria ter como grande goleiro que foi.

O Palmeiras sempre teve uma coisa ótima: trazer os goleiros da base pra treinar com os profissionais. Foi demais trabalhar com o Velloso já em 1992. Ele sempre me ajudou muito. Uma palavra de apoio dele e de outros mais velhos dava uma motivação muito grande. Ele, o Galeano e o César Sampaio sempre falavam quando eu ia bem no treino. Era demais, porque tinha muita imprensa na Academia. Dava um frio na barriga ver todas aquelas câmeras lá só pra ver a gente treinar. Imagine, então, num jogo pra valer!

Era questão de paciência. Se eu tinha saído de Oriente e chegado ao Palestra Itália, a minha hora chegaria.

MEU PALESTRA ITÁLIA

Tenho orgulho de dizer que passei pela escola de goleiros do Palmeiras. Fui revelado pelo mesmo time de Oberdan, Leão, Velloso e tantos outros goleiros que brilharam com a camisa do Verdão. Tenho orgulho de dizer que faço parte dessa tradição.

Isso só foi possível por causa de uma pessoa: Carlos Pracidelli é o nome dele. Carlão, pra todos que tiveram o privilégio de trabalhar com ele. Era o treinador de goleiros da base do Palmeiras, em 1992. Ele diz que, assim que botou os olhos em mim, notou que eu tinha pinta de goleiro. A única coisa é que eu ainda tinha cabelo naquela época. Tinha mais pose…

Foi com cabelo meio Chitãozinho & Xororó que fiz a minha primeira partida pelo Palmeiras, contra o Guaratinguetá, em 1992. Depois daquele jogo, os demais goleiros da base começaram a treinar com os titulares pra ganhar experiência. E eu comecei a ficar mais tempo entre os profissionais. Comecei a sentar no banco algumas vezes. Mas ainda faltava algo. Eu queria jogar no Palestra, perto da nossa torcida.

Só consegui isso em 1996. Quatro anos depois! Entrei no finalzinho do jogo contra o XV de Jaú, no lugar do Velloso, em 30 de março. Era o tempo daquele time espetacular do Palmeiras, que vivia uma fase impressionante de 21 vitórias seguidas. 14 delas por goleada! Aquele jogo foi o 12º da série. E foi incrível. Se oficialmente foi a minha segunda partida pelo clube, a primeira valendo campeonato, considero a minha estreia de verdade. No estádio onde faria 211 jogos. Sou o palmeirense que mais atuou na nossa casa. É um orgulho danado ter essa marca, mesmo sendo apenas o 7º jogador que mais atuou pelo clube, atrás de monstros consagrados como Luís Pereira, Waldemar Carabina, Valdemar Fiume, Dudu, Leão e Ademir da Guia. Dois que são estátuas no clube. Como eu também vou ser. E ainda não acredito!

Nunca soube agradecer à altura tudo que o clube fez por mim.

É algo mágico imaginar isso. Desde criança me falavam do Junqueira, do Fiume, do Ademir, que têm os bustos no Palestra. Nunca soube agradecer à altura tudo que o clube fez por mim. Tenho ainda menos palavras agora por causa da homenagem que foi aprovada pelo Conselho Deliberativo logo depois da minha aposentadoria, em janeiro de 2012. Vou virar estátua! Não sou do tipo

que se sente confortável recebendo homenagem. Sou uma pessoa muito simples. Também por isso não esperava ganhar um busto no clube. É muita coisa pra mim. Uma felicidade enorme. Como foi a procissão que a torcida fez pra São Marcos no primeiro jogo depois do anúncio da minha aposentadoria, contra o Ajax, da Holanda, em janeiro de 2012. Mais de 5 mil pessoas foram às ruas paulistanas pra me homenagear. Eu não mereço isso tudo.

Todo esse carinho senti pela primeira vez como titular contra o Botafogo de Ribeirão Preto, no mesmo Paulistão de 1996. Comecei no lugar do meu ídolo Velloso, que estava suspenso. Ganhamos por 4 a 0. O mesmo placar da estreia, em 1992, quando eu tinha menos de 20 anos. Mas, naquele 19 de maio, domingo ensolarado no Palestra, me senti um menino de 5 anos de idade que tinha ganhado um autorama no Natal – acho que deveria ser alguma sensação parecida, porque, na minha infância, nem em sonho sabia o que era um brinquedo desses.

Mas o maior dos presentes ganhei aos 21 minutos do segundo tempo. Pênalti pro Botafogo, lá no gol das piscinas do Palestra. Já estava 4 a 0 pra nós. Se saísse o gol, não mudaria muita coisa. Mas, pra mim, era o lance decisivo. O Paulo César bateu no canto direito, espalmei pra escanteio.

Na hora, nem sei direito o porquê, me ajoelhei e ergui os dedos apontando pro céu, agradecendo a Deus. Sem querer, estava iniciando um ritual que seria quase sempre o mesmo.

Na hora, nem sei direito o porquê, me ajoelhei e ergui os dedos apontando pro céu, agradecendo a Deus. Sem querer, estava iniciando um ritual que seria quase sempre o mesmo, a não ser em casos especiais. Como aquele pênalti da Libertadores de 2000, que mais tarde eu conto.

Pra mim, poderia me aposentar ali. Garantindo a vitória do nosso time, o nosso torcedor gritando o meu nome. O que mais eu poderia pedir? No final, pra TV Bandeirantes, agradeci a Deus por aquele momento, aos meus amigos e à minha torcida. Disse que tudo só poderia dar certo na minha vida com tanta gente assim torcendo por mim. Só não imaginava que fosse dar tudo muito, mas muito certo. Ainda bem que não me aposentei. E, confesso, ainda bem que estava com a camisa 12. No Paulistão de 1996, a numeração era fixa. O Velloso era o número 1. Eu, o 12. O mesmo número que usaria na Libertadores de 1999. Que voltaria a usar no Paulistão de 2008, quando fomos campeões. Que terminei a carreira usando. Não por superstição, por vencer muita coisa com ele, mas porque me machuquei menos vestindo esse número. E, também, muita gente achou que seria legal. “Ser o número 12 número 1 da história do Palmeiras.”

Pra mim, poderia me aposentar ali. Garantindo a vitória do nosso time, o nosso torcedor gritando o meu nome. O que mais eu poderia pedir?

Esse número de camisa deve ser aposentado no clube. Mas, confesso, não me preocupo muito com isso. Afinal, a única pessoa que não sabe o número que está vestindo é o próprio jogador. Não vou ficar olhando no espelho ou pras minhas costas. Aliás, nunca é bom um atleta ficar muito tempo se olhando no espelho. Ainda mais um cara feio como eu.

A COPA DO BRASIL DE 1998

Faltavam poucos minutos pra acabar o jogo de volta da decisão. Quem ganhasse a Copa do Brasil já estaria classificado pra Libertadores de 1999, o maior objetivo do clube. Na ida, no Mineirão, o Cruzeiro vencera por 1 a 0. Agora, o Palmeiras ganhava por 1 a 0. Gol no primeiro tempo do Paulo Nunes. Se terminasse assim, decisão por pênaltis.

Em 1996, o Palmeiras tinha aquele baita time que só sabia vencer e até golear. Até perder o Muller no jogo final, no Palestra, e perder também a finalíssima pro mesmo Cruzeiro, por 2 a 1. Nos dois jogos, o Dida fez milagres. O Velloso, também. Mas ele largou uma bola no fim que deu no gol do título do Cruzeiro. E acabou marcado por isso. As pessoas esqueceram que 5 minutos antes tinha feito um milagre numa jogada de cavadinha do Palhinha. Só lembraram da bola que escapou e caiu nos pés do Marcelo Ramos. Esqueceram as grandes partidas do Velloso e as ótimas atuações daquele timaço. Foi um desastre termos perdido aquele título. Uma injustiça por tudo o que aquela equipe jogava e encantava.

Em 1998, além da Copa do Brasil, também queríamos revanche. Não tínhamos um time tão técnico como o de 1996. Mas tínhamos chance de revidar aquela derrota. Mais uma vez, eu estava na reserva do Velloso. Faltavam alguns minutos no Morumbi, aquele jogo se arrastando pros pênaltis. O Felipão me mandou pro aquecimento. Nos treinamentos, eu já tinha um aproveitamento melhor que o do Velloso nas cobranças de pênalti. Achei que ele iria me colocar pra defendê-los.

Uma honra? Uma roubada! Vai que eu entro só pra disputa e não cato nenhum pênalti?! Quem seria o responsável pela derrota? Eu! Naquela época, não tinha esse cartaz todo. Era apenas o reserva de um grande goleiro como o Velloso. Eu já tinha sido chamado pra Seleção pelo Zagallo, em 1996, depois de 18 jogos como titular. Fui reserva do Zetti em Brasil 3 × 1 Lituânia, em Teresina, em outubro. Mas só isso. Quando o Velloso se recuperou da lesão, voltou a ser o número 1. Com toda razão e merecimento. Embora eu tentasse cavar uma brecha, né? A gente costumava dividir o quarto em concentração. Eu sempre deixava o ar-condicionado no máximo pra ver se ele pagava uma gripe pra então eu poder jogar. E o Velloso nem espirro dava! Eu tive de parar com a brincadeira porque achei que iria sobrar uma pneumonia pra mim mesmo.

Como no frio daquela tarde de sábado no Morumbi. Eu estava uma pilha maior que a torcida, nervosa com o time que chegava pouco à meta do Cruzeiro.

Estava cheirando pênaltis. Pra mim, estava fedendo. Até que, no finzinho, uma falta pra nós, meio de longe. O Zinho bateu. O Paulo César, goleiro deles, deu rebote, mas pra fora da pequena área, quase na linha de fundo. O Oséas correu pra bola e tinha uns dez do nosso time dentro da área. Todos livres, desmarcados. Era só rolar pra trás e correr pro abraço, comemorando o segundo gol e o título. Mas não é que o maluco resolve, sem o menor ângulo, chutar dali mesmo, da linha de fundo?! Não tinha como aquela bola entrar. Não tinha como ele chutar dali. Não tinha cabimento aquele chute. A bola não caberia dentro do gol.

O Felipão levantou do banco xingando o Oséas de tudo quanto é nome por não ter passado pra trás. Quando ele entendeu o que havia acontecido, depois de meia hora, porque a bola demorou uns 40 minutos pra entrar de onde o Oséas tinha chutado uma bomba, o Felipão continuou xingando. Mas de alegria e alívio. Era um milagre! Um gol sobrenatural, espírita, sei lá como se chama. Só sei que foi gol – e não me pergunte como foi. Muito menos ao Oséas.

Uma honra? Uma roubada! Vai que eu entro só pra disputa e não cato nenhum pênalti? Quem seria o responsável pela derrota? Eu!

Foi 2 a 0. O Palmeiras era campeão. Naquele momento, fiz uma promessa. Nunca mais xingaria o Oséas. Ele poderia perder gol, fazer bobagem, marcar gol contra… Não importa. Ele tinha nos dado o título. E tinha evitado aquela decisão por pênaltis que poderia ser fatal pra mim.

Juro que cumpri essa promessa. Até porque já tinha xingado muito o Oséas quando, três meses antes, ele fizera aquele gol de cabeça contra o Velloso, num empate com o Corinthians, no Morumbi, pelo Paulistão. Se eu tivesse feito a promessa antes daquele gol contra bizarro, juro que não o teria xingado. Mas acho que apenas eu no clube teria poupado aquela peça.

O JOGO MARCANTE

Um gol do Marcelinho Carioca aos 7 minutos. Outro do Fernando Baiano. O Paulo Nunes descontou no fim do primeiro tempo. Perdemos pro Corinthians por 2 a 1, em 17 de março de 1999, quarta-feira à noite, no Morumbi, pela primeira fase da Libertadores.

Foi meu primeiro jogo como titular pra valer no Palmeiras. O Velloso havia se machucado na véspera, no rachão antes do dérbi. Uma lesão séria na coxa direita. Eu e o Sérgio, que tinha voltado naquele ano pro clube depois de sair emprestado desde 1995, revezávamos no banco. Aquele jogo seria do Sérgio. Não tinha esperança de eu entrar jogando. Ainda mais numa competição como a Libertadores, a nossa prioridade em 1999. Tínhamos um excelente elenco, contratado pela Parmalat pra ser campeão da América. Um baita goleiro experiente como o Velloso. Um reserva de qualidade como o Sérgio, campeão de tudo em 1993, ainda mais rodado.

Tanto não esperava atuar naquela quarta-feira que, no domingo, na preliminar do jogo pelo Paulistão, em Santa Bárbara do Oeste, fui o goleiro do time de aspirantes. Na prática, era o terceiro goleiro do time. O Sérgio era o reserva imediato do Velloso. Só depois soube que o Felipão e o Carlão estavam meio putos comigo umas semanas antes, em que eu havia exagerado na comida. Mas treinei bastante e voltei ao peso ideal. Quer dizer, um pouco além dele. Preciso estar mais cheinho pra jogar o que sei. Se estou no peso que os médicos e preparadores dizem que é o “ideal”, me sinto meio fraco.

Sabia que tinha de matar um leão por dia. Mas naquela partida, tinha de ser uma manada toda.

Quando o Velloso se machucou depois do jogo em Santa Bárbara, o Felipão perguntou pro Carlão Pracidelli se o Palmeiras precisava de outro goleiro melhor ou mais experiente. Era o tempo das vacas literalmente gordas da Parmalat. Eles poderiam comprar qualquer um no mercado. Mas o Pracidelli me deu todo apoio. Disse ao treinador que eu era uma “bomba atômica pr onta pra explodir”. O Felipão sempre confiou no Carlão. E também gostava de mim.

Foi uma puta responsabilidade. A torcida já andava bronqueada com o time. Também com o Velloso. Ele havia sido xingado no empate contra o Olímpia, no Palestra, no jogo anterior ao da Libertadores. A torcida também desconfiava de

mim. No início da temporada, no Rio-São Paulo, o Felipão escalou um time reserva. Estava lá e levei 13 gols em 4 jogos. Sabia que tinha de matar um leão por dia. Mas, naquela partida, tinha de ser uma manada toda.

Mas, no fim, mesmo com a derrota pro Corinthians, um monte de jogador de alto nível que a gente tinha me ajudou demais. Zinho, Júnior Baiano, Roque Júnior, César Sampaio. Todos passaram confiança e tranquilidade. Mesmo com a derrota. Mesmo com parte da imprensa achando que eu fosse imaturo. A *Folha de S.Paulo* afirmou que eu deveria sair do time depois de levar dois gols. Indefensáveis…

Problema, mesmo, é que tive uma luxação no dedo mindinho da mão direita. Mas, sem o Velloso, não teria jeito de sair do time por isso. Ficaríamos sem goleiro. Então eu tinha de agarrar aquela chance com 9 dedos. Como era o mindinho, não haveria tanto problema. O Felipão avisou pra quem quisesse ouvir (no caso, eu): quem quisesse subir na vida precisaria superar traumas e se sacrificar. Foi o que fiz. Mais uma vez.

Na sexta-feira, menos de 48 horas depois da derrota pro Corinthians, estreamos na Copa do Brasil, vencendo o Gama por 1 a 0, com um time misto. Fui mantido e salvei um gol do Lindomar, no final. O dedo não foi problema. No domingo, vencemos o Guarani, agora pelo Paulista. O resto foi consequência. Peguei uma série boa de jogos e, no final das contas, jamais vou esquecer 1999.

Fico até agradecido por ter virado titular tarde, aos 25 anos. Quanto mais velho o goleiro, melhor. E iniciar pra valer a carreira daquele jeito, naquele ano, não tem como descrever.

CANONIZAÇÃO

Eu não sabia se continuaria como titular quando o Velloso se recuperasse da lesão. O Palmeiras não sabia se seguiria adiante na Libertadores de 1999. Aquela derrota pro Corinthians acabou nos deixando no segundo lugar do grupo. Tivemos de encarar, logo nas oitavas de final, o campeão sul-americano do ano anterior: o Vasco, que tinha um timaço, e que nos vencera na disputa do título brasileiro de 1997. No jogo de ida, empatamos no Palestra por 1 a 1. Precisávamos vencer em São Januário, onde o Vasco não perdia fazia um ano e meio… Mas o time jogou demais! O Alex, nosso meia, acabou com o jogo, e vencemos por 4 a 2.

Mesmo assim, ainda não nos considerávamos prontos. A imprensa nos dava ainda menos bola. E enchia a do Corinthians, então campeão brasileiro. Mas, nas quartas de final, tudo começou a mudar. Viramos o jogo. E eu virei algo que não sou: santo.

Até um tempo atrás, eu não gostava muito do termo, não. Gerava muita responsabilidade. Depois comecei a gostar. É como “Animal” pro Edmundo, “Matador” pro Evair. O pessoal cria, fica legal e pega. Não tem como fugir. É só a turma não achar que eu tenho de ser santo o tempo todo. Aliás, não sou em tempo algum… Mas, naqueles jogos, estava mesmo iluminado.

Viramos o jogo. E eu virei algo que não sou: santo.

Na primeira partida, no Morumbi, a gente começou levando pressão deles, que tinham acabado de trocar de técnico. Foi um verdadeiro bombardeio, e a gente se segurando do jeito que dava. Aos 19 minutos, o Oséas escapou e fez 1 a 0 pra gente.

O time dos caras era bom. Tinha Marcelinho Carioca, Ricardinho, Rincón, todos eles em uma fase sensacional. No final do primeiro tempo, fiz uma série de quatro defesas difíceis, uma atrás da outra. A imprensa veio falar comigo no intervalo. E eu ali, rezando ajoelhado, em cima da linha, por quase um minuto. Mal reparei que estavam todos me esperando. Eu não estava acostumado ao assédio.

E precisava aprender rápido. Porque, no segundo tempo, foi a mesma coisa. Mesmo depois de nosso segundo gol, marcado pelo Rogério, no contragolpe. Eles continuaram apertando. E eu, largo demais: teve um chute de longe, do

Fernando Baiano, em que eu relei na bola, que bateu no travessão e nas minhas costas, e saiu. Ao final, depois de 30 finalizações deles e 14 defesas minhas (quem contou foi o Datafolha, não eu), comemoramos muito o 2 a 0. Aquele jogo era só metade do confronto. Mas sabíamos que faltava muito mais que isso. Novamente orei ao final, enquanto os repórteres me esperavam. O pessoal achava meio esquisito. A *Folha de S.Paulo* publicou, no dia seguinte, que eu "rezara e virara estrela". Não era estrela. Nem santo. Nem rezava muito. Mas tinha de orar cada vez mais, mesmo. Sentia a mão de Deus junto com a minha em cada defesa.

Na segunda partida, começou tudo igual. Cabeçada, chute de fora da área, de dentro, e eu me virando pra defender. Mas dessa vez não teve santo que me ajudasse. Aos 31 minutos, o Edílson marcou pra eles. No comecinho do segundo tempo, o Ricardinho aumentou. Eles finalizaram 21 vezes naquele jogo. Conseguimos nos superar e, mesmo passando sufoco até a última bola, fomos pros pênaltis.

Do lado deles tinha o professor Valdir de Morais, nosso mestre, que estava na comissão técnica do Corinthians. Mas, do nosso, havia um dos discípulos dele, o Carlos Pracidelli, que dava toda a força pros goleiros do Palmeiras.

Era a minha primeira decisão por pênaltis no profissional. Sabia que estava bem e que levava sorte nesse tipo de cobrança. Mas era justamente contra eles, e valendo nossa primeira Libertadores… Estava nervoso. Mas não poderia deixar transparecer. Tinha de passar confiança pros companheiros e, se possível, temor aos adversários.

Sentia a mão de Deus junto com a minha em cada defesa.

No primeiro pênalti, abri os braços pra aumentar minha envergadura e esperei, como sempre. Rezei um pouco antes. A câmera da TV Globo até pegou a imagem. Mas nem com reza forte deu pra chegar na bola que o Rincón bateu bem no cantinho esquerdo. Pulei forte, braços bem esticados, a boca bem aberta, como se eu quisesse engolir a bola. Mas esse tipo de pênalti não tem defesa. Quando a bola vai na junção da rede de fundo com a lateral, tchau. 1 a 0 pra eles.

Eu estava tão nervoso que ficava andando de um lado pro outro. O árbitro Oscar Roberto Godói me mandou ficar quieto, no meu canto, na junção da grande área com a linha de fundo. Foi ali que vi o Arce bater no ângulo do Maurício, que caiu do outro lado. Empatamos. O paraguaio era fera em tudo. Também nos pênaltis.

O Dinei, campeão e experiente, foi bater o segundo. Fui lá encher o saco dele, catimbar um pouquinho. Ele mandou a bola mais ou menos onde o Arce tinha

chutado. Só que a dele bateu no travessão, bem na forquilha, e foi pra cima. Eu fiz o tradicional: bati com as mãos antes do chute e dei um salto pra frente. Desta vez, porém, errei o canto. Caí no direito. Só vi a bola explodir no travessão e voar longe. Gritei de alegria e me ajoelhei, agradecendo a Deus. E à trave.

Evair foi bater o nosso segundo pênalti. Dessa vez, não me preocupei. O Matador é um monstro nesse tipo de cobrança. Ele trotava desde fora da área e levava quase um ano pra chegar à bola. O goleiro dormia antes de ele bater o pênalti. Só que o Maurício foi muito bem na bola, que saiu rasteira, no canto esquerdo. Mas, na rede lateral, não tem santo que defenda. A noite era nossa. 2 a 1.

O próximo pênalti era com o Vampeta. Meu parceiro de Seleção Sub-20, grande figura, desde o Vitória em 1993. Fui até a marca penal cumprimentá-lo. Mas, claro, também azucriná-lo. Sempre fizemos isso. Quando ele ganhava, eu ligava pra dar os parabéns. E, sempre que possível, também dava uma zoadinha, em caso de derrota. Mas sempre foi coisa de amigo, na boa. Esse sempre foi parceiro. Até na nossa dor, sabia a hora de brincar. Nunca faltou com respeito comigo ou com o Palmeiras. Sempre levou na ótima. Até em público foi muito correto quando fomos rebaixados, em 2002. Diferentemente de alguns que foram jogadores do Palmeiras e afirmaram publicamente que não estavam nem aí…

Bola pra frente. Voltemos àqueles pênaltis. Já tínhamos a vantagem. Ela deve ter pesado nos ombros do velho Vamp. Já eu estava mais leve, cada vez mais solto, mais confiante. Ele olhava pra baixo. Eu, só pra bola. Quando ele bateu, de perna direita, já imaginava o canto. E foi nele que fui. Ele bateu à meia altura, à direita. Eu fui com tamanha vontade que já estava quase passando da bola. Espalmei pra longe e só lembro de me ajoelhar e erguer os dedos pra cima. Sabia que Deus estava me ajudando, mas não sabia como agradecê-lo. Tanto que não falei nada, ajoelhado. Só disse alguma coisa depois, já em pé, erguendo mais uma vez os braços.

O Rogério fez 3 a 1. O Sylvinho me deslocou e descontou. 3 a 2. O Zinho bateria o quarto. Ele me disse depois que nunca havia se sentido tão pesado e carregado. Nunca sentira tamanha pressão em campo. Mesmo assim, bateu rasteiro, no meio do gol, e fez 4 a 2 pra nós. Estávamos classificados. Eu mal comemorei. O nervosismo era tamanho que saí andando depois do gol do Zinho, como se nada tivesse acontecido.

Pra muitos, aquele 12 de maio passou a ser o Dia de São Marcos. Pra mim, foi o começo de tudo.

CAMPEÃO DA LIBERTADORES

Semifinal da Libertadores de 1999. River Plate × Palmeiras, no Monumental de Núñez. Perdemos por 1 a 0. Mas poderia ter sido mais se eu não estivesse largo naquele dia. Não só catei muito. Estava com a sorte! Os caras ficaram o jogo todo em cima da gente, e a bola não entrou como poderia. Foi só um golzinho. Estava bom, porque ficaria muito melhor na volta, no Palestra. O Alex mais uma vez acabou com o jogo. Fizemos 2 a 0 antes dos 20 minutos, e acabamos fazendo 3 a 0 no fim. Estávamos na final!

No primeiro jogo, em Cali, o Deportivo fez 1 a 0 no final do primeiro tempo. Perdemos. Mas de novo por uma diferença que dava pra tirar na decisão, em casa. O duro é que vivíamos uma maratona absurda. Depois do jogo na Colômbia, na quarta-feira à noite, fomos pro Rio enfrentar o Botafogo, no Maracanã. Era semifinal da Copa do Brasil, uma sexta-feira. Fomos pros pênaltis e perdemos. No domingo, decisão do Paulistão contra o Corinthians, que vinha espumando por ter sido eliminado da Libertadores.

O Felipão não teve outra opção a não ser escalar um time sem 8 titulares na primeira partida contra o Corinthians. Foi a primeira vez na história do Paulistão que uma equipe atuou com o time reserva porque quis. Foi 3 a 0 pra eles, no finalzinho, e o nosso time com muita gente expulsa. Mas, sem querer menosprezar ninguém, não estávamos dando bola pros rivais e pro campeonato estadual. A prioridade era a Libertadores.

O Palestra lotado nos ajudou demais contra o Deportivo. Mas o time deles era bom. Quase abriram o placar num contragolpe, numa bola que mandei pra escanteio. No segundo tempo, o Evair entrou e fez 1 a 0 de pênalti. Eles empataram em outro pênalti, cometido pelo Júnior Baiano. Tínhamos de fazer mais um. O Oséas desempatou. E fomos pros pênaltis sem nosso principal cobrador, o Evair, que foi injustamente expulso.

Nós começamos as cobranças, no gol de fundo do Palestra. O Zinho encheu o pé, e a bola bateu no travessão. Aquele silêncio… O goleiro deles, o Dudamel, fez o primeiro. Eu de um lado, a bola do outro. Não parecia o dia. O Júnior Baiano bateu o nosso segundo pênalti. Confesso que, quando zagueiro vai cobrar, eu… Bem, eu fico daquele jeito igualzinho ao torcedor. E ele bateu fraco, no meio do gol. Mas a bola entrou. O problema é que o Gaviria também fez o segundo deles. A bola também foi no meio do meu gol. Eu relei nela com a mão e a perna esquerda. Mas não teve jeito. 2 a 1 pra eles.

O Roque Júnior bateu o terceiro e fez. Mas ele fez muito mais. Celebrou a cobrança botando fogo no estádio. A torcida veio junto. O Yepes bateu o terceiro pênalti. Acertei o canto, não a bola. 3 a 2 pra eles. O Rogério mandou no ângulo do Dudamel o nosso quarto pênalti. 3 a 3.

Pra eles, era só não errar. Ou eu defender. Mas não parecia ser o meu dia. Contando com o pênalti do tempo normal, eu não tinha conseguido defender quatro cobranças. Eles estavam chutando melhor que a gente. Só não ganhariam a Libertadores se chutassem mal. E a torcida entrou de vez no jogo. Não apenas incentivava a todos nós – e a mim, em especial –, mas passava a jogar contra os caras. O estádio começou a berrar “Fora! Fora! Fora!”.

Não era só pelo São Marcos que oravam. Rezavam pros santos gandulas pegarem a bola bem longe do meu gol. Gandulas que, aliás, estavam fazendo corrente lá debaixo da meta das piscinas. Nunca vi tamanha torcida junta. Tanto pensamento positivo.

E deu certo. O Bedoya mandou uma bomba na minha trave esquerda. Acertei o canto e, por isso, quase fiz contra no rebote da bola. Continuou tudo igual, 3 e 3. O Euller bateu muito bem e virou o placar: 4 a 3. Agora era comigo e com o Zapata, um dos melhores do time do Deportivo.

O Zapata bateu de pé direito, no meu canto direito. Pulei pro esquerdo. Não vi onde foi a bola. Só a ouvi batendo na placa de publicidade. Milhões de palmeirenses viram a bola pra fora, outros nem conseguiram ver, de tanto nervosismo. Eu talvez tenha sido o único que ouviu o pênalti indo pra fora, e que não o viu. Fez aquele PÁ! de barulho e eu fui pro abraço da torcida, naquela correria louca. Nunca corri tanto na minha vida. Nunca fiquei tão feliz. O Palmeiras era campeão da Libertadores! E eu era o goleiro que participara dos jogos decisivos e do último lance da conquista.

Mais que isso. Acabei ganhando o chavão da Toyota como o melhor jogador da competição. Era a primeira vez que um goleiro ganhava o prêmio. Na véspera da decisão, os jogadores mais experientes se reuniram pra decidir o que fazer com a premiação. Eles chegaram à conclusão de que quem ganhasse o jipão teria de dividir com o elenco. Mas, na hora que peguei aquele chavão, caiu a ficha. Eu ganhava 10, 15 contos por mês. As feras ganhavam muito mais. Falei pra eles:

— Este ano é o primeiro, não vou dividir com vocês, não! Até porque no ano que vem a gente vai voltar pra final, vamos ganhar o bicampeonato, e eu vou ganhar de novo como melhor jogador! Aí eu divido com todo mundo.

Pois é… Chegamos até a final, em 2000, contra o Boca. Nós conseguimos, mais uma vez. Mas perdemos nos pênaltis, e eu não repeti o desempenho de

1999. E, desde então, estou esperando mais uma final da Libertadores.

O MUNDIAL DE CLUBES DE 1999

Dez minutos depois do final do jogo, em Yokohama, liguei pra casa pra falar com a minha mulher. Perguntei: “E aí?”.

Ela não sabia o que falar. Não tinha mesmo muita coisa pra dizer. Assumo que o erro foi meu. Ponto-final.

Não existe carreira sem pelo menos uma coisa ruim pelo caminho. Uma hora ou outra a gente erra. Pena que fui errar justamente no Mundial de Clubes, contra o Manchester United, o campeão europeu. Ao menos assumi na hora. Passou mais rápido. E é mais correto com os companheiros e com você mesmo.

Sempre vão me perguntar a respeito daquela falha. Daqui uns 500 anos vão perguntar pros meus bisnetos. Não tem jeito. Pena que dificilmente questionam os outros companheiros por que não empatamos ou mesmo viramos o placar. Custava os caras terem feito um gol? Como é que vamos ser campeões sem fazer gol? Jogamos bem. Perdemos várias chances. Mas não deu.

Ferrei o Palmeiras no Mundial. Infelizmente, não fui bem naquele jogo. E não tivemos como nos recuperar. O problema daquela fórmula de Mundial num jogo só é que a gente ficava quinze dias só pensando naquela partida, que ao mesmo tempo era a estreia e a decisão do título. Não havia um jogo contra um time mais frágil pra se acostumar logo de cara. Não era como a Copa do Mundo. Um erro seria fatal. E foi.

Depois do gol em que eu larguei a bola cruzada da esquerda pelo Giggs pro Keane marcar, pensava durante o jogo todo que bastava um golzinho pra gente empatar e, quem sabe, ir pra decisão por pênaltis. Pensei: “Vou me consagrar nos pênaltis!”. Não deu. E o pior é que o time deles não era daqueles Diabos Vermelhos que todos tinham pintado. Dava pra ter sido campeão. Jogamos melhor que eles.

Tinha uma faixa que não esqueço. Estava escrito que o Palmeiras só tinha chegado a Tóquio por causa das minhas defesas. Não era verdade.

O Felipão e a comissão técnica prepararam tudo direitinho. Estudamos demais o Manchester. Eles nos passaram o jeito de jogar dos caras, todos os gols que faziam, como cada um batia na bola, como o Giggs ou o Beckham cruzavam. Eu estava bem preparado. Havia dormido bem na véspera. Sabia o que deveria fazer. E me compliquei. O engraçado da história é que aconteceu o oposto a de

um de nossos melhores jogadores em Yokohama, o lateral Júnior. Na véspera, o Felipão repassou pro elenco as jogadas do Manchester. Os caras cruzando, o Yorke e o Cole, os dois atacantes metendo todas as bolas pra dentro. Aí, três da madrugada, o Júnior bate na porta do César Sampaio, nosso capitão:

— Sampaaaaio… Sampaaaio… Ele vai cruzar, Sampaaaio!

— Ô, Júnior, está tarde, vai dormir! Quem é que vai cruzar?

— O Beckham, Sampaio! O Beckham! Ele vai passar por mim e cruzar as bolas!

— Júnior, como bom lateral que você é, basta fechar o lado direito dele. A bola não vai sair.

— Aí ele cruza de esquerda, Sampaaaio. Ele vai cruzar!!!

— Vai dormir, Júnior!

Chega o jogo na noite seguinte. O Júnior, que estava tremendo, joga uma barbaridade. Eu, que dormi feito passarinho, fiz a merda…

Na volta do Japão, vi o quanto o palmeirense é especial. Quando cheguei ao aeroporto de Cumbica, imaginei que seria vaiado, xingado por alguns torcedores. Desci no saguão e vi muitas faixas de apoio, gente agradecendo pelos jogos contra o Corinthians, a partida contra o River Plate, na Argentina, a final da Libertadores contra o Deportivo Cali. Tinha uma faixa que não esqueço. Estava escrito que o Palmeiras só tinha chegado a Tóquio por causa das minhas defesas. Não era verdade. Mas me ajudou muito naquele momento, em que cheguei a pensar em largar tudo. Tanto que, num telefonema pra um amigo, ele me confortou, disse pra eu esquecer, que vida de goleiro era assim mesmo, que eu tinha muita coisa pela frente. Mas, no final do telefonema, ele fez questão de abusar da amizade. E do jeitão dele disse:

— Marcão, bola pra frente, amigo. Não esquenta, não. Você fodeu o Palmeiras, mas não tem problema…

Não preciso dizer que era o Vampeta, né? Mas faz parte. Eu sempre o zoava dizendo que minha carreira tinha mudado depois que defendi o pênalti dele na Libertadores de 1999. Ele adora dizer que tenho uma dívida eterna com ele. Que eu era Marquinho, até virar São Marcos por causa do pênalti perdido por ele, aquela mistura de vampiro com capeta.

Todo o carinho do palmeirense me ajudou demais na primeira partida em casa depois do Mundial: semifinal da Copa Mercosul de 1999 contra o San Lorenzo. Fui bem. Até pênalti defendi. Não estava só jogando pelo meu time, pelos meus companheiros, pela minha carreira. Estava defendendo o meu time do jeito que os torcedores me defenderam depois da maior falha da minha carreira.

O PÊNALTI DO MARCELINHO

O Corinthians tinha um time melhor que o nosso, na Libertadores de 2000. Eles eram os campeões do mundo. Nós éramos os campeões da Libertadores. Eles haviam vencido a gente por 4 a 3 no primeiro jogo, no último chute do Vampeta, que desviou na zaga e entrou. Isso tinha sido numa terça-feira. Durante a semana, alguns de nossos jogadores estavam na Seleção do Luxemburgo, que, no domingo, venceu o Peru por 1 a 0, em Lima, nas eliminatórias. No mesmo dia, pela manhã, tínhamos perdido de virada pro Santos, na semifinal do Paulistão. Precisávamos vencer o Corinthians naquela terça-feira à noite, no Morumbi, por tudo. E por nós. Era o quinto jogo decisivo em 12 dias. Ah, também tinha Copa do Brasil no meio disso… O calendário era pior que o de hoje. Imagine!

Ganhamos do Corinthians por 3 a 2. Gol de cabeça do Galeano. A decisão seria nos pênaltis. Quem se classificasse pegaria o Boca Juniors, na final. Eu precisaria pegar os chutes deles, que tinham sido campeões mundiais contra o Vasco em janeiro daquele ano, também numa disputa desse tipo. Depois disso, eles haviam se classificado contra o Rosário Central, na Libertadores, do mesmo jeito.

Eu, o Sérgio e o Carlão Pracidelli havíamos estudado as cobranças do Corinthians. Estava tudo decorado. Sabia onde cada um batia os pênaltis. Mas, na hora, tudo muda. E eu resolvi mudar também, sem que o Carlão e o Sérgio soubessem. Meu raciocínio: eu sabia que os caras sabiam que eu sabia onde eles haviam chutado contra o Rosário. Deu pra entender, né? Então pensei: vou mudar o canto, porque eles também vão mudar.

O Ricardinho bateu o primeiro pênalti deles. Eu fui pro canto direito, pra onde achei que ele mudaria. Mas ele bateu onde vinha batendo. Gol deles. A mesma história com o Fábio Luciano e o Edu. Bola de um lado, Marcos do outro. Eles repetindo o canto das cobranças. Eu pulando no outro. Intuição zero da minha parte.

O Carlão e o Sérgio queriam me pegar. Mandaram até o Biro, massagista, dar um toque em mim, pra eu lembrar o que tinha estudado. Ele chegou a tempo de ver o Índio bater o quarto e marcar. Esse eu acertei o canto. Mas ele acertou a gaveta. Não tinha como defender.

Sorte nossa que o Marcelo Ramos, Roque Júnior, Alex, Asprilla e Júnior bateram com muita categoria e fizeram os cinco pênaltis do Palmeiras. Quer

dizer, o Júnior mandou uma bomba no meio do gol que passou raspando o pé do Dida. Aí, sobrou pro Marcelinho Carioca o último da primeira série. Se eu defendesse, a gente estaria na final.

Em qualquer pênalti a vantagem do batedor é de mais de 60%. Mas, no caso do cobrador oficial do time, fica um pouco menor. O goleiro já conhece o cara. Sabe das manhas dele, dos gostos, do jeito. A pressão em cima dele é maior. Como eu havia errado os cantos dos outros pênaltis, resolvi arriscar o mesmo lado que ele tinha batido contra o Rosário, no Pacaembu. Isto é, canto baixo direito do goleiro. Um chute forte e colocado. E foi o que ele fez. Foi o que eu fiz. Até porque já tinha errado tudo sozinho. Dessa vez, se errasse o lado, pelo menos tinha pulado no canto que o Carlão e o Sergião queriam. Se eu errasse, a culpa também seria deles…

Quando o Marcelinho chegou pra bola, eu já tinha saído bem antes. Pra chegar naquele canto, com a precisão e a velocidade que ele dava na bola, só se tivesse saído na hora que saí.

Deu tudo certo.

Depois, não lembro mais o que fiz e o que pensei. Nem comemorei como costumava fazer, ajoelhado com os dedos pra cima. Fui feito um maluco me atirar de peito no gramado molhado, com alguns companheiros pulando em cima. Outros fizeram como o Felipão: saíram correndo pra fazer festa no vestiário. Uma das maiores que fizemos! Não só por termos eliminado mais uma vez o nosso principal rival, mas também pelo ambiente que parte da imprensa havia criado contra o nosso time. Tudo aquilo serviu pra deixar a gente mais vivo. E com mais vontade de vencer novamente. O Felipão soube nos incendiar no vestiário. E aquele time sabia como botar fogo num jogo.

Tudo aquilo serviu pra deixar a gente mais vivo. E com mais vontade de vencer novamente.

Sei que muito palmeirense tem a narração desse gol no celular, já viu milhões de vezes o lance na TV e no computador. Eu revi poucas vezes. Primeiro porque não sei mexer em computador e mal sei o que é YouTube. Claro que foi maravilhoso, mas já enjoei desse lance. Parece que só fiz isso na vida, né? Uma carreira é muito maior que um acerto. E também que um erro. O Marcelinho é outro que vive de sacanagem, me cobrando metade do bicho da Copa de 2002 por ter me consagrado naquele pênalti.

Mas não quero ficar resumido a um pênalti defendido contra o Corinthians. Nem ao gol do Manchester United, em 1999.

A COPA DE 2002

Antes de começar a Copa, o Ibope fez uma pesquisa com a torcida. Quem deveria ser o goleiro titular do Brasil? Rogério Ceni era o preferido pra 28%. Dida, do Corinthians, tinha 27%. Eu, só 20%. O legal é que meu ídolo e amigo, Velloso, que nem vinha sendo chamado pelo Felipão e estava atuando pelo Atlético Mineiro, era o quarto na preferência popular. Ainda bem que o treinador do Brasil era 100% fechado comigo. Eu tinha sido goleiro dele no Palmeiras. É uma posição de confiança do treinador. Isso ajudou muito. De todo jeito, recebi o maior apoio do Dida e do Rogério durante a Copa. Eles nunca foram concorrentes. Não teve problema de vaidade, nem estrelismo. Sempre foram amigos, parceiros, colegas. A convivência foi ótima. Nos divertíamos muito. Acabava o treino, a gente fazia disputa de pênaltis. Claro que o Rogério ganhava todas. Ele catava tudo e ainda batia melhor que todo mundo! Sempre me ajudaram muito. E sei que faria o mesmo se eu tivesse ficado no banco.

Eu vivia um bom momento. Foi um dos raros anos, até então, sem lesões. Vinha jogando direto no Palmeiras, que havia feito um bom Rio-São Paulo. Tinha sido eliminado pelo São Paulo nas semifinais, pelo número de cartões amarelos… A gente tinha melhor campanha que eles, mas o que valeu foi que a gente tomou mais cartões nos dois jogos que terminaram empatados. Coisa de louco.

A Seleção sofreu nas eliminatórias. Mas a temporada de 2002 tinha começado melhor. O Felipão fez alguns amistosos, novos jogadores como Kleberson, Polga e Kaká aproveitaram a chance, e o grupo saiu do Brasil animado e mais aliviado. Mais de 200 torcedores foram dar apoio quando saímos de Cumbica. Sentimos que tinha quem gostava de nós. Sabíamos o que as pessoas sofrem no Brasil e como amam a Seleção. Não iríamos brigar apenas por nós ou pelo reconhecimento profissional de cada um. Estávamos lutando também pelo torcedor que vai pra rua comemorar uma vitória da Seleção. Queríamos dar essa alegria a todos eles.

Estávamos lutando também pelo torcedor que vai pra rua comemorar uma vitória da Seleção.

Ficava menos difícil jogar com essa força. Por mais experiente que a gente fosse, por mais poderosa que fosse a camisa da Seleção, em tudo na vida você

precisa de confiança, de carinho. E isso a gente recebeu desde quando fomos pra Ásia. Se não era todo mundo que confiava – e nós mesmos tínhamos muitas dúvidas –, pelo menos era um começo. No Brasil, temos de ser perfeitos pra agradar. No exterior, somos reconhecidos. As críticas mais duras vêm de dentro do país.

Na estreia, ganhamos suado da Turquia, de virada, por 2 a 1. Depois da segunda vitória, contra a China, por 4 a 0, a desvalorização do nosso time ainda era muito grande. Passando pela zona mista (a sala pras entrevistas depois dos jogos), as perguntas da imprensa brasileira foram quase sempre em tom pejorativo, com muitas críticas. Os jornalistas de outros países davam parabéns e elogiavam. Depois do 5 a 2 na Costa Rica, nosso terceiro jogo, quando atuamos com um time misto, a mesma coisa: sempre achavam um erro na zaga. Sei que jogamos e pensamos assim no Brasil. Todo mundo quer marcar o seu gol. Até os zagueiros. Mas, se o pessoal lá da frente colaborar, marcar forte, ajudar no combate, aí fica mais difícil pros rivais. E menos críticas vão sobrar pra turma de trás.

Duro também foi se acostumar à bola usada na Copa. Por ser mais rápida e parecer mais “leve”, balançava, mudava de direção na hora que alguém chutava forte. Ficava pior pro goleiro. Aliás, todo mundo só complicava a nossa vida. O futebol virou negócio e era preciso fazer jogador pra vender todo ano. Ninguém quer fazer goleiro. Anos mais tarde, cheguei a implorar pro pessoal da Nike, que patrocina a Seleção e a maioria dos campeonatos no Brasil, pra fazer uma bola boa pros atacantes e pros goleiros. O jogador de linha tem qualidade pra fazer gol e não precisa de uma bola assim pra isso.

Nunca me importei em saber quem patrocina o meu clube e a Seleção. Gosto de falar o que penso e defender aquilo que acho correto, do jeito que defendo minha camisa quando a visto e meu time quando estou na meta. Tenho todo o direito de criticar uma bola ruim. Não posso fazer nada se quem a fabrica é patrocinador da CBF. Prefiro sempre acreditar que quem manda na Seleção é o treinador. Acho que jamais deixei de ser convocado ou escalado por criticar um patrocinador.

Na Copa de 2002, eu e o Cafu éramos da Lotto. Hoje, com muita alegria, sou da Topper. Mais que um atleta patrocinado, sou um parceiro da empresa. Tem um monte de gente com contratos com fornecedores que não são necessariamente os mesmos da Seleção e dos clubes. Esse é o futebol de hoje. Por mim, jogaria descalço e sem luvas. Mas acho que aí é que ninguém ia dar bola pra mim. A bola seria ainda mais perigosa e traiçoeira do que já é.

BRASIL 2 × 0 BÉLGICA

O Brasil era o favorito de todo mundo nas oitavas de final contra a Bélgica. Quer dizer, de quase todo mundo. Sei muito bem na carne e na alma como são esses jogos. É moleza faltar concentração. É como se todos esperassem que a vitória viesse por magia, sem ter de correr atrás. Mas eu não me dou o direito de perder a concentração nem nos treinos, ainda mais em uma partida eliminatória de Copa.

Ainda bem que o Carlão Pracidelli me ajudou na preparação pra partida. A gente precisava ter muita atenção na marcação. Uma jogada aérea, com a bola vindo da linha de fundo ou levantada da intermediária, poderia nos complicar. Temos a mania, no Brasil, de marcar a bola. Não poderíamos fazer isso, principalmente naquele jogo.

E foi o que fizemos no gol do Wilmots, que ganhou do Roque Júnior e fez 1 a 0. A sorte foi que o juiz jamaicano, Peter Prendergast (que era a cara do Ronaldo), viu uma falta daquele touro belga. Eu não vi. Melhor pra nós. Daí o Rivaldo e o Ronaldo fizeram os gols de praxe e nos classificamos pra enfrentar a Inglaterra.

Fiz uma boa partida. Pelo menos quatro grandes defesas. Joguei bem porque os belgas nos atacaram. Apareci porque fui acionado. Nas outras partidas, os times não atacavam o Brasil. Naquele jogo, pela primeira vez na Copa, fui realmente elogiado pela imprensa brasileira. Mas não me empolguei. Não adianta me sentir o melhor do mundo e depois falhar no jogo seguinte. Seria crucificado do mesmo jeito. Ainda mais eu. Nas entrevistas depois do jogo, ainda teve repórter me perguntando se o fato de o Brasil atuar com três zagueiros não diminuía a importância do goleiro da Seleção. Respondi que, se fosse assim, seria melhor nem trazer goleiro pra Copa. Já tínhamos três ótimos zagueiros. Bastava deixá-los em campo, tirando todas as bolas chutadas pro nosso gol. Parecia que eu tinha sido um dos piores do time…

Só me sentiria sossegado e tranquilo com o caneco nas mãos. Senti que não passava à imprensa e ao torcedor a segurança que os meus companheiros sentiam e que também me davam em cada partida.

Só me sentiria sossegado e tranquilo com o caneco nas mãos.

Ainda ouvia muito que eu não sabia repor a bola em jogo. Nem mesmo quando o Datafolha mostrou que eu era o terceiro goleiro que repunha a bola com mais eficiência. Não tinha jeito. Sempre tinha alguém pra apresentar

argumentos contrários aos fatos. O jeito seria, mais uma vez, calar as críticas por meio da bola. Não da boca.

BRASIL 2 × 1 INGLATERRA

Antes das quartas de final contra os ingleses, 11 em cada 10 perguntas da imprensa lembravam a minha falha no Mundial contra o Manchester, dois anos e meio antes. Eu não pensava mais naquilo. Estava numa Copa e, graças a Deus, estava conseguindo ajudar o Brasil.

Claro que queria muito o título de 1999. Tinha sido um jogo marcante pro Palmeiras e pra mim. Mas não podia mais pensar naquilo. Tinha de me concentrar no jogo aéreo inglês. Tinha de apelar pra minha experiência com meu companheiro Arce, lateral paraguaio do Palmeiras desde 1998. Ele cruzava a bola melhor que inglês – aquela bola que sai do pé dele e vai saindo do goleiro. É terrível. E era igualzinha à dos cruzamentos do Beckham, o grande nome da Inglaterra. Eles não eram só um time de chuveirinho. Também sabiam jogar com a bola no chão. Mas o Beckham era o cara. Se você defende uma bola do Zé da Esquina, ninguém fala nada. Agora, defender um chute do Beckham é pra ficar na história.

Numa Copa, ganhar da Tunísia ou da Inglaterra é a mesma coisa. Gol é tudo igual, e a cobrança também. Não podemos facilitar jamais. É preciso ter atenção total nos 90 minutos. Nós, da defesa, jogamos sob enorme pressão. Contra times que abusam do jogo aéreo, ainda mais. Mas estudamos muito bem os ingleses, com ajuda da comissão técnica. Eu cuidaria da primeira trave até o meio da pequena área. Era a minha zona de responsabilidade. Pra isso, teria cobertura às minhas costas pras bolas cruzadas no segundo pau e também pras curtas, no bico da pequena área. Num jogo assim, é fundamental a comunicação entre os zagueiros e o goleiro. Ninguém pode ficar calado.

Só queria fazer o meu trabalho direito e ajudar o Brasil a conquistar o penta.

Entrei com mais responsabilidade em campo. Eu, Cafu, Roberto Carlos, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e Ronaldo estávamos na lista de finalistas pro prêmio de Melhor da Copa. Jamais imaginara ser escolhido como um dos melhores. Só queria fazer o meu trabalho direito e ajudar o Brasil a conquistar o penta.

Tudo ficava menos complicado com a qualidade e com o espírito solidário do nosso grupo. Contra a Inglaterra, todo o time correspondeu. E se superou! Levamos 1 a 0, mas o Rivaldo empatou no finzinho do primeiro tempo, depois de um grande lance do Ronaldinho. No segundo tempo, o Gaúcho bateu uma falta lá no ângulo do Seaman. Até hoje não sei como a bola entrou, nem o que

ele tentou fazer naquela cobrança. Mas valeu. Pena que logo depois ele foi expulso. Ainda assim, o time marcou tão bem (mesmo só com 10) que nem precisei trabalhar muito pra garantir o placar e a alegria final. Não só como brasileiro, mas também como palmeirense.

É o que disse o Felipão depois do jogo. Sabíamos que não era a mesma coisa, que aquela derrota de 1999 contra o Manchester não tinha volta. Mas ele, o auxiliar técnico Murtosa, o Pracidelli, o Júnior, o Roque Júnior e eu, todos tínhamos realmente uma sensação especial. E ficávamos imaginando a felicidade dos palmeirenses por todos nós.

BRASIL 1 × 0 TURQUIA

Chegamos até a semifinal. Não iríamos perder a chance de ser finalistas de uma Copa. O sacrifício de todos foi enorme. Especialmente do Ronaldo, que ficara quase dois anos parado, pra voltar como nosso artilheiro do Mundial. Uma pessoa espetacular, que começava a colher os frutos de todo o sacrifício e de toda a dor que enfrentou. Queríamos voltar pra casa campeões do mundo. Marca que vale qualquer sacrifício. Que fica pra sempre.

Já achava que a estreia contra os turcos havia sido o jogo mais difícil da Seleção. Então, valendo uma vaga na final do Mundial, deveria ser mais difícil ainda. Além de muito organizados taticamente, eles tinham um jogo aéreo duro de marcar. Os atacantes eram corpulentos, sabiam usar a força física pra se colocar na área.

Pra piorar, no último coletivo antes do jogo, trombei com o Belletti. Num escanteio, levei uma joelhada dele na coxa direita. Saí do gramado amparado pelo médico e pelo massagista. Cheguei a pensar que estava fora da Copa. Quando você leva uma pancada assim no meio da coxa, na parte da frente, onde estão os músculos mais fortes, sempre preocupa. Se estava doendo tanto, era porque poderia ter havido alguma coisa. Depois que comecei o tratamento com o fisioterapeuta Luiz Rosan, melhorou bastante. Era noite, dia, madrugada. O Rosan era muito chato. E necessário.

Meu receio é que já vinha tendo que tomar vários cuidados. O doutor José Luís Runco havia pedido pra eu não forçar a musculatura da perna direita. Desde o jogo contra a Bélgica eu não cobrava tiros de meta. Pedia pro Edmílson bater. O doutor Runco explicou que eu tinha uma inflamação crônica no tendão principal do pé direito, problema com que eu convivia há muito tempo. Ele achou melhor não forçar a barra, e foi o que fizemos.

No jogo, quem precisou de tratamento foram meus pais. Se eu fico desesperado lá na meta, imagina eles, em Oriente. Desde que eu soube que jogaria na Copa, levei meus pais ao médico pra receitar um calmante pra eles. Deveria ter pedido um pra mim, também.

Contra a Turquia, deu tudo certo. Joguei bem. Fiz pelo menos duas defesas importantes. Uma cabeçada do Sukur no primeiro ataque deles e uma virada dele que defendi bem no cantinho, no final do jogo. Todas feitas com as mãos de Deus. E com a ajuda do moral que os companheiros me davam.

Sou religioso. Acredito em Deus. Sei que ele sempre me ajudou demais. Sempre foi mais que 100% comigo. Até quando eu não fui tudo isso com Ele…

Quando saímos do hotel pro estádio, os caras da defesa olharam pra mim e disseram: “Marcão, se você soltar a bola, pode ficar sossegado: nós vamos estar no seu rebote pra garantir”. Respondi que, se alguém errasse a cabeçada, eu estaria atrás pra segurar. É assim que funciona um time. E foi assim que deu certo. Essa confiança ajuda muito. Todos da defesa sabiam que, se a gente segurasse a bronca ali atrás, os artistas lá da frente iriam conseguir a vitória. Nosso ataque fez gol em todos os jogos da Copa. O Ronaldo fez o gol de bico que nos levou pra decisão. Na final, contra a Alemanha, bastaria não tomar gol. Ronaldo e Rivaldo fariam o serviço lá na frente.

A PROMESSA FINAL

Sou religioso. Acredito em Deus. Sei que ele sempre me ajudou demais. Sempre foi mais que 100% comigo. Até quando eu não fui tudo isso com Ele…

Véspera da final da Copa de 2002, em Yokohama. Aquele nervo todo. Morria de medo de entrar pra história como o Barbosa, na Copa de 1950. Ele foi um dos maiores goleiros do Brasil, mas foi absurdamente criticado pelo segundo gol dos uruguaios, no Maracanazo. Ficou como vilão. Os inúmeros gols que o ataque perdeu no Maracanã foram esquecidos. O gol que ele levou, não.

No Brasil, o vice não vale nada. Isso é sacanagem. Não podia acontecer de novo com o Brasil. Não podia acontecer comigo mais uma vez. Seria culpado pelo resto da vida. Não adiantava o Carlos Pracidelli, desde antes da Copa, dizer que eu estava pensando bobagem. Toda hora ele me dava bronca. Dizia que eu seria o grande goleiro do Mundial. Até deu uma entrevista em Ulsan, antes da estreia, pedindo pra ser cobrado depois a respeito. Acho que a Fifa não pensava assim, tanto que o Oliver Khan foi eleito o melhor do Mundial…

Mas, nessa entrevista, o Carlão disse que eu nunca estivera tão bem na impulsão, no tempo de resposta, na colocação, na saída do gol. Disse que eu agia muitas vezes como um menino, que reclamava, xingava, falava muito. Daí eu me acalmava e ficava tudo bem. O Carlão sempre soube tudo. Sabia da posição e de mim melhor que eu mesmo.

Mas eu continuava nervoso na véspera da final. Muito mais que na decisão do Mundial de Clubes, em 1999. A noite anterior a cada um dos setes jogos tinha sido terrível. Eu ficava pensando em todos os detalhes dos adversários, analisando os pontos fortes dos atacantes, a maneira como gostavam de bater na bola. Antes da decisão, então, foi a pior de todas as noites. Precisava fazer algo mais. Resolvi caprichar na oração. Dediquei toda aquela oportunidade a Deus. Só Ele mesmo poderia explicar a minha presença na Copa. Um ano antes, eu enfrentara uma operação delicadíssima na mão direita e não tinha certeza nem se voltaria a jogar futebol um dia. Quanto mais atuar em uma Copa! E ainda com a torcida achando que eu realmente tinha ajudado o Brasil a ir tão longe.

Era quase um sonho pra mim. Então prometi a Deus que doaria a uma instituição de caridade 50% da premiação pelo título mundial. Daria metade do que eu ganharia se o Brasil vencesse a Alemanha – e eu não errasse na final.

Logo depois da oração e da promessa, a consciência pesou. Pensei na família, em tudo que eu ganhara com o futebol. E em todas as contas que eu precisaria pagar… Fui ao banheiro e, na volta, fiz uma resenha com Deus:

— O Senhor sabe que 50% eu não vou dar não, né? Mas 5% é garantido.

Estamos nessa, Deus!

E Ele mais uma vez esteve comigo. Mesmo com a minha pechincha.

BRASIL 2 × 0 ALEMANHA

Nunca imaginei sair de Oriente pra fazer a vida numa cidade grande. Imagine então ir pro Oriente e ser goleiro campeão do mundo pelo Brasil! Ganhando os três jogos que a Seleção fez na primeira fase na Coreia do Sul. E mais os quatro decisivos no Japão. Com uma Seleção que saíra criticada do Brasil. E que, mesmo 100% em campo e em pontos, continuava sendo criticada. Eu só pensava no jogo. Só pensava em ganhar daqueles caras e derrotar os derrotistas que achavam que estava tudo errado no Brasil.

Era um sonho. Quase um delírio. Assim como quando fui me aquecer antes da decisão. Quando eu e o Carlão chegamos, do outro lado estavam o Oliver Khan, o grande craque da Alemanha, que seria eleito o melhor jogador da Copa, e seu preparador Sepp Maier, goleiro campeão do mundo em 1974. O Carlão só olhou pra dupla. Dois dos maiores de todos os tempos eram nossos adversários. Pra nossa dupla, que 10 anos antes estava nos juniores do Palmeiras, era demais.

Falei pro Carlão:

— Olha só o Khan e o Maier! Vamos lá pedir autógrafo pros caras?

Era a primeira vez que brasileiros e alemães se enfrentavam numa Copa. Seria o confronto do melhor ataque contra a melhor defesa. A Alemanha havia sido carregada até ali pelo Khan. Acho que foi justo ele ser eleito o melhor goleiro da Copa. Eu não fico triste por isso. Até porque eu não estava lá no Japão pra ganhar um prêmio individual. Queria mesmo era ser campeão mundial. Um prêmio que não tem preço! Um prêmio que é do elenco, não de um só. Prêmio que o Brasil merecia porque tinha mais time que a Alemanha. O Brasil seria campeão se o goleiro fosse eu, o Rogério ou o Dida.

No primeiro tempo, até que não tive muito trabalho. Mas, no reinício do jogo, eles tiveram umas três chances de gol. Com menos de um minuto, o Edmílson salvou uma bola do Jeremies em cima da linha. Logo depois, a defesa mais difícil foi numa cobrança de falta. O Neuville sentou a mamona. Cobrou com uma curva danada. A bola saiu do meio do gol pro canto. Tive muito reflexo, elasticidade e sorte. Consegui espalmar a bola com a mão esquerda com muito sacrifício, e ainda pegou na trave. Não foi a defesa mais difícil que fiz. Mas se a gente tomasse o gol de cara, ia ser difícil virar em cima da Alemanha numa final de Copa. Por isso, não esqueço essa defesa.

É sempre melhor ser humilde. Em qualquer campo.

Daí o Brasil voltou a jogar o que sabe. Aos 21, um lance que pode acontecer

com qualquer um. O Rivaldo chutou, a bola tocou no gramado, o Khan não segurou, não deu sorte, e o Ronaldo fez 1 a 0. Goleiro é assim. Tudo de bom que se faz é esquecido. Ao menos o Khan, depois, no vestiário, pediu desculpas e reconheceu o erro. Ali mostrou humildade e personalidade. Mas, antes da final, falou demais. Disse que os brasileiros teriam de ser realmente os melhores do mundo pra fazer gol nele. Uma bobagem! Goleiro não pode botar banca. Falhou no primeiro gol e comprometeu toda a Alemanha. Valeu a pena provocar o Rivaldo e o Ronaldo? Pra que botar máscara?

É sempre melhor ser humilde. Em qualquer campo. No futebol, ninguém perde sozinho. Nem ganha. Não foi o Ronaldo e o Rivaldo que ganharam a Copa pro Brasil. Foi a Seleção que ganhou. O grupo inteiro, junto com a comissão técnica. Ainda mais aquele grupo que já tinha sido muito bombardeado. Principalmente o pessoal do meio-campo pra trás. Fiquei feliz em ter sido votado como terceiro melhor jogador do Brasil na Copa, atrás do Rivaldo e do Ronaldo, numa pesquisa do Datafolha. Ganhei nota 10 de 66% dos entrevistados. Mas todos fomos vencedores. Com a ajuda de Deus. A quem agradeci como sempre fiz: no apito final do Pierluigi Collina, o terceiro careca mais importante daquela Copa (depois de mim e do Ronaldo…), ajoelhei-me sobre a linha de meta, com os braços abertos. Só ali acreditei no título. Até porque os alemães, mesmo perdendo por 2 a 0, não desistiam. Aos 37, o Bierhoff mandou uma bomba de sem-pulo no canto esquerdo. Nem sei como mandei pra escanteio.

Logo depois, quando o jogo acabou, não sei o que passou pela minha cabeça. Não tinha palavras, então. Não consigo achá-las agora.

Lembro de ter cumprimentado os adversários. Um erro que costumamos cometer é esquecer o time que perde quando somos campeões. Só estamos lá fazendo festa porque ganhamos de alguém, ganhamos de um time que também poderia ter nos vencido. Cumprimentei quase todos os alemães. Só não consegui falar com quem mais queria. O Khan recebeu a medalha e desceu rapidamente pro vestiário.

Não me lembro de muita coisa mais. Não sei de onde saiu a peruca azul que usei na festa, no gramado. Só não esqueço o Rudi Völler, treinador alemão, me elogiando. O Taffarel me dando moral dizendo que fui o melhor goleiro da Copa. E o Pelé exagerando ao dizer que, pela primeira vez, o Brasil tinha um goleiro campeão mundial pra se orgulhar. Não era o caso. Tivemos grandes goleiros, mesmo os que não foram campeões. O problema é que os brasileiros não nos davam bola. Só nos últimos anos os europeus passaram a reconhecer que ganhávamos títulos pelo que fazíamos não só com os pés, mas também com as mãos. E, principalmente, com o nosso coração.

A FESTA DO PENTA

A final da Copa foi difícil, mas a festa do penta no Brasil bateu o recorde. Dormi em cima do trio elétrico. Onde já se viu? A Ivete Sangalo cantando, toda a torcida fazendo festa e barulho, e eu não me aguentando em pé. Também, depois de mais de um dia voando de Tóquio, chegamos a Brasília. Pousamos às 9h45 da manhã. Quase duas horas depois, subimos no trio elétrico. O Felipão e outros jogadores foram atrás, num caminhão dos bombeiros.

Estava um calor absurdo pra julho. Aviões da Esquadrilha da Fumaça escreveram no céu "É penta". E quase 500 mil pessoas pelas ruas de Brasília. No total, entre viagem, desfiles, solenidades, foram quase 40 horas até a praia do Botafogo, no Rio, já de madrugada. Era pra ter chegado até Copacabana. Mas os que ainda estavam na delegação pediram pra encerrar a festa. E o pior é que nosso ônibus levou pedradas de torcedores enfurecidos pelo caminho. Entendo o carinho dos torcedores, que ficaram até de madrugada pra nos ver. Mas eles tinham de entender que a gente não era de ferro. Que a gente nem sabia mais se era dia ou noite. Estávamos mais virados e de cabeça pra baixo do que o Vampeta na rampa do Planalto.

Meu parceiro, aliás, aprontou o tempo todo. No avião, 24 horas de viagem, ele bebeu do Japão até o Brasil. Sem parar. Pegou uns 3 turnos de cachaça. Os caras bebiam umas horas e iam dormir, e ele seguia ali na cerveja, no fundão. Outros caras acordavam e ele os acompanhava… No trio elétrico, em Brasília, ele viu um torcedor com a camisa do Corinthians e pediu pra vestir. Só que o burro trocou a dele, da Seleção, com o torcedor. Eu quase fiz a mesma coisa. Pedi uma do Palmeiras. Um torcedor jogou lá em cima, no trio elétrico. Ganhei a do Verdão. Uma imagem rara, eu vestido com camisa de linha do Palmeiras. Mas mantive a minha da Seleção pra recepção lá no Palácio do Planalto, com o presidente FHC. Quando o Vampeta percebeu que só ele estaria sem a camisa da CBF, pegou a do Brasil da minha mão e jogou pra uma torcedora bonitona. Ainda fez média. E nós ficamos quites.

Aí não teve jeito. Eu e ele chegamos à solenidade sem as camisas da Seleção. Mas foi demais. Porque foram nossos clubes que tinham nos levado até lá, até a Copa, até o penta. Era justo vestir a camisa naquela hora. Quando apareci ao lado dos homens, das autoridades, com o manto verde, teve um sabor especial. Assim como quando, logo depois, o capitão Cafu e o Felipão subiram a rampa e levaram a taça junto com o presidente Ricardo Teixeira. Dois que um dia passaram pelo Palmeiras tinham sido fundamentais na conquista do penta. Ao todo, só no elenco, 11 dos 23 pentacampeões um dia jogaram no Verdão.

Cantar o Hino Nacional ali no Planalto não tem preço. Cantar no estádio já arrepia. Ali, em Brasília, como campeões do mundo, então! Quando recebi a medalha da Ordem Nacional do Mérito, celebrei como se tivesse defendido um pênalti. Me ajoelhei e apontei pro céu. Logo depois, o Vampeta cumpriu o que tinha prometido. Ele não tinha dito que iria dar uma cambalhota na rampa. Ele faria alguma coisa diferente. E, naquele estado em que estava, sem dormir, e cheio, digamos, de energia, só poderia dar naquilo. Só não sei como ele conseguiu ficar em pé depois. Pra falar a verdade, nem mesmo antes. Ele pensou em dar uma cambalhota só e pronto. Mas, na rampa, na ladeira, do jeito que estava, mais de 24 horas de tanque cheio, ele não conseguiu parar. Nem quando ficou em pé. Rolou de novo. E nós rolando de rir na solenidade.

Era uma honra toda aquela festa pra nós. Pra mim, era também um alívio.

Também não sei como a gente ainda conseguiu desfilar na manhã do dia seguinte, no sambódromo paulistano. Só tinha sobrado eu, Cafu, Roberto Carlos, Denilson, Juninho Paulista, Ricardinho, Kaká e o Belletti. Tínhamos chegado do Rio umas 4h30 da manhã. E sem a taça. O mais impressionante é que tinha, ainda, 3 mil torcedores pra festejar.

Era uma honra toda aquela festa pra nós. Pra mim, era também um alívio. Estava feliz por não ter falhado na decisão, por não ter sido mais um Barbosa da Seleção. Mas sabia que também não iria mudar uma palha na minha carreira ter sido campeão mundial. Os clubes europeus iriam continuar não procurando goleiros brasileiros. Eles não acreditavam na gente pra essa posição, naquela época. Falavam que nossos goleiros saíam mal do gol, entre outras coisas. Elogiavam sempre os italianos. Também, lá é menos complicado. Ficam dez caras dentro da área defendendo o gol. Quero ver jogar no Brasil, com campo esburacado, defesa exposta, iluminação ruim. É outra coisa.

Eu também não acreditava mais, em 2002, que disputaria outra Copa. Dizia pra todo mundo que aquele seria meu único Mundial. Em 2006, na Alemanha, teria 32 anos. Todo ano surgem vários grandes goleiros, cada vez mais preparados, cada vez mais altos e fortes. Imaginava que não teria energia pra garantir a vaga de titular da Seleção por mais 4 anos.

Não foi frustrante não disputar mais um Mundial. Sabia desde 2002 que isso aconteceria. Só não imaginava ser tão feliz na minha única chance. Já estava tudo maravilhoso.

Era hora de voltar pra onde tudo começou. Pra tudo que sempre mais importou pra mim. O meu clube. Afinal, até hoje sou muito mais reconhecido e querido pelo palmeirense por causa da Libertadores de 1999 do que pelo

torcedor brasileiro pela Copa de 2002.

O ARSENAL

Eu e o Rogério Ceni só não somos os últimos dos moicanos nos clubes brasileiros porque não temos cabelo pra tanto. Ele é do São Paulo desde 1990. Fui do Palmeiras de 1992 a 2011. Não faltaram oportunidades no Brasil e fora dele pra que saíssemos. Preferimos ficar.

Quando apareceu a proposta do Arsenal, no começo de 2003, achei que seria meio cafajeste sair do Palmeiras, que estava amargando a Série B. Eu havia caído com o time no Brasileirão de 2002. Tinha de ajudá-lo a subir do jeito que o clube sempre me ajudou na vida. Pra mim, o auge da carreira não seria atuar na Europa, morar em Londres. A minha glória tinha sido já em 1992, quando cheguei e fiquei num clube grande. Nada poderia ser maior do que dar certo no Palmeiras. Não precisava atuar fora do país pra ser reconhecido. Já tinha conquistado muito com o título mundial de 2002.

Sei que hoje é diferente, com as novas gerações. Os caras chegam ao profissional já pensando primeiro na Europa, depois na Seleção e, por último, em atuar num grande clube do Brasil. Pra mim foi fácil recusar a proposta do Arsenal pra substituir o David Seaman. Sempre achei que, no Palmeiras, estava onde gostava, onde era feliz. Não me arrependo nem um pouco da escolha que fiz. Sou goleiro de um time extremamente grande. Adorado pela torcida e igualmente cobrado por isso. Mais tarde, também apareceriam outras propostas pra sair. Em 2005, o Corinthians, que tinha a MSI por trás, fez uma baita proposta. Mas como sair do Palmeiras depois de dezoito anos? Imagina eu entrando no Palestra contra a minha torcida? Não é o que prego quando falo. Não é o que eu faria.

Não me arrependo nem um pouco da escolha que fiz. Sou goleiro de um time extremamente grande.

Mas, claro, em 2003, com aquele caminhão de dinheiro do Arsenal, fiquei muitos dias sem dormir até tomar a decisão de não sair do Brasil. Isto é, de não deixar o Palestra. O dinheiro pesava. A própria Série B, onde pra mim era questão de honra permanecer, também era problema. Sabia que, mesmo ficando, seria cobrado demais na Segunda Divisão. Qualquer falha seria um inferno ainda maior do que já era.

Um belo dia acordei e disse pra todo mundo que ficaria no Palmeiras. O

pessoal no clube, os companheiros, até a imprensa, todo mundo perguntava se eu estava louco. A família, não. Sempre dividi com eles o que pensava, eles sempre me apoiaram em tudo. Os amigos insistiram pra que eu fosse embora. Lembravam sempre a Série B. Bati o pé e disse não. Isso me ajudou a me tornar mais ídolo ainda dos palmeirenses. Afinal, declarar amor ao clube, beijar a camisa, dizer que é guerreiro, todo mundo pode fazer isso. É fácil na frente das câmeras. Mas é na hora do "pega pra capar" que a gente vê quem é quem. Quem é palmeirense.

Em vários aspectos teria sido ótimo jogar na Europa. Financeiramente e culturalmente, tudo seria maravilhoso. Mas, graças a Deus e ao meu trabalho, já fui um monte de vezes pra lá. Quero voltar outras tantas. Mas prefiro morar na minha casa. No meu país. E trabalhar no meu clube. O Rogério pensa o mesmo. O Dida, não. Por isso, certamente, ele está mais rico que nós dois.

Onde eu iria achar meu sítio pra pescar na Inglaterra? Lá não tem cachaça, nem cigarrinho de palha, nem moda de viola.

Eu seria mais rico, mas, certamente, não tão feliz se tivesse ido morar em Londres. Onde eu iria achar meu sítio pra pescar na Inglaterra? Lá não tem cachaça, nem cigarrinho de palha, nem moda de viola. Seria mais difícil jogar truco e conversa fora com os amigos. Seria mais complicado ouvir música sertaneja, Tião Carreiro & Pardinho, Teodoro & Sampaio. Não daria pra ver shows dos meus ídolos no Vila Country…

Isso não tem preço que pague. Ganhei bem até parar de jogar. Muito menos do que ganharia fora. Mas eu e o Rogério Ceni não somos coitados. Sempre fui reconhecido pelo clube, que sempre foi legal comigo. Até nas épocas em que quiseram que eu saísse. Outras vezes, eu cheguei a pensar em deixar o Palmeiras, mas resolvi ficar. Fiquei porque quis. Foi o destino. E ele também foi muito bom comigo.

PALMEIRAS NÃO SE REBAIXA

Ninguém quer ser um jogador de segunda categoria. Ou de um time rebaixado. Pro palmeirense, foi péssimo disputar a Série B em 2003. Pra imprensa, não foi fácil a cobertura. Mas, pra quem jogou, foi demais. Voltamos pro nosso lugar, a primeira divisão, como campeões incontestáveis. Sem tapetão, sem virada de mesa. Numa época em que subiam apenas dois times, depois de dois quadrangulares em turno e returno. Contra adversários como Botafogo, Sport Recife, Portuguesa e Santa Cruz.

O clube reformulou o elenco que havia sido rebaixado em 2002. Também era mais fácil cair, então. Era um turno só do Brasileirão. Bastava uma má campanha e BUMBA! Não tinha returno. Não teve dó. Machucado, no final, assisti, como torcedor apenas, ao grupo se esforçar pra sair da situação em que nós mesmos nos enfiamos. Fizemos tudo errado. Ficamos o campeonato todo em 2002 dizendo que time grande não cai, que tinha muito tempo pra se livrar do rebaixamento… Achávamos normal perder pontos pra times pequenos em casa, ninguém cobrava nada pelos maus resultados…

Erramos desde a montagem do elenco até a troca constante de treinadores, passando por alguns jogadores que não estavam nem aí com o rebaixamento. Tanto é que não estavam mais lá no Palestra em 2003, quando tivemos de recomeçar do zero. Ou pior: abaixo do zero. Na segundona dos infernos.

Antes dela começar, ainda conseguimos apanhar do Vitória, pela Copa do Brasil. A maior derrota da história do Palestra Itália. Até 5 gols sofridos, pro goleiro, a gente aceita. Pode acontecer. Seis já é um absurdo. Sete, então… Na hora que tomei o sexto gol do Vitória, fiquei cego. Uma bola sobrou espirrada na entrada da área. Estava 6 a 2 pra eles. Tínhamos um jogador a menos. Eu poderia defendê-la com a mão. Mas quis dar um bico pra frente, pra longe do estádio – justamente onde eu queria estar. Estava com tanto ódio de ter tomado seis gols que furei a bola feio. Só fiz lambança aquele dia. Já tinha tomado uns dois frangos. Levei um ainda pior. O Adãozinho, nosso volante, que estava no lance, só conseguiu falar “Misericórrrrrrrdia, Marcos”, com uns 7 erres caipiras. Um pra cada gol do Vitória naquela noite.

A sorte é que eles não chutaram mais ao gol. Teria sido uns 15. Eu não iria mais pular nas bolas, de tanta raiva que estava. Não é o certo. Mas é o que acontece dentro de campo. Não deveria ter acordado aquele dia. Pior ainda foi no dia seguinte. Mal dormi. Só virava de um lado pro outro na cama, pensando

em cada gol que tinha tomado. E foram tantos… Teve gente que nem deitou. O Magrão, nosso volante, foi encontrado na sala da casa dele, de calção, sentado na cadeira, que nem zumbi. Nem tinha ido pro quarto.

Imagine, então, acordar no dia seguinte, encarar o espelho e a vida? Eu estava revoltado comigo, com os caras, com tudo. Pelo menos, tive uma lição antes de chegar à Academia pra reapresentação. Parei num farol da avenida Pompeia e vi um cara vendendo balas com a camisa do Palmeiras. Abri a carteira e abaixei o vidro do carro: “Pra estar usando essa camisa hoje, você deve estar realmente numa pior. Toma 100 paus”.

Mal dormi. Só virava de um lado pra outro na cama, pensando em cada gol que tinha tomado.

Imagina o que o cara estava escutando naquele farol. Cem caroços ainda era pouco. Nem eu, naquele dia, queria vestir a camisa de treino. Mas aprendemos muito com aquela passagem pela Segunda Divisão. A goleada do Vitória animou ainda mais os nossos adversários na Série B, que começou logo depois. Todos os times querendo tirar uma cascona do Palmeiras. Campos ruins, esburacados, mal iluminados.

Por um lado, pra mim, era bom. Se eu não estiver sendo cobrado na vida, só faço bobagem. Sabe como é: jogo fraco, Palmeiras contra “Tiriça F.C.”, pode esperar que vou entregar a rapadura. Alguma merda vou fazer. Por outro lado, também sobrava tudo pra mim. Por causa daquela história de goleiro de Seleção, que um ano antes era campeão mundial pelo Brasil, eu tinha de explicar tudo. Na Seleção já era assim: quando o Brasil ganha, você nem sabe quem é o goleiro. Já no Palmeiras, desde o retorno da Copa, já estava mais complicado. No primeiro gol sofrido que as pessoas achavam defensável (mesmo se não fosse), já era um frangueiro, vaiado e xingado. No Brasil, o sucesso termina na primeira derrota. Pra um goleiro, basta um frango. Ou um suposto frango.

Na Série B, então, tudo sobrava em mim. Todo gol sofrido era a mesma história: “O Marcos não pode tomar um gol assim. Não é digno de um goleiro pentacampeão mundial tomar um gol desses na Segundona”.

Todos sofríamos. Tive até bronquite nervosa. Teve noite que não conseguia dormir por falta de ar, de tanta tensão. Nunca tinha acontecido comigo. O Magrão quase saiu no tapa num casamento da família dele por zoação dos adversários. O Sérgio só fazia compra no supermercado de madrugada pra não ter de aturar o sarro dos outros. Mas o Sergião não tem esportiva, né? Uma vez queria pegar o cara da chapa no McDonald’s que estava zoando com a gente. Na outra vez, ficou maluco porque eu e ele estávamos esperando o conserto de um

carro na concessionária e resolvemos comer um prato feito ali do lado, debaixo de uma sombra. O pessoal via e berrava: “Aê, seus palmeirenses, comendo marmita. Time de boias-frias, timeco de segunda divisão”.

Naquela mesma concessionária passou um mecânico, viu a gente, levantou o dedo indicador e o médio da mão direita, e sorriu pra gente. Como eu sou mais da paz que o Sergião, que é meio bronco, achei que o cara estava fazendo a letra V. De “vitória”, que a gente tinha acabado de ganhar um jogo. Mas eu sou muito sonso, meio caduco, né? O Sérgio entendeu o que o cara realmente quis dizer: eram dois dedos. De segunda divisão. Aí, o educado do Sergião respondeu daquele jeito de quem estudou em Harvard:

— Isso, vai se acostumando com os seus dedos. Este ano são dois pra você. No ano que vem vai ser um só, viu? Este aqui!

Acho que não preciso falar qual.

Se eu demorava a entender algumas das zoações, também demoramos a entender como se jogava a Série B. Time em formação é uma desgraça. Leva tempo, a pressão é muito grande. Só chegamos à liderança na metade final da primeira fase. Mas daí ninguém mais nos tirou do topo. A molecada que subiu era boa de bola. Vágner Love, Edmilson, Diego Souza. Arregaçavam total fora, mas, dentro de campo, respeitavam os mais velhos, ouviam – o que tem sido raro. O Jair Picerni fez um bom ambiente de trabalho e armou bem a equipe. Magrão e Pedrinho jogaram muito. Revelamos bons jogadores, ganhamos dinheiro com grandes audiências na TV (os melhores Ibopes do ano da Record, que passava os jogos aos sábados, foram as partidas do Palmeiras). O Palestra quase sempre esteve cheio. Fora de casa, a mesma história.

A vitória de virada que nos garantiu o acesso, contra o Sport, em Garanhuns, foi um sufoco. Uns dias antes, vendo o estado do gramado lá do estádio no interior de Pernambuco, no *Lance!*, disse que seria difícil jogar naquele “pasto”. Era até um elogio. Na foto do jornal, tinha uns cabritos comendo no meio do campo. Quando cheguei pro jogo, sábado à noite, tinha uma faixa na arquibancada: “Marcos, aqui, onde você pasta, a sua mãe não come”. Era o clima ameno pra partida…

Bola rolando, parecia quando se está jogando pelada e ela cai no telhado. A bola leva um tempo pra cair e você não tem a menor ideia pra que lado ela vai. Era assim quando a gente chutava pro alto. A iluminação era ruim. E muito baixa. Ficava um breu que a gente não via nada. De repente, pintava a bola de não sei onde.

Mas deu tudo certo. Ganhamos a classificação e o título antecipado. Era nossa obrigação voltarmos campeões.

CARLOS PRACIDELLI

Falar o que de um cara como o Carlão? Comecei com ele no Palmeiras em 1992, fomos campeões juntos pela Seleção em 2002, estivemos juntos na volta pra Série A, era meu preparador quando parei, no fim de 2011. Ele sempre esteve comigo, até quando deixou o clube. Tive a sorte de ter grandes treinadores de goleiros, mas ele é especial. Me pegou no amador e me moldou. Basta um olhar dele e já sei o que estou fazendo de errado. É exigente que dói. E, acima de tudo, muito justo. Não é porque somos amigos que, se ele sentia que eu não merecia mais ser titular, ele não falava. Já fiquei muito no banco por decisão dele. E ele sempre tinha razão.

O Felipão sempre consultou o Carlão e fez o que ele sugeria. Ele sabia que a posição de goleiro, além de confiança, exigia muito conhecimento técnico. Na Copa de 2002, por exemplo, tinha 3 goleiros do mesmo nível. O fato de eu ter sido o titular passou também pelo Carlão. Ele chutava 300 bolas pra nós e sabia que estávamos bem preparados. Mas, se ele achasse que o Dida ou o Rogério estivessem num nível superior ao meu, eu seria banco.

Na Copa, desde o início, ele foi fundamental. Me orientou, por exemplo, a usar toda a força na saída do gol. Árbitro europeu não marca falta na disputa de bola de um goleiro com um atacante. Então, tive de ser mais firme, sair socando nos levantamentos na nossa área. Aprendi que ali no gol a ordem é ser o mais simples possível. Se pintasse qualquer dúvida, me livrava da bola, jogando pra escanteio, e acabou.

O Carlão me fez o goleiro que sou.

SEU VALDIR DE MORAIS

O pessoal fala que ele era baixo. É mentira. Ele tinha 1,85 de altura quando jogava. Aí foi ficando velho, foi diminuindo, e hoje tem pouco mais de um metro e meio. Em compensação, não dá pra medir o caráter e a bondade desse homem, que é um pai pra todo mundo. Quer dizer, está mais pra bisavô, né?

Ele diz que goleiro nasce com o dom e vai aprendendo. A gente aprende demais com ele. Do mesmo modo que ele aprendeu bastante com o pai dele, que também foi goleiro. Com seu Valdir, a gente aprende não apenas a se defender, mas também a viver. Ele é um mestre pra goleiros, zagueiros, treinadores, dirigentes, torcedores, jornalistas.

Quando ele quer me zoar, diz que, no tempo dele, não precisava ter altura pra ser um bom goleiro. Verdade, ele tem 1,72 de altura, por aí. Ele diz que é preciso ter colocação, força, elasticidade, reflexo, coragem. E também inteligência pra ser goleiro. Daí ele sempre olha pra minha cara, rindo, achando que eu não tenho todas essas qualidades. E eu, realmente, não entendo o que ele está querendo dizer…

Falando sério, seu Valdir praticamente inventou a função de treinador de goleiros no Palmeiras e no Brasil. Quase todos os grandes goleiros do país passaram pelas mãos dele, nos clubes e na Seleção: Leão, Zetti, Ronaldo, Rogério Ceni, Dida. Muita gente começou ou foi treinada por ele. Todos melhoraram com o que ele ensinava em campo e, principalmente, fora dele.

Ele me pegou no Palmeiras, ainda na base, quando eu treinava com Pracidelli. Dizia que via potencial em mim pra ser um “goleiro mais ou menos”. Acho que ele acertou mais ou menos. Eu tento sempre aprender com ele a ser mais paciente. As conversas com seu Valdir foram fundamentais pra eu permanecer no clube. Goleiro é complicado. Não dá pra jogar dois ou três ao mesmo tempo. Administrar as vaidades e os egos não é pra qualquer um. Nisso seu Valdir também é mestre. Abaixa a bola quando estamos se achando, quando estamos meio “pernas”, mais metidos que já somos. Mas também levanta a nossa bola quando estamos com a moral baixa. Qualquer profissão precisa ser exercida com confiança. A de goleiro, então, tem dias em que você não quer sair da cama, temendo os treinos e até as bolas recuadas pelos companheiros.

De verdade, o futebol é simples. A gente é que complica.

Aí vem o seu Valdir e faz tudo ficar mais fácil. Ele é quem descomplica as coisas, fazendo-as com mais simplicidade. De verdade, o futebol é simples. A gente é que complica. O seu Valdir faz o contrário, ensinando humildade, sendo simples. Uma das tantas lições que aprendi com ele é que o pior jogador é aquele que não sabe dos defeitos que tem e só fala dos defeitos dos outros. Seu Valdir corrigia nossos erros, mas sem falar mal dos outros.

Ele é tão bacana que chega a ser mentiroso quando diz que aprendeu muito comigo, com o Sérgio, Velloso, Diego Cavalieri, Deola, Bruno, Marcelo, Raphael Alemão, Fábio e outros garotos que passaram pela base e pelo profissional. Posso até tê-lo ultrapassado em número de jogos pelo Palmeiras e pela Seleção, mas jamais vou empatar com ele na postura e na forma de agir. Aliás, não só eu. Quase ninguém do futebol conseguirá superá-lo.

O GOLEIRO

Quando o time ganha, entrevistam o artilheiro, quem passou a bola pra ele, todo mundo. Quer dizer, quase todo mundo. Porque quando um time perde, o primeiro a ser entrevistado é o goleiro. Quando não é o único! Por isso não adianta você defender 10 bolas difíceis se você deixar passar uma fácil. Só vão lembrar do frango. Goleiro não decide. A gente só é campeão quando os caras fazem gol lá na frente. Até quando fui eleito o melhor jogador da Libertadores de 1999, na verdade, todos fomos os melhores, os vencedores. Se não fossem eles lá no ataque, não ganharíamos a competição, mas empataríamos a Libertadores.

Goleiro bom precisa ser regular. Se você não será o maior do time, o craque, o cara, ao menos não vai ser xingado toda hora. É só ver TV. Só passam os gols dos jogos. Os lances perdidos por besteiras dos atacantes, ou as grandes defesas, essas não passam. Mesmo que tenha sido um gol de pênalti ou numa canelada, só vai passar isso. Se um jogo tem 700 grandes defesas, não vão passar. Não tem jeito! Quando eu fui ao *Programa do Jô*, na Globo, a produção mostrou boas defesas minhas, claro. Mas também apresentou aqueles frangos que eu tinha vontade de me esconder. Fiz as contas e pelo menos a média estava boa: quando eu fui lá, tinha 460 jogos pelo Palmeiras. Eles mostraram só uns seis frangos. Estava bom, né?

Goleiro tem de pegar a bola fácil. Se for difícil e ela entrar, paciência. Agora, a atenção tem de ser ainda maior com a bola fácil. Quantas vezes a gente deixa de dar a importância devida, pensando no que fazer pra repô-la, e acaba é fazendo lambança?

Goleiro precisa pensar e jogar simples. Ainda mais do meu tipo, que tem pouca habilidade com os pés. Cada vez mais o goleiro é obrigado a usá-los. O que não significa que deva ser o Garrincha e sair driblando, que precisa ser o Gérson e ficar lançando. Tem de fazer o mais fácil.

Quem quer jogar no gol precisa saber o seu lugar. Não só no posicionamento na hora do jogo. Tem de saber que sempre o cara mais importante vai ser o da linha. É assim a nossa vida.

Quem quer jogar no gol precisa saber o seu lugar. Não só no posicionamento na hora do jogo. Tem de saber que sempre o cara mais importante vai ser o da

linha. É assim a nossa vida. Todo mundo sonha ser atacante. Se você é ruim, vem mais pra trás. Aí tem de correr muito no meio-campo. Melhor, então, ir jogar lá na zaga. Mas, se não tiver recurso pra ser zagueiro, você vai pro gol. Daí não tem mais jeito. Se não der nem pra goleiro, daí vira juiz.

Quem tem o dom joga lá na frente. Quem não tem, como eu, tem de correr atrás. Por isso o goleiro é quem mais treina. É quem mais sofre na semana e, muitas vezes, quem mais vai sofrer se falhar. O centroavante pode perder 200 gols num jogo. Se a bola bater na bunda dele e entrar, vira herói. O goleiro pode pegar 10 pênaltis num jogo. Se falhar uma vez, é essa que fica pra história. Se o goleador perde gols, ele tem como, sozinho, achar o caminho do gol. O goleiro, não. Não pode sair atrás da bola. Tem de "torcer" pra que ela volte pra sua área pra se redimir. E sempre com o risco de levar mais um gol.

É muito difícil o seu time ganhar por sua causa, principalmente quando você atua numa equipe grande. E é muito fácil você ser o responsável se a equipe perde. É injusto. Mas não vai mudar! É mais um fardo pro goleiro. E também pros zagueiros. O pessoal lá de trás é sempre o vilão. Não importa que o ataque não marcou, que o meio-campo não pegou na intermediária. A culpa será nossa.

Precisamos defender a nossa meta e nos defender fora de campo também. Sorte que, desde que cheguei ao Palmeiras, em 1992, sempre tive grandes parceiros como goleiros e como treinadores de goleiros. Sempre tivemos uma baita retaguarda em todos os sentidos. Sempre fomos uma família. Ficou muito mais fácil.

500 JOGOS

Nunca fiquei pensando muito no número de jogos que fiz pelo Palmeiras. Bastaria um pra eu ser o sujeito mais feliz do mundo. Também não fico muito preocupado com essas contas porque, se são realmente muitas partidas, imagine então o número de gols que levei nelas… Melhor deixar pra lá.

Mas tem algumas marcas que são muito legais. Lembro o jogo 350. Foi contra o São Caetano. O 400 teve até edição histórica de uma camisa da Adidas que ficou muito legal. Tinha a relação de todos os títulos que ganhei no Palmeiras. Ainda bem que a camisa ficou bastante "poluída", com bastante coisa, né? Libertadores de 1999. Brasileirão de 1993 e da Série B de 2003 (também poderia constar o bicampeonato, em 1994, quando eu também fazia parte do elenco). Copa do Brasil de 1998. Paulistão de 1996 e 2008 (em 1993 e 1994 estava no elenco, mas não entrei em campo). Rio-São Paulo de 2000 (também não joguei na conquista de 1993). Copa Mercosul de 1998. Copa América de 1999. Copa das Confederações de 2005. Copa do Mundo de 2002. Essas três pela Seleção.

Na parte de trás da camisa azul tinha o número 400 acima do meu nome. Embaixo, a frase: "O melhor goleiro do Brasil". Honestamente, não acho que seja pra tudo isso. Mas se era pra botar uma frase, melhor seria escrever o que a torcida palmeirense canta: "Puta que o pariu! É o melhor goleiro do Brasil! Marcos!". Não ficaria legal?

Eram só 400 peças à venda. Cada uma por 400 reais. Não era barato. Sei que muita gente queria, o que me fez querer me esforçar ainda mais. São essas metas que a gente no princípio nem dá muita bola que fazem superar dores e todos os problemas. Até pensei em ultrapassar o Leão, que fez 617 jogos pelo Palmeiras. Mas não por querer ser o goleiro que mais jogou pelo clube. Não quero superar outros ídolos. Apenas queria ter mais motivos pra continuar me superando.

Em 19 de agosto de 2010, cheguei ao jogo 500. Uma semana antes do aniversário de 96 anos do clube. O pessoal do marketing fez uma homenagem bacana. O problema era o adversário ajudar na festa… O Vitória tinha um bom time, e ganhou por 2 a 0 da gente no Barradão, pela primeira fase da Copa Sul-Americana. O jogo de volta, o meu 500, era no Pacaembu. Precisávamos de um milagre. Era um time remodelado pelo Felipão, que havia acabado de voltar ao clube. Se classificar naquelas condições eram outros 500.

Acabei ganhando um presente de Deus. E da torcida, que apoiou o tempo todo. O Tadeu, que vinha sendo criticado, fez dois gols e, com muito sacrifício,

estávamos levando a disputa pros pênaltis. No fim do jogo, o Marcos Assunção bateu bem de longe aquelas faltas que só ele sabe guardar lá dentro. Um golaço! Fiquei muito emocionado. Fui celebrar com a torcida um dos maiores presentes que já ganhei em campo. Pena que não era no Palestra, que havia começado a reforma pra nova Arena. Mas, naquela hora, o Pacaembu parecia do tamanho do campinho lá de Oriente. Eram todos meus amigos festejando.

Fiquei muito emocionado. Fui celebrar com a torcida um dos maiores presentes que já ganhei em campo.

A classificação valeu mais que tudo. Mas, pra mim, chegar aos 500 jogos, foi realmente demais em todos os sentidos. Até o 300º, levei numa ótima. Mas com duas operações na mão, ferro no braço, tudo dói. Nos jogos, quando o time não deixa o adversário chutar, até pensava que poderia passar dos mil jogos. Mas, nos treinos… Virgem Maria! Eram quase 300 chutes por dia. Saía com os ossos moídos. Ainda mais os meus, que parecem de papel. Tinha horas que acabava o treinamento pensando que já passara da hora de parar de jogar. Mas, já no banho, queria seguir. Ser goleiro é a única coisa que sei fazer na minha vida.

E quando a gente faz o que gosta no clube que ama, com a torcida que te respeita, o que são 300 bolas doloridas?

SÉRGIO

Ele nunca foi um concorrente pela posição de goleiro no meu time. Não é um amigo, é um irmão. Tem idade pra ser meu pai, ou avô, sei lá. Mas, falando sério, é meu grande irmão dentro e fora de campo. Quando morrer, o Sergião vai direto pro céu. Eu vou ter de pagar umas penitências e umas contas pelo caminho, mas ele vai direto. Por tudo que faz pelas pessoas. Por tudo que fez por mim. Não fosse ele, no comecinho, no Palmeiras, eu com certeza teria largado o futebol. E não fosse ele ser um profissional tão dedicado, eu também não teria jogado tanto tempo no Palmeiras. No finalzinho de 2007, eu estava negociando com a diretoria um novo contrato. Eles não queriam pagar mais, não queriam esticar o prazo. Até que um dia chamei o seu Hugo Palaia, diretor de futebol, e mostrei a ele o Sergião treinando. Ele pulava pra cima e pra baixo, defendendo todas as bolas. Falei pro seu Palaia:

— Se o Sérgio faz tudo isso e tem uns 50 anos de idade, imagine eu, que sou uns 15 anos mais moço, seu Palaia?

Deu certo. A diretoria aceitou a minha proposta. Mais essa eu devo pro meu parceiro.

O Sérgio é o cara mais simples que conheço. E também o mais bronco. Mas tem um coração do tamanho do nariz. Eu havia acabado de chegar ao Palmeiras, em 1992. Ele também era novinho e, um dia, me convidou pra jantar na sogra dele. Voltamos tarde, e a concentração onde eu morava já estava fechada. Ele ofereceu pra eu ir dormir aquela noite na casa dele.

No dia seguinte, treino em dois períodos, me convidei de novo pra jantar na sogra dele. Sabe como é: quem vem do interior e mora na concentração do clube não tem ninguém pra conversar e passar o tempo. Quando acabava o treino, ia todo mundo embora, e nós sozinhos, ali… O Centro de Treinamento tinha acabado de ser inaugurado. Era só o campo. Não tinha lugar nem pra trocar de roupa. A gente dormia por lá mesmo, onde hoje é a sala de fisioterapia. Acho que por conta da simpatia que tinha pelo Palmeiras, achava tudo aquilo legal. Como sempre fui meio preguiçoso, nem sair pra comer eu saía. Comia um pacote inteiro de bolacha e estava satisfeito.

Mas tinha hora que apertava a fome e a saudade. Precisava de companhia. E de comida boa. Pedi pra jantar de novo na casa da sogra do Sérgio. Acabei dormindo de novo na casa dele. Ele me convidou pra ficar até o fim da semana. Fiquei um ano e meio com eles no quartinho ao lado! E o pior é que ele era

recém-casado com a Mila. Estavam em lua de mel e ganharam um “filho” como eu. Pra piorar, meu amigo mais chegado era o cunhado dele, que tinha a mesma idade, o Zezinho.

Formamos uma nova família, daquelas de dividir tudo. Mas ele pagava 90% das contas. Pelo menos eu o ajudava nas brigas com a mulher. Eu falava que não iria falar nada pros companheiros, e contava pra todo mundo no Palmeiras! Como no dia em que o Sérgio estava bravo porque teria de comprar absorvente íntimo pra mulher. Foi na farmácia e trouxe fralda geriátrica.

A Mila é muito parceira minha. Outra santa que me ajudou demais, mesmo com a minha folga. Ela pressionava bastante o Sérgio. E ele sempre acabava entregando a rapadura. Se eu tivesse uma câmera comigo, teríamos ficado ricos só com as videocassetadas dele. Eram pelo menos três coisas quebradas por dia. Ele é um ímã de problemas e confusões.

Formamos uma nova família, daquelas de dividir tudo. Mas ele pagava 90% das contas. Pelo menos eu o ajudava nas brigas com a mulher.

Numa noite, teve um churrasco com os jogadores. Depois, fomos pra sobremesa, digamos assim. Era pra ficar uma horinha numa boate (vamos botar desse jeito pra ficar mais bonito), lá no centro. Quando o Sergião viu, já eram 3 da manhã.

— O que vamos fazer? — ele se desesperou.

Eu também me desesperei.

Então, ele falou:

— Deixa comigo! Está tudo na minha cabeça!

Era o meu medo.

— Pode ficar tranquilo, Marcão. A responsabilidade é minha.

Foi então que fiquei ainda mais preocupado.

Voltamos pra casa, em Carapicuíba. Três e meia da manhã, luz acesa. Pensei: “Misericórdia! A mulher está acordada. Estamos perdidos!”. Tocamos a campainha. A Mila atendeu a porta. Passei direto, falei “boa noite” e fui pro meu quarto. Mas fiquei escutando de lá o diálogo do Sérgio com a mulher:

— Onde você estava, Sérgio?!

— No churrasco no Palmeiras, bem.

— Mentira! Liguei às 11 da noite e vocês já tinham saído! São três e meia agora!

— Olha, vou falar a verdade. Estávamos na zona. Mas não peguei ninguém, viu?

E o pior é que o Sérgio disse que tinha um plano B. Dizia que estava de

carona comigo! E como eu tinha ido pra zona, ele teve de ir… A Mila realmente merece uma estátua. Por aguentar o Sérgio há tanto tempo, e por me aturar por aqueles anos. Ela dizia:

— Você dorme na minha casa, come a minha comida e leva meu marido pra zona?

Tive que pedir desculpas, porque a Mila é uma irmã pra mim.

Tem horas que é melhor não falar nada. O bom é que o meu parceiro era o irmão dela, o Zezinho. Um dia, estávamos juntos, no segundo andar do prédio onde morava, lá na Lapa. Tinha um cara empurrando um Monza. Estava garoando. Chamei o Zezinho pra ajudar a empurrar o carro, que parecia quebrado. O cara agradeceu quando o carro pegou no tranco e disse: “Obrigado, fica com Deus!”. A gente estava voltando pro apartamento quando chegou um cara correndo, dobrando a esquina: “Vocês viram um Monza passar por aqui? É o meu carro que foi roubado!”.

Eu sempre tive bons reflexos: “Monza? Aqui? Não vi, não”.

Como eu ia falar pro cara que tinha ajudado a empurrar o carro dele que estava sendo furtado? Como eu ia saber que o cara que pedia ajuda era um ladrão?

Pelo menos era um ladrão bem-educado que mandou a gente ficar com Deus.

PAULISTÃO DE 2008

Ganhei pouca coisa no Palmeiras, como titular. No banco, até minha mãe ganhou, sentada no sofá lá de casa, em Oriente. Fomos campeões paulistas, do Rio-São Paulo, Brasileirão, Copa do Brasil, Mercosul. Um monte de títulos. E eu lá no banco de reservas, dando volta olímpica. Mas sem aquele gostinho de realmente ter participado, de ter ajudado meu time e meus companheiros.

Como titular, desde 1999, realmente ganhei pouca coisa num campeoníssimo como o Palmeiras. A Libertadores, o Rio-São Paulo do ano seguinte… Na Copa dos Campeões de 2000, quem jogou foi o Sérgio. Eu operei o punho pela primeira vez. Fiquei sete meses parado. Depois ganhei a Série B, em 2003, que era nossa obrigação. Se como atleta ganhei muita coisa na época da Parmalat, de 1992 a 2000, peguei uma época do Palmeiras que era uma desgraça. Passei mais raiva que dei volta olímpica nessa fase.

Mas, em 2008, tive a felicidade de voltar depois de longa contusão pra ser campeão paulista. O Diego Cavalieri vinha catando muito. Eu brincava sempre com o Sérgio:

— Tenta não ficar machucado quando eu também estiver fora. Porque, se o Diego entrar no gol, não voltamos mais.

E só voltei, mesmo, porque seu Valdir e o Wanderley Luxemburgo tiveram confiança em mim. O time tinha sido bastante mexido, mais uma vez. Porém, tinha chegado muita gente boa, como o Diego Souza pro meio e o Henrique pra zaga. Era uma fase de adaptação. Até que eu estava pronto pra retornar, depois de 11 meses. O Diego seguia muito bem. Mas o Wanderley resolveu optar pela minha volta. Justo contra o Guaratinguetá, em Rio Preto. Da mesma cidade de onde veio o meu primeiro adversário pelo Palmeiras, lá em 1992.

Eu mesmo não sabia se era a hora certa. Resultado: 3 a 0 pros caras. Não vi a cor da bola. Só que o nosso time jogou bem. Perdemos uns 20 gols. Mas o nosso lugar na tabela era o 14º. O Luxemburgo disse que aquela equipe ainda daria alegria à torcida. E deu mesmo. Ganhamos oito jogos seguidos. Um deles especial. Jogo duro contra a Portuguesa, no Palestra. Até que teve uma falta lateral pra nós. Poucas vezes vi isso num estádio: a torcida inteira gritando “Vamos ganhar, Porco!”.

Não era assim um grito de esperança, de “vamos lá”. Era absoluta convicção de que o gol sairia naquela hora, naquele minuto. Aliás, no último segundo. Foi uma confusão danada até o Jorge Preá estufar a rede. Poucas vezes vi tanta gente

confiante. Poucas vezes celebramos tanto um gol. Daqueles que cada um sai feito louco, cada um pra um lado. Ali senti que havia chegado a hora. Não tem muita explicação. Não é prepotência. É apenas um sentimento. Que felizmente se confirmaria.

Acabamos a primeira fase em primeiro lugar. Nas semifinais, perdemos pro São Paulo, no Morumbi, com um gol de mão do Adriano. Na volta, no Palestra, vencemos por 2 a 0. Tínhamos a vantagem de fazer o jogo decisivo no Palestra. No primeiro, em Campinas, vencemos a Ponte Preta por 1 a 0. Poderíamos perder até por um gol de diferença na final, em casa. Mas não podíamos entrar nos achando. Tínhamos de jogar tudo. E eu tinha feito mais que tudo pra estar ali. Por isso, mais uma vez, puxei o discurso na rodinha antes de entrar em campo. Uma imagem que acabou sendo exibida naquela noite, no *Terceiro Tempo* do Milton Neves. E que tem até hoje muitos acessos no Youtube. Exatamente pelo meu "acesso" naquela hora. Melhor reproduzir o que falei, porque nem eu conseguiria falar novamente aquelas palavras:

Ali senti que havia chegado a hora. Não tem muita explicação.

— Tanto tempo que eu fiquei quebrado no vestiário fazendo tratamento lá pra voltar… Eu me quebro todo de novo! Juro por Deus: eu me quebro todo de novo, mas não vou perder pra essa Ponte Preta nem a pau! Nem a pau!!! Quebro minha perna, quebro meu pescoço. Se tiver que quebrar dentro dessa merda, eu não vou perder! Porque eu sei o que sofri pra tá aqui e eu sei o que vocês sofreram também. Então, vejam: eu não vou ter medo de errar. Se eu errar, foda-se! Mas eu vou arriscar, veio! Que nem contra o São Paulo. Se eu tiver que jogar de líbero, eu jogo nessa porra! Mas eu não vou perder. Eu não vou perder, porque a gente sabe o que fez pra estar aqui!!!

Não só ganhamos. Goleamos! A maior goleada da história de uma final de Campeonato Paulista. Foi 5 a 0. E poderia ter sido mais. Só sei que celebrei mais um título. Aliás, mais um Paulistão que acabei fora de campo no apito final. Pouco antes do fim, o Luxemburgo colocou o Diego no meu lugar. Foi muito bacana. Parecia uma passagem de bastão. De geração. Pena que logo depois ele foi vendido pro Liverpool. Mas a Academia de goleiro continua firme, com o Deola, o Bruno, o Raphael Alemão, o Fábio. Todos esses que continuarão suas histórias no Palestra que, dois anos depois, foi fechado e demolido pra construção da nova Arena. Palco onde novos camisas 1 (e 12, 22 e outras) continuarão essa tradição de goleiros.

HOSPITAL SÃO MARCOS

Cheguei a pensar em comprar um hospital pra mim e pros meus pais. A família mais visitava médico que parente, em 2007. Acho que ganhei mais pontos pelo corpo que em campo. Quebrei o braço esquerdo três vezes. Tornozelo. Adutor da coxa esquerda. Joelho. Fiz duas operações no pulso esquerdo. Tive lesão no ombro. Os médicos do Palmeiras devem ter ficado mais tempo comigo que os treinadores.

Em 1997, foi a primeira situação mais grave. Fraturei a fíbula direita e rompi o ligamento do tornozelo direito num buraco do gramado. Me quebrei tantas vezes que até já mudaram os nomes dos ossos. Era perônio, virou fíbula. Mais chique. Depois, mesmo com o punho esquerdo estourado, tive aquela sequência boa em 1999 e 2000. Não queria parar… Mas não teve jeito. Fiquei 57 partidas fora do time. O mesmo punho me atormentou em 2004 e 2005. Parei uns 7 meses. Somando tudo, 42 jogos fora. E eu estava na Seleção, o que me prejudicou demais pra Copa de 2006. Ainda fui campeão da Copa das Confederações de 2005, como reserva do Dida. Mas não estava dando mais.

Nem devia contar os problemas nos dedos, normais pra qualquer goleiro. São 4 fraturas. O mindinho direito não me tirou de campo. Em 2001 foi o dedão da mão direita, em um jogo da seleção contra o Paraguai. Ali, precisei ficar fora 6 jogos. Três anos depois, quebrei o dedão esquerdo. Mais 4 fora. E ainda teve o dedo do anel da mão esquerda, justo o de casado, em 2006. Mas aí, eu já estava mesmo afastado, com problema no pulso, duas vezes operado. Pelo menos os dedos não ficaram tortos. Seu Valdir diz que só goleiro ruim é que fica com os dedos tortos. E do jeito que são as mãos dele até hoje parece que ele realmente catava muito.

Meus dedos não são tortos como gravetos, mas tenho uma “mão de pau”: a esquerda. Ela não vira mais completamente. Só mexe mesmo os dedinhos… Parece engessada. Não dobra o que tem de dobrar. Até pra tirar as luvas fica difícil. Ainda bem que as minhas são da Topper, que são boas de usar e até de tirar (deixa eu aproveitar pra fazer um *merchan*, né?). A bola pode passar por cima ou por baixo da minha mão. Mas, por dentro, não. Ela é de aço! Agora, não sou só um perna de pau com a bola. Também tenho mão de pau! Além da cara de pau pra continuar jogando por tanto tempo com tantas dores.

No jogo, que acaba sendo mais maneiro, deu pra levar por um longo tempo. Era uma “teta” perto dos treinos. São mais de 300 chutes, bolas a mais de 100

por hora. É difícil até pra quem não se machuca. Porque não existe jogador que mais trabalha durante a semana que goleiro. Pode até não ser o melhor do time, mas certamente é o mais preparado em campo pra jogar futebol.

Tive uns azares, também. Em 2007, contra o Juventus, levei uma cabeçada no braço esquerdo e quebrei o osso. O doutor Rubens Sampaio disse que esse tipo de fratura só acontece em beisebol, quando um cara leva uma tacada. No futebol, nunca tinha visto. Quebrei 3 vezes esse braço naquele ano. A prótese teve problema pra se adaptar porque os movimentos do goleiro são muito intensos. A gente bate muitas vezes o braço no chão. Fica complicado. Tenho ainda a placa no corpo. Quando chovia, entrava no vestiário pra evitar raio. Sei lá, né? Um monte de raio já caiu sobre o meu corpo. Várias vezes.

Foi um ano fora de campo por causa desse braço. Pensei: é um aviso. Pensei mesmo em desistir. Ainda tive vários problemas musculares. Em 2009, foi uma lesão no adutor e um edema na região posterior da coxa direita. Antes, na coxa esquerda, foram lesões no adutor em 2003, 2006 e 2010. Uma bronquite me fez perder a condição de titular da Seleção, no início do trabalho do Parreira, em 2003. Até bronquite me derrubou!

Difícil dizer o pior ano desses todos de problemas médicos. Acho que foi 2006. Em um jogo contra o Bragantino, que valia a liderança do Paulistão, senti dor muito forte aos 20 minutos. O Sérgio entrou. Fiquei 5 meses fora. Quando voltei, logo depois tive uma luxação no… deixa eu ver… "osso externo clavicular direito". No ombro. Mais 6 meses no estaleiro.

O Diego Cavalieri entrou e arrebentou em todos os campeonatos, e teve a chance de ser vendido. Na época, foi excelente pro Palmeiras. Em dois anos ele estava no Liverpool, em 2008. E eu continuei me machucando demais. Acho que tem a ver um pouco com a troca de treinador de goleiros. Era o Pracidelli, aí ele saiu, vinha outro, com outro treinador, com outro preparador de goleiros. Acabei tendo muito problema físico por causa disso. Os treinadores são muito diferentes um do outro. Muitas vezes me machuquei por estar fazendo treinamento errado. Eles pensavam: "Vou deixar o Marcos igual ao da Copa de 2002". Só que eu tinha 29 anos naquela época… Quando treinei com um cara que me conhece, que me respeitou e colocou certinho o que eu tinha de treinar, não me machuquei. Mas, quando o cara exagerava, me arrebentava mesmo.

Tem vezes que você acha que não vai ter mais jeito. Vai continuar doendo demais.

Não tem coisa mais deprê do que ficar uns meses parado por contusão. Você não joga, mas também não está de férias. Em alguns momentos não tem folga,

tem de fazer o trabalho de recuperação todos os dias. É duro você vir treinar e só ficar dando volta ao redor do campo enquanto os companheiros estão lá, jogando bola. Ninguém quer ser jogador de futebol pra ficar fazendo musculação e fisioterapia. É chato ganhar um dinheirão pra ficar fazendo fisioterapia. Mas, pior mesmo é a insegurança da volta. Tem vezes que você acha que não vai ter mais jeito. Vai continuar doendo demais. Ou você não será mais o mesmo.

Machucar o punho é complicado pra um goleiro. Prejudica muito os treinamentos. Não sei de outro goleiro que tenha operado duas vezes o punho. Só sei que, embora tenha jogado algumas vezes no sacrifício, nunca fui irresponsável. Nunca joguei só por jogar. Não sou fominha. Não aceito só jogar pelo meu nome, pelo que fiz lá atrás. Acatei sempre o que foi determinado pelo técnico e pelo preparador de goleiros. Se tem um goleiro melhor que eu ou em melhor forma, tem de continuar jogando. Nunca fui e jamais serei maior que o time.

Goleiro precisa de ritmo, de jogo. Fiquei de fora de muitas partidas por lesão. Em 2006 e 2007, joguei apenas 28 jogos. Menos da metade das partidas que fiz nas temporadas em que mais atuei pelo Palmeiras. Em 1999 e 2008, fiz 60 partidas por ano. É muita coisa. Mas pior mesmo é jogar muito pouco. No final das contas, foram quase 200 jogos fora por lesão. O pessoal chegou a pensar em osteoporose, que não tenho os ossos bons… Sei lá. Nos últimos anos, convivi com uma artrose no joelho esquerdo que me impedia de jogar direto, quarta e domingo. Tive de tomar muito remédio pra conseguir jogar. Não é contusão de idade. É de desgaste. Sou um cara pesado. O menos que pesei como jogador foi 96 quilos. Normalmente, ficava ali pelos 100. Passei a vida inteira pulando, me jogando, me ralando. Alguma parte do corpo iria cobrar a conta. Ficar levando 100 quilos pra cima e pra baixo por 20 anos não é mole! É realmente um fardo pesado pra carregar.

Nunca fui e jamais serei maior que o time.

Vou sentir muita falta daquela adrenalina de entrar em campo, de jogar. Mas não vou sentir muita falta de treinar…

DOZES DE MAIO

O Boca Juniors é o maior campeão sul-americano deste século. Não é por acaso. Eles tiveram ótimos times. Mas, também, quem tem força na Conmebol, faz diferença quando chega na final. Os caras podem falar que não, mas faz sim. Doeu ter perdido nos pênaltis a chance de ir pra final da Libertadores de 2001. De novo pro Boca. E, desta vez, na nossa casa, no Palestra. Se a gente ganhasse, poderia até não ganhar o bicampeonato sul-americano. Mas já estaríamos na decisão do Mundial, no Japão, contra o Bayern de Munique, do Oliver Khan. É que o rival da final da Libertadores de 2001 seria o Cruz Azul, do México. Eles não poderiam ir pro Mundial de Clubes, então, por não serem sul-americanos.

Teria sido a gente, se não tivéssemos perdido nos pênaltis pros caras de novo. Nenhum outro time na América do Sul participou de tantas decisões desse tipo como o Palmeiras naquele período, entre Libertadores e Mercosul. De 1999 a 2001, ganhamos nove. Só perdemos essas duas pra eles. Era um grande time o deles. O Riquelme jogava uma barbaridade! Mas o craque naquela semifinal foi o juiz do jogo de ida. Ubaldo Aquino. No empate por 2 a 2 na Bombonera, o paraguaio marcou um pênalti bem maroto pra eles, no primeiro tempo. O cara se jogou no gramado e ele marcou falta do Alexandre. No segundo tempo, nosso volante, o Fernando, driblou o goleiro Córdoba, que foi nas pernas dele. O Fernando deu um duplo mortal carpado quando caiu. Quase quebrou o pescoço. E o juizão nada. Pra quem tinha marcado aquele primeiro pênalti, era obrigação ter marcado o segundo. Ele estava tão mal de visão (ou de consciência) que, logo depois, o Galeano fez um baita pênalti no Traverso, na cara dele, e o Ubaldo deixou seguir…

No segundo jogo, começamos perdendo no Palestra por 2 a 0; depois o Alexandre, nosso zagueiro, foi expulso, e ainda assim empatamos. Os times do Felipão acreditavam sempre. E a torcida nos ajudava demais no Palestra. Como naqueles 4 a 2 no Flamengo, na Copa do Brasil de 1999, quando o Euller entrou no fim e marcamos dois gols. Aquilo foi sensacional. Não valeu título. Mas nos ajudou demais a ganhar mais confiança pra Libertadores daquele ano. Mas, em 2001, nos pênaltis, mais uma vez não deu contra o Boca. Era difícil pros nossos batedores. Eles estavam cada vez mais marcados, visados e estudados.

Paciência. Pensei: “Ano que vem tem mais”. Afinal, todo ano a gente chegava na Libertadores… Que saudade! Mas, então, em 2001, já não tínhamos mais a Parmalat… Começou a ficar bem mais difícil. Mas ainda voltamos algumas

vezes pra Libertadores. Em 2005 e 2006, paramos no mata-mata. Em 2009, voltamos bem, com um time que tinha sido campeão paulista em 2008 e, claro, feito boa campanha no Brasileirão de 2008. Mas acabamos caindo no Grupo da Morte. Sempre tem um, né?

Tinha Sport (que nos vencera na Copa do Brasil de 2008), Colo-Colo e LDU, que era a campeã de 2008. Sofremos o diabo até que, no último jogo da primeira fase, tínhamos de vencer o Colo-Colo, lá em Santiago, no estádio deles, que é menor que o Nacional. Jogo duro, a gente perdendo chances, mandando duas bolas na trave, mesmo com um a menos, e perdendo por lesão dois de nossos principais jogadores. Lá pelos 41 minutos, aquele desespero, a bola chega pro Cleiton Xavier, nosso armador, no meio da rua. Ele chutava muito bem. Mas tinha melhores opções abertas pelos lados. Em vez de passar, ele se arrumou pro chute. Quando vi que ele ia bater, comecei a xingá-lo. Isso era local e hora pra arriscar dali?

Mais uma vez, ainda bem que ninguém estava me ouvindo e me vendo. Só sei que o outro goleiro não viu a bola que foi no ângulo esquerdo dele, e eu não enxerguei mais nada. Que golaço! 1 a 0. Estávamos classificados, no maior dos sufocos!

Mas ainda teria mais. Já nas oitavas, de novo o Sport. No Palestra, 1 a 0 suado. Na volta, na Ilha do Retiro, ainda aquele clima da Copa do Brasil passada, dos confrontos pela Série B em 2003. Foi um abafa o jogo todo. Um dos meus melhores pelo Palmeiras. No primeiro tempo, teve 3 lances com o Paulo Baier que nem sei como defendi. Lembro uma com o pé, e outras que, com a ajuda do Pierre, conseguimos dar um jeito. Mas eles fizeram 1 a 0 no finzinho. E quase fizeram o segundo na última bola, sabe-se lá como consegui mandar pra fora, num chute do Ciro.

Mais uma vez, pênaltis. Posso até ter me consagrado nesses lances. Mas não aguentava mais tanta decisão e sofrimento. Pior, porém, eu sei, é pros caras da linha. Eles que têm a responsabilidade de fazer o gol. O goleiro pode tomar um frango no meio das pernas num chute fraco no meio do gol que não vai ser um peru num pênalti. É a nossa chance de consagrar. Mas cansa. Até porque tem essa história do São Marcos, do milagreiro dos pênaltis, que acabava me obrigando a defender ainda mais nesse tipo de cobrança. Por isso cheguei à Ilha do Retiro com mais cara de bravo que o normal. Os repórteres não entenderam. É que estava ainda mais concentrado que o normal. Sabia a dificuldade que seria o jogo em Recife. Sabia que eu seria mais importante pela experiência do que pelas defesas.

Começamos perdendo o nosso pênalti, com o Mozart. Quer dizer, o Magrão, goleiro deles, é que fez uma baita defesa. O Luciano Henrique bateu rasteiro, no

canto esquerdo, e eu defendi. O Marcão fez o nosso primeiro. O Igor me tirou da bola e empatou. O Danilo fez 2 a 1 pra gente. O Fumagalli também bateu no canto esquerdo e fui bem, encaixei a bola. O Armero jogou no ângulo e ampliamos pra 3 a 1 na quarta cobrança. Se o Sport não fizesse, estaríamos classificados pras quartas de final.

O Dutra bateu no canto direito, justo onde vou melhor. E fui bem pra caramba. Espalmei a bola, que ainda bateu no meu joelho e passou por sobre a meta, e ganhamos por 3 a 1. Corri feito louco pra onde estava nossa torcida, à direita da minha meta. Na hora, nem percebi que repetia o mesmo ritual da semifinal da Libertadores de 2000. Mas, desta vez, não peguei apenas o decisivo. Defendi mais dois cobrados pelo Sport. Quando me ajoelhei na bandeirinha de escanteio, chegaram os demais jogadores e membros da comissão técnica. Lembro do Bruno, meu reserva, me abraçando, e o time gritando: “Puta que o pariu, é o melhor goleiro do Brasil! Marcos!!!”. Quando consegui me levantar, ganhei um beijo do Luxemburgo. Nessa hora, tudo é válido, né?

“Puta que o pariu, é o melhor goleiro do Brasil! Marcos!!!”

Ainda ofegante, dei entrevista pro SporTV. Ofereci aquelas defesas pros meus pais, pra minha mulher e pros meus filhos. Pro meu preparador Cantarelli, pro Bruno e o Deola, que sempre treinaram muito bem comigo. O repórter Marco Aurélio Souza me perguntou qual defesa tinha sido a mais difícil. Não tive dúvida. Todas elas. Com 36 anos, toda defesa é difícil. Sempre dói alguma coisa em cada defesa.

Passamos de fase. Mas paramos contra o Nacional do Uruguai. Empatamos por 1 a 1 no Palestra, levando um gol de bobeira. Depois, em Montevidéu, pressionamos, teve uma bola do Obina que pareceu passar dentro da trave, e não fizemos gol. O regulamento classificava o time que mais gols tivesse feito fora de casa. Não sei o que isso realmente diferencia uma equipe. Mas, paciência, era o regulamento. Feito, também, pra evitar tantas disputas de pênaltis nas competições sul-americanas. Uma pena por tudo que a gente conquistou. Mas, certamente, melhor pra nossa saúde de torcedor.

Ah, ia esquecendo. Esse jogo contra o Sport foi em 12 de maio de 2009. Dez anos depois da nossa classificação na Libertadores de 1999 contra o Corinthians, nos pênaltis. O dia em que, dizem, fui canonizado. Você sabe que acredito muito em Deus e que não gostava muito dessa história de São Marcos, mas acho que devo esperar muitas coisas em 12 de maio de 2019. Desta vez, porém, espero comemorar comendo e bebendo muito. Como deu pra fazer um pouquinho quando chegamos ao nosso hotel, em Cabo de Santo Agostinho.

O MATADOR

Comecinho do Brasileirão de 2011. Palmeiras bem na tabela. A gente ganhava de 4 a 0 do Avaí, no Canindé, em dia de festa junina na Portuguesa. Já pensava se iria sobrar tempo pra mandar ver umas comidas, uns doces e ouvir música sertaneja na festa depois da partida, quando teve um pênalti pra nós. O Gladiador Kléber era o cobrador oficial. Pegou a bola pra cobrar quando a torcida começou a gritar "Marcos! Marcos!", pra que eu fosse lá bater…

Só estava olhando o lance do outro lado do campo. Quando ouvi a torcida gritando, e o resto dos jogadores começou a fazer gestos pra que eu batesse o pênalti, não mexi um músculo. Fiquei com as mãos na cintura.

Mas eu estava doido pra ir lá! Sempre quis fazer um gol na carreira!

Quando comecei a jogar, goleiro só tinha de fechar o gol e a boca, e fazer o serviço dele. Dizem que a gente está lá pra isso mesmo. Mas aí um monte de goleiro começou a fazer gol de pênalti e, depois, de falta. Até de cabeça. Aí começou a dar aquela coceirinha de querer fazer o meu. Algumas vezes até tentei fazer de cabeça. Mas é sempre aquela coisa. Goleiro só vai pra área adversária quando está tudo perdido. E quando você chega, no fim de jogo, pra tentar um gol no desespero, tem 21 caras lá dentro. A bola não vai sobrar pra você, né?

Teve jogo em que eu estava meio puto e saí pra tentar o gol muito cedo. Contra o Grêmio, no Brasileirão de 2008. O Palmeiras perdia em casa por 1 a 0 e precisava ganhar o jogo de todo jeito. O time não estava legal. Tínhamos chance de título e começamos a cair pela tabela. Aquele era o jogo-chave. Mas tinha gente que parecia que não estava mais nem aí. Me irritei e fui pra frente tentar o gol. Fui quatro vezes. Teve vez até que nem fui pra área. Eu saía jogando e tentava armar o time, mais ou menos do jeito que eu fazia meus gols no rachão, na véspera das partidas. Mas ainda assim poderia ter feito algo. Estava livre no último lance, aos 47 minutos. Mas um companheiro resolveu bater em gol em vez de apostar num goleiro livre sem marcação dentro da área adversária… Mandou a bola lá na piscina do clube. Onde eu gostaria de ter ficado umas horas debaixo d'água.

Estava puto com tudo. E não percebi que ainda tinha mais de 15 minutos de jogo. Lá dentro, e sem o relógio ligado no estádio pros jogadores verem, ficamos perdidos. Tem jogo que dura dias. E tem partidas que parecem que acabam antes de começar. Era o caso. Tentei ir pra frente. Mas não deu. Não ajudei em nada.

Fiz cagada. E o time perdeu do mesmo jeito.

Teve uma partida em que quase fiz de cabeça, num daqueles desesperos de fim de jogo. Era no Palestra, meio de semana. Cruzaram a bola numa falta lá da esquerda. Eu subi meio torto, de costas, e a bola bateu no meu cocuruto. Raspou o travessão e foi pra fora. O jogo acabou ali. Mas não minha vontade de fazer gol.

Não fiquei chateado por não ter feito. Até porque nunca treinei pra isso. E muito menos fiquei triste quando todo o Canindé pediu pra que eu batesse aquele pênalti contra o Avaí, em 2011. Afinal, se o gol fosse meu, não ia mudar nada. A gente continuaria vencendo. Ia parecer que eu estava pisando e humilhando o adversário só porque estávamos goleando. Não tinha necessidade de eu bater aquele pênalti. Se eu fizesse o gol, ia ter festa, manchete, mas e daí? Tinha um adversário do outro lado. Tinha um goleiro jovem como o Aleks, que já tinha levado 4 gols sem nenhuma culpa e que poderia ficar marcado pelo meu único gol na carreira.

Não vinguei na vida desse jeito, passando por sobre as pessoas e os companheiros. Não sou assim.

Não vinguei na vida desse jeito, passando por sobre as pessoas e os companheiros. Não sou assim. E não quero que ninguém seja assim comigo. Até porque um golzinho eu já tinha feito na vida. Pena que não vale pras estatísticas, porque foi numa disputa de pênaltis que durou umas três semanas… Foi no Paulistão de 2001. Quando o jogo terminava empatado, o regulamento obrigava a bater pênaltis pra definir o ponto extra. Era domingo, no Palestra, contra a Inter de Limeira. Eu voltava ao gol depois de quase 8 meses fora por conta da operação no meu pulso. Acho que era essa contusão. Foram tantas que a gente até se perde…

E também estava perdido no gol depois de tanto tempo. A gente fica sem tempo de bola, não sabe se fica ou se sai do gol… Mas fui bem. Até pênalti no tempo normal defendi. O Edmilson bateu e eu fiz uma baita defesa. Mas ninguém fez gol e fomos pros pênaltis. Pensei: “Agora me consagro de vez! Pego uns chutes e viro herói!”. Tá legal… O torcedor não tinha visto um golzinho no jogo, tinha sido o primeiro empate sem gols do Paulistão de 2001. Depois daquele 0 a 0, acabou vendo 25 gols de pênalti! Parecia uma quermesse! O placar final marcava 13 a 12! Só que pra eles. Eu e o Nilson, goleiro da Inter, nem chegamos perto das bolas. Os caras bateram muito bem. O Tuta, nosso artilheiro que sempre cobrou com precisão, perdeu as duas chances dele e ficamos sem o ponto extra.

Eu, pelo menos, fiz o meu golzinho. Se não defendi 13 pênaltis seguidos, um recorde negativo meu, pelo menos bati bem. O Felipão sempre disse que cobro legal em treinos. Numa disputa, se precisasse, eu seria a sétima, oitava opção dele. Naquele dia, em 2001, não teve jeito. Não dava pra fugir. Tive de bater. Fiz o meu, mas perdemos. De que adiantou?

Se eu tivesse feito um gol pra valer na carreira, ainda assim o meu saldo seria negativo. Teria levado mais gols do que feito! Não sou artilheiro, muito menos artista. Sou goleiro. E basta.

O TORCEDOR

Tem hora que a gente fica de saco cheio de tudo. Principalmente quando tem coisas no futebol que acabam virando caso de polícia. Não aguento mais chegar em casa no domingo à noite, ligar a televisão pra ver os gols, os melhores momentos, as grandes defesas, e assistir ao fulano que brigou na estação da Barra Funda, não sei quem que levou um tiro não sei onde. Claro que tem gente que não sabe o que é a bola e só quer brigar e matar. Mas nós, jogadores, precisamos ser mais responsáveis antes de um clássico e parar de fazer provocações gratuitas.

Amo meu time, adoro minha profissão e sempre fiz de tudo pra vencer uma partida. Mas qualquer coisa dentro das regras do jogo. Uma dessas regrinhas básicas é sempre respeitar o adversário, em qualquer circunstância, dentro e fora de campo. Detesto perder. Mas tenho de saber segurar a bronca quando isso acontece. Tão ruim quanto não saber perder é não saber ganhar. O problema é que, algumas vezes, tem gente que não sabe perder e se perde ainda mais. E tem quem seja ainda pior, porque não sabe vencer e acaba ganhando a antipatia das outras torcidas.

É fácil ficar fazendo umas graças, umas bolinhas, embaixadas, quando o seu time está ganhando um jogo. Quero ver fazer isso quando está 0 a 0, ou quando você precisa vencer. Futebol é alegria, mas não é circo. Adoro ver um craque jogando, um show de dribles, um jogo bonito. Só não digo que adoro ver um festival de gols por motivos óbvios. Mas dá pra fazer um grande espetáculo respeitando as pessoas e as instituições. Pra defender o seu clube, você não precisa atacar o outro. Nem sempre o ataque é a melhor defesa. Você pode ser engraçado, pode motivar o torcedor, animar sua equipe, vender jornal, mas sem desrespeitar ninguém. E, principalmente, nestes dias tão violentos, sem gerar um clima de guerra.

Você pode ser engraçado, pode motivar o torcedor, animar sua equipe, vender jornal, mas sem desrespeitar ninguém.

Fico muito feliz quando gente de outros times vem pedir autógrafo pra mim. Não por vaidade minha, mas pela noção que sempre tento passar de respeito pelo outro lado. Mais que tudo, de respeito pelas pessoas. Nunca fiz gracinha com os adversários. Em 2001, aquele caso de tomar cafezinho durante um jogo no

Palestra contra o The Strongest não foi sacanagem minha. Estava frio. Adoro café e ele me deixa mais ligado. Só isso. Mas daí a imprensa fez uma onda, os caras na Bolívia ficaram putos e, na volta, celebraram um dos gols como se estivessem tomando cafezinho. Até foi engraçado, mas não era pra ser. Não tive a menor intenção de menosprezar o adversário.

Antes de clássico, por exemplo, evitava dar entrevista. Cada palavra poderia ser mal usada. A mídia quer sempre um atrativo a mais pros clássicos e, às vezes, exagera. Fico feliz de já ter saído do Morumbi com a torcida rival gritando "El, el, el, o Marcão é da Fiel". É legal ouvir isso. Mas pode ser que eu tenha falhado mesmo num dos gols do Corinthians. Sei lá… Sei que tenho de agradecer a algo que aconteceu depois de um dérbi no Brasileirão de 2006, quando machuquei o ombro numa dividida com o Nilmar, e fiquei mais um tempão sem jogar; no dia seguinte, no Orkut oficial dos corintianos, me contaram que havia mais de 800 mensagens de gente dando força pra mim. Isso é uma coisa muito legal no futebol. A gente faz muito amigo em todos os clubes. Então, quando eles ganham jogos e campeonatos importantes, fico muito feliz por eles. Torço pelos amigos.

Quando a gente se enfrenta, porém, é outra história. É guerra em campo. Eu me mato pra ganhar dos amigos – que passam a ser apenas adversários. Jamais inimigos. Quando o juiz apita, acaba. Se a gente ganha, comemora. Se perde, cumprimenta quem ganhou, não reclama do juiz, e segue a vida. E, claro, tem as sacanagens também. Sempre zoei meus companheiros de outros times. Algumas não dá nem pra contar. Mas sempre numa boa, como qualquer torcedor.

Pena que nem todos pensam assim. Infelizmente, não deixaria meus filhos irem ao estádio em um clássico. Por toda essa falta de respeito. E não só de alguns bandidos infiltrados nas torcidas. Também de nós, profissionais, que não sabemos a hora de parar com algumas brincadeiras e situações. E da própria mídia que, às vezes, parece que vai cobrir uma guerra, não um jogo de futebol. Os jornalistas também extrapolam nas brincadeiras de vez em quando.

A gente precisa entender o torcedor. Sempre! Mas tem vezes que não dá. Copa do Brasil de 2007, jogo de volta contra o Ipatinga, que tinha um bom time. Eles ganharam da gente por 2 a 0, no finzinho do jogo de ida, em Minas. Na volta, fizemos 2 a 0 e fomos eliminados nos pênaltis. O Diego Cavalieri fez uma baita defesa numa cobrança. Mal saiu da linha, e o bandeirinha mandou voltar porque ele tinha "se adiantado". Nem no Palestra, nem em Ipatinga! Fomos eliminados.

Eu estava fora, machucado. Estava num camarote e tinha um palmeirense xingando muito o time e o Caio Júnior, nosso treinador. Não aguentei e, lá de cima, comecei a gritar com ele, pedindo pra ele apoiar o Palmeiras, que era pra isso que todos nós estávamos no Palestra. Ele se virou pra xingar de volta e,

quando percebeu que era eu e que mais gente concordava comigo, ficou lá quieto, na dele. Claro que o torcedor tem todo direito de fazer o que bem entende num estádio. Está pagando, e é tão palmeirense quanto qualquer um. Mas é preciso ter um pouco mais de inteligência pra saber o momento de apoiar a equipe. Pode criticar antes do jogo, xingar depois. Mas não durante. Já vi muito jogador jovem do Palmeiras não conseguir fazer uma jogada só de temer a reação da torcida. No primeiro drible errado, os caras já detonam tudo. Aí não dá. Nem o Ademir da Guia jogaria assim. Quer dizer, o Ademir jogaria do mesmo jeito, né?

Sou torcedor, fico puto muitas vezes, falo o que não deveria pra imprensa e entendo o corneteiro que todo palmeirense é. Mas a vida não se resume a 90 minutos. Ninguém merece morrer ou matar por isso.

O TREINADOR

Não sei se teria paciência pra ser treinador. Eu falo o que penso e, muitas vezes, não penso no que falo. Precisaria contar até três muitas vezes. Como tenho um reflexo rápido, vou do 0 ao 100 em 1 segundo. Acho que não daria muito certo, não.

Tem todo tipo de perfil de treinador. Tem um cara sensacional como o Caio Júnior, que é ótimo técnico. Tem grandes treinadores vitoriosos, como o Luxemburgo e o Muricy. Devo muita coisa e muitos títulos a eles. O Jair Picerni é outro cara ótimo. Parceiro, mas que sabe cobrar.

Tem o Felipão, com quem conquistei os principais títulos. Na véspera da final contra a Alemanha, em 2002, ele reuniu a Seleção e disse que, independentemente do que acontecesse, pra ele a gente já era vencedor. Ele conseguiu passar que tínhamos ali uma oportunidade única em nossas vidas de entrar pra história como campeões. Aquilo mexeu com todo mundo e ajudou demais na hora do jogo. Ele começou a ganhar a Copa ali, ganhando de vez o grupo.

No dia da final, o Felipão espalhou pelo refeitório da concentração a frase "Juntos, somos fortes. Unidos, imbatíveis". Funcionou. Emocionou. Aquilo nos deixou mais motivados. As preleções e vídeos que mostravam a festa da torcida pelo Brasil nos davam mais forças. Sabíamos que não estávamos jogando apenas pelas nossas carreiras. Tinha toda uma torcida de um país que passara a acreditar na gente. Nisso também o Felipão é um mestre. Ele consegue motivar um elenco e uma torcida. Às vezes, daquele jeito "nós contra o mundo". Foi assim que a gente se superou muitas vezes no Palmeiras, em 1999 e 2000. E, principalmente, na Copa. Muitos que vaiavam e só viam defeitos nos times dele acabavam correndo o risco de passar vergonha ao final. Lembro de dar entrevistas ainda na primeira fase do Mundial dizendo que já tinha visto aquele filme: o time sofrendo, sofrendo e com a imprensa em cima, pressionando, com gente até pedindo a cabeça do Felipão. E, no fim, a vingança dele. Ele sabe muito bem cobrar a falta de confiança no trabalho dele.

O Felipão também sabe muito de futebol. E dos adversários. É detalhista e faz a gente aprender. Antes da estreia na Copa contra a Turquia, ele nos fez decorar tudo sobre a direção da bola que cada turco mais gosta de levantar, quem bate de pé direito, de pé esquerdo… Não me pergunte o nome de nenhum jogador turco, mas aprendi como cada um chuta, o canto predileto, se coloca curva na bola ou

não… Quando você encontra com o adversário em campo, dá a sensação de ver um velho amigo, de tanto que a gente o estudou.

O Felipão sabia o que cada um era fora do campo e o que cada um poderia produzir na Seleção em uma Copa. Convocou jogadores de caráter, não gente que só se preocupa com vaidade. Humildade e companheirismo foram as principais qualidades que nos levaram ao título. E as principais dos elencos com que ele conseguiu tantas vitórias na carreira.

Com ele é assim: se o cara está encostado, querendo usar mais o chinelinho do que a chuteira, o Felipão dá área nele. O cara vaza. É assim que tem de ser. Ele chega junto, cobra muito, é chato. Mas com jogador de futebol não pode ser light. Precisa mesmo ser um feitor pras coisas serem bem-feitas.

ÍDOLOS

No Palmeiras, ídolos são o Ademir da Guia, o Waldemar Fiume, o César Maluco, o Oberdan… Se eu ganhasse todos os títulos que eles ganharam aqui, poderia até ser um. Mas sei que, nos últimos tempos no clube, posso estar junto com essa turma toda. E muitos mais.

Mas não basta apenas jogar e vencer. É preciso ter muita responsabilidade fora de campo nessa condição de ídolo. O futebol é a vida e uma escola pra muitas crianças. A gente precisa ser um exemplo fora de campo. Como eu tive um ídolo como o Velloso, espero ser uma pessoa boa pros que gostam de mim. Pra que possam seguir um exemplo de um cara trabalhador, honesto, que não se envolve em muitas polêmicas. Só em algumas…

A condição não é fácil. A gente é meio que obrigado a fazer mais do que pode em campo. Sempre tentei fazer um pouco mais e acabei me perdendo quando meu time perdia. Me descontrolava, falava demais. Ainda bem que o Felipão, quando voltou ao Palmeiras, em 2010, proibiu a gente de falar depois dos jogos. Minha vida melhorou 500%. E a dos meus companheiros, uns 1 000%. Mas talvez tenha sido justamente isso que me fez ser mais querido pelo palmeirense. Pela vontade de vencer sempre. Nunca entrei em campo pra participar. Entrei pra ganhar. Por isso fui dos que mais sofreram em quase 20 anos de Palmeiras.

E acabei, digamos, sofrendo uma pressão gostosa fora de campo. No aeroporto, no hotel da concentração, quando entrei em campo cercado de crianças… Pra falar a verdade, até estressava. Precisava me concentrar no jogo. Mas tinha uma homenagem aqui, outra lá. Claro que me deixava feliz, dava orgulho. As pessoas vinham de longe pra bater uma foto, pegar um autógrafo, trocar uma palavra. É sempre uma honra pra mim. Mas algumas vezes estava uma pilha só. Quando o time não estava legal, então, eu ficava nervoso. Mas não posso jamais deixar de atender o torcedor. Tem muitas histórias de garotinhos que ficam traumatizados porque, quando foram conhecer o ídolo, ele mal deu bola, virou as costas, não deu atenção.

Nunca entrei em campo pra participar. Entrei pra ganhar.

Sempre tento ajudar – mas nem sempre consigo. Também tem gente que não ajuda. Uma pessoa que nunca te viu chega como se tivesse conhecido você no berçário e fala: “E aí, frangueiro, tudo bem?”. A gente tem de contar até mil.

Mas tem muita coisa boa também. Quando você é solteiro e é famoso, já viu, né? Acho que eu pegava melhor fora que dentro de campo. E com essa minha "caixa", que não é das melhores…

Tudo que o palmeirense me ajuda, me dá moral, me emociona, talvez tenha sido pelo que fiz no passado, nem tanto pelo que realizei nos últimos anos de carreira. Isso me deu ainda mais força pra continuar além dos meus limites físicos e das minhas dores no final de carreira. Eles lembram. Eu jamais posso esquecê-los. Fiquei muito tempo machucado, fora do time, e a torcida gritando meu nome como se eu tivesse defendido 10 pênaltis seguidos. Isso é demais! O pessoal sempre reconheceu meu esforço. Eles guardam na memória, o que é mais difícil no futebol brasileiro, onde as lambanças ficam mais na lembrança do que as boas passagens.

O carinho do palmeirense comigo não existe. Também por isso pedi à diretoria, em 2007, que não pagasse meu salário enquanto eu me recuperava de mais uma fratura, a daquele jogo contra o Juventus. Quis pagar essa cirurgia do meu bolso. Só dava prejuízo pro Palmeiras, não jogava. Não queria receber enquanto não me recuperasse. Mais uma vez, eles foram muito leais e legais comigo. Pagaram tudo, como sempre.

Dava outra moral olhar pra arquibancada e ver faixas com o meu nome e uma bandeira com aquela minha cara feia. Até mesmo aquela que fizeram em 2003, com um cigarrinho de palha na orelha. Os caras que a fizeram vieram pedir autorização pra desenhar o cigarro. Eu dei. Qual é o problema? Vou fingir que não fumo? Sei que não é saudável, que não é bom pra um atleta, não é um bom exemplo pras crianças. Mas esse sou eu. Sou assim. E, mesmo com todos os meus erros, sei que tem um monte de gente que gosta de mim. Não vou fazer marketing com o que não tenho e com o que não sou. O melhor marketing pra um jogador é fazer o que é certo. É trabalhar sério. Meu mérito, se tenho algum, é assumir meus erros e conviver com eles. Acho que está dando certo.

A MAIOR DEFESA

Foi contra o São Paulo, no Paulistão de 1999, num domingo à tarde, no Morumbi. O Marcelinho Paraíba mandou um canudo da entrada da área. Eu me estiquei todo e espalmei a bola, que bateu na trave direita. No rebote apareceu o Warley e desviou no canto esquerdo. Voei e consegui defender de novo. Além de agilidade, elasticidade, reflexo e um monte de coisa, é aquela defesa que só dá pra fazer quando você é jovem. Uns anos mais tarde, com a velocidade que eu já havia perdido, acho que nem a primeira parte eu teria conseguido.

Não tem jeito. Não é só a dor de tantas lesões. É a idade mesmo! Ainda mais com este meu corpinho, né? Muita gente talvez nem se lembra dessa defesa. Até porque, se salvei esse gol, deixei passar quatro. Foi 4 × 4 o clássico contra o São Paulo. E foi a minha defesa mais difícil. Isso também é interessante. Tem vezes que você ouve dizer no rádio e na TV que o goleiro fez um "milagre", uma defesaça… E não foi nada. Plasticamente foi bonito, mas, em termos de técnica e dificuldade, não teve nada de mais. Bastou dar um tapinha pra cima e pronto.

E tem o contrário também. Umas defesas que parecem simples e as pessoas não sabem a dificuldade que são. Ainda mais pra quem está dentro de campo. Pela TV, ou mesmo no estádio, na arquibancada, tudo é longe. A grande área é enorme, o meio da rua fica distante, quase em outro bairro. Mas quando você está lá no gol, sozinho, só Deus e você, e às vezes nem mesmo Ele, tudo parece que está na pequena área. Um chute de longe, a mais de 100 km/h, vira bola cara a cara quando sai do pé do adversário. Ainda mais com essas bolas que chegam balançando, mais rápidas que tudo.

Claro que o torcedor lembra a defesa do pênalti do Marcelinho Carioca, na Libertadores de 2000, e outras boas atuações minhas. De fato, das 532 partidas que fiz pelo Palmeiras, tem umas 510 pra lembrar. E, pra falar a verdade, umas 10 pra esquecer… Aliás, já esqueci essas. Vou ficar só com essas 510. É melhor pra mim. E tem outra: o livro é meu, a história é minha. Já contei muitos podres, muitas quebradas e lambanças. Está bom demais.

Tudo isso devo à escola de goleiros do Palmeiras. Lá no final dos anos 1960, os goleiros não tinham como se desenvolver mais, porque não havia quem os ensinasse. Até o seu Valdir, um professor de goleiro e de vida, dar um jeito não só pelo que sabe, mas pela moral que tinha como um goleiro de qualidade e com uma carreira fantástica. Até ele, o goleiro, era um terceirizado em campo e nos treinos. Com ele, a escola de goleiros desenvolveu todas as gerações dos últimos

40 anos. O goleiro brasileiro era muito criticado aqui dentro e lá fora. Agora, exportamos goleiros.

Tudo por conta de seu Valdir. Aprendi tudo com ele e com o Carlão Pracidelli. O Rogério Ceni disse que 80% da melhora técnica dele se deve ao tempo em que foi treinado pelo seu Valdir no São Paulo. Onde ele pisou e botou a mão, nasceu grama e grandes goleiros, que gramaram pra caramba.

MINHA PAIXÃO

Adoro comer. Até coisa ruim. Já fui gordinho como meu irmão, já fui magrinho, bem magrelo… Mas é ruim ficar a semana toda só na saladinha, grão-de-bico, Deus me livre! Falava pra Alessandra, a nutricionista do Palmeiras, que quando chegava em casa a batata assava à noite. E não só batata, né? Tenho até chopeira por lá. Qual o problema? Atire a primeira pedra (e o primeiro gole de chope) quem não bebe!

Já comi mais carne que levei frango na vida. Amo churrasco. E foi num deles que conheci minha mulher. Na casa de um amigo, eu oferecia chope pras pessoas. Em especial, pra uma loira muito bonita de 19 anos: Sônia Almeida, então iniciando carreira de atriz no humorístico *A Praça é Nossa*, do SBT.

Em 4 de junho de 2003 nasceu a nossa Anna Júlia. Linda como a atriz Mariana Ximenez, que fazia o videoclipe do sucesso do Los Hermanos, de onde a Sônia e eu tiramos a inspiração pro nome. Eu também sou pai de um lindo menino chamado Lucca, que nasceu em 1999, fruto de um relacionamento anterior. Eu e Sônia vamos ter outro filho. Provavelmente colocaremos o nome de Marcos, porque ela quer.

Pela minha família faço tudo. Pela Sônia, então, faço qualquer coisa. Até gastar mais do que deveria. Acho que aprendi isso com meu avô, seu Henrique, que era lá da região de Coimbra, em Portugal. Ele passava fome só pra economizar, quando chegou ao Brasil. Não sou pão-duro. Apenas dou valor às coisas. Mas sei fazer bons investimentos. Por exemplo, quando a Sônia quis botar silicone nos seios, investi no bem-estar dela. E, claro, no meu, né? Falei pro médico: “Doutor, pode encher o tanque!”.

Sem problemas. Mas, claro, como todo casamento, sempre tem os seus probleminhas. Uma vez, estava na Marginal Tietê, com meu Opalão. Sempre gostei de carro velho. Nunca me liguei que esse tipo de carro é de bandido. Não é racismo ou preconceito, é constatação. Até porque, toda vez que saía com ele, sempre parava em alguma blitz, em alguma batida policial. Aí, quando eu abaixava o vidro pra falar com o guarda, sempre era aquela cara: o que um jogador de futebol que ganha bem pra caramba está fazendo com uma carroça dessas? Teve um dia até que o policial falou:

Pela minha família faço tudo. Pela Sônia, então, faço qualquer coisa.

— Puxa, Marcos, a coisa está realmente brava no Palmeiras, hein? Olha só o carro do ídolo dos caras…

Mas, então, um dia meu Opalão quebrou no meio da Marginal Tietê. Quer dizer, na Marginalzinha, na pista lateral. Era logo depois da Copa de 2002. Eu, campeão do mundo, todo cheio de pose. Estava com a minha mulher e a mãe dela. Pensei: não vou fazer o carão de sair empurrando o meu carro pela Marginal pros caras passarem e verem um campeão do mundo na mão. Falei pra Sônia:

— Bem, sai lá fora e empurra o carro!

E ela nem se mexeu. Pior. Falou um monte pra mim! É uma mala!

Mas ela me atura. Mesmo sendo atriz, não é fácil conviver com jogador de futebol, que já é aquela raça difícil. Também pelo assédio. Mas tem suas vantagens.

Uma vez, a gente estava lá no Vila Country pra ouvir um sertanejo. Uma baita fila pra comprar bebida que eu até desisti. Ela foi lá tentar comprar. Nisso, um segurança me viu e deu um jeito de melhorar minha vida, me colocando mais perto do caixa. Aceitei, claro, numa boa. Quando cheguei ao final da fila, que estava bem menor, tasquei a mão na bunda da mulher à minha frente.

O segurança ficou uma arara. Falou que tinha me ajudado e eu o agradecia atacando a primeira mulher que eu via pela frente.

Ao menos consegui tranquilizá-lo rapidamente:

— Amigo, se eu não passar a mão nessa aí, que é a minha esposa, não passo mais em ninguém!

PENDURANDO AS LUVAS

Não parei porque estava de saco cheio da carreira. Parei porque não conseguia mais repetir as atuações dos anos anteriores. Não conseguia mais entrar na forma ideal. Não tinha mais a mesma agilidade e reflexo, não tinha mais a mesma explosão. Eu não estaria ajudando meu clube e meus companheiros do jeito que estava fisicamente, com as dores que sentia pelo corpo, principalmente no joelho. Sempre briguei muito com a balança. Por isso treinava forte em campo e ainda tinha de correr na esteira. No último ano, em 2011, depois dessas corridas na academia, meu joelho inchava e eu não conseguia treinar no dia seguinte. Fiz muita punção no local. Meu corpo foi pedindo arrego.

Não fiquei triste ou arrependido por ter me aposentado. Não tinha mais jeito. Paciência. Mas não foi fácil. Minha mãe ficou muito triste quando falei que teria de parar, no fim de 2011. Ela fez de tudo pra que eu continuasse jogando. Mas expliquei tudo pra ela. Não dava mais. Ela entendeu. Essa é santa. Eu não. Fico até com vergonha do quanto o pessoal fala bem de mim… As pessoas me dão muito mais moral do que eu mereço. Vendo todas as homenagens que recebi dos torcedores, das pessoas, e não só dos palmeirenses… Teve um dia, logo depois que anunciei que parei, em 4 de janeiro de 2012, que achei que tivesse morrido. Cheguei em casa não morto de cansaço ou de dor como nos últimos tempos, mas morto mesmo de tanto que falavam de mim. Eu pensava: “Tô vivo ainda e os caras já me mataram! Será que eles realmente gostam de mim?”.

Claro que levei muito tempo pensando se deveria parar ou não. É inevitável, mas mesmo assim é difícil. Não sei fazer outra coisa na vida. Mesmo tendo aberto, no final de 2011, a Clínica São Marcos, um centro de reabilitação e fisioterapia pra pessoas comuns e também pra profissionais sem condições financeiras; eu só sei jogar bola. É muito legal esse projeto com o Pescoço (Fernando Miranda) e o José e Luiz Rosan, com o apoio da Topper. Ali no hotel Holiday Inn, no Anhembi, vamos fazer pelos outros tudo que vários profissionais e o Palmeiras fizeram por mim quando me machuquei. Não fosse essa estrutura, eu não teria sido o que fui. E este livro não existiria.

Mas não sonho só em fazer isso. Vou sempre pensar no que joguei como profissional. Por isso foi difícil “morrer pela primeira vez”, como o pessoal diz quando um atleta para de jogar. Nos últimos anos, tinha dia que não queria levantar da cama de tanto que doía. Nos treinos, tinha hora que caía na grama e preferia não levantar. Mas passava logo. Logo, já queria fazer tudo de novo. Eu

parecia bipolar. Num minuto queria parar com tudo. No outro não via a hora de entrar em campo. A fase do Palmeiras em 2011 também não ajudava muito. Queria estar sempre pronto pra tentar conquistar mais um título. Ao mesmo tempo, pela pressão pela ausência de grandes títulos recentes, sobrava muita coisa pra mim. Cansava muito ficar explicando coisas que nem deveriam ter chegado ao público. E, ainda pior, algumas que nem haviam acontecido. Eram só especulação, boato, fofoca.

Eu parecia bipolar. Num minuto queria parar com tudo. No outro não via a hora de entrar em campo.

Pra piorar, meu joelho doía e inchava por qualquer coisa. Se ficasse mais de duas horas no avião, não conseguia dobrar a perna. Em campo, também não estava dando certo. Numa das voltas no último ano, enfrentei o Coritiba, que estava muito bem na Copa do Brasil. Levei seis gols. E poderia ter sido mais. Nas últimas bolas, já nem pulava mais. De raiva. Um tempão pra poder voltar e tomando aquele vexame.

Fiquei alternando com o Deola no Brasileirão. Minha última vitória foi em Presidente Prudente. Justamente contra eles. 2 a 1 no Corinthians, de virada. Perdi o último jogo em casa pro Internacional por 3 a 0, no Pacaembu. A gente perdeu um saco de gols e eles, no finalzinho, fizeram a diferença. A última partida foi na Ressacada, em Florianópolis. Empate por 1 a 1 contra o Avaí, em 18 de setembro. Fui mais uma vez poupado na rodada seguinte. Acabei sentindo o joelho. Não voltei mais ao time. Também porque o Deola estava em excelente fase.

Acabei tomando a decisão definitiva no final de 2011. Ainda pensei em jogar algumas partidas no Paulistão 2012. Muita gente no clube, amigos e torcedores, quis que eu parasse só no ano seguinte. Mas não deu. Não faço milagres.

Agora, como aposentado, não quero mais acordar antes do meio-dia. Não quero mais cumprir horários rígidos. E quero ficar muito gordo! Já avisei a Sônia pra ela ir se preparando. Chega de frango com purê de batata! Quero viver mais e melhor. Quero ficar mais tempo com a família e com os amigos. Viver simplesmente. Como eu sempre vivi: uma vida simples. O que me faz um cara feliz pra caramba.

A nossa profissão tem muitos sacrifícios. Quando olho o álbum de fotografias da família tem lá um monte de festa, batizado, formatura, e eu nunca apareço nas fotos. Estava concentrado, treinando, viajando, jogando. Nunca fiquei o tempo que deveria com minha mãe. Agora vou aproveitar.

Vou voltar a ser o Marquinho que sempre fui. Apenas mais gordo. Vou honrar

algo que aprendi com meu pai, uma pessoa muito simples. Ele me ensinou uma lição valiosa, que aprendi melhor do que qualquer coisa que tenha aprendido na escola. Seu Lau dizia pra gente sempre se esforçar pra preservar o nome…

Acho que eu fiz bem isso aí.

PALAVRA DE CRAQUE

“O Brasil tem uma história no futebol mundial. Mas eu não faço parte dela.”
(Em 2001, 12 meses antes de entrar para a história.)

“Brasileiro só olha pro goleiro quando ele vai buscar a bola no fundo das redes.”
(2002)

“Kahn foi o melhor goleiro da Copa. Até porque a Alemanha não tinha um time tão bom como o Brasil. E o Kahn levou o time dele nas costas. Quase 70% da responsabilidade da Alemanha ter chegado à final foi do goleiro. A premiação da Fifa foi justa.”
(2002)

“Não uso black-tie. Só verde-tie.”
(Durante festa de gala, em 2003.)

“Num jogo contra o Corinthians eu dou a minha cara pro adversário chutar, mas a bola ele não chuta, não.”
(2000)

“A pequena área é grande. É muito maior do que as pessoas que estão de fora acham.”
(2004)

“Estou muito feliz por viver este momento, mas espero não ter de comemorar o bicampeonato.”
(Em 2003, depois do título da Série B.)

“A torcida grita meu nome porque sou meio xarope. Eu me arrependo depois quando vejo na televisão. Talvez o moral que eu tenho com a torcida do Palmeiras não seja porque faço churrasco com ela, porque dou dinheiro. Talvez seja pelas fraturas que sofri me jogando no pé dos outros. Quebrando a clavícula, batendo a cabeça na trave pra poder tirar um gol. Pelos anos prestados ao Palmeiras.”

(2008)

“O problema é jogador que vem pensando em pegar as menininhas e não se doa em campo. Estou me esgotando disso. Desde que cheguei aqui fui cobrado. Tento cobrar dos outros agora, mas não são todos que respondem bem. Hoje, jogador parece pensar que, se não der certo aqui, tudo bem, tenta em outro time.”
(2009)

“Não consigo ser só profissional. Nunca fiz média com ninguém. Se a torcida gosta de mim, foi pelas coisas que conquistei. Foi por ter quebrado a clavícula ao me jogar na bola numa dividida. Foi por ter deixado de lado uma proposta de 45 milhões do Arsenal pra ficar aqui e jogar a Série B. Eu deixei de agir só com a razão. Às vezes, faço as coisas com o coração, como um verdadeiro torcedor. Eu gosto demais do Palmeiras e só faço as coisas pra ajudar. Mas sei que isso às vezes atrapalha.”
(2008)

“Contra o Vitória, em 2003, falei que errei em três lances, só que a gente perdeu de 7. Se fosse pelos meus erros, teria perdido de 3 e não de 7. É que o pessoal gosta de vender jornal com meu nome e com jogadores conhecidos, como Luís Fabiano, Rogério Ceni, Rincón, principalmente quando é polêmica. Quando perdemos pro São Caetano na Sul-Americana, eu disse que a gente tinha que reconhecer que o São Caetano era melhor. Você vai a São Caetano, perde de 3 a 0 e quer falar ainda que o Palmeiras é melhor? Não sei fazer esse tipo de maquiagem na resposta, o que muita gente sabe.”
(2006)

“Só fumo quando saio à noite e vou beber uma cerveja em dia de folga.”
(2006)

“No campo a gente procura ser só profissional, fora de campo é todo mundo amigo. Já assinei muita camisa do Corinthians, do São Paulo, do Santos. Isso é normal, não tem problema nenhum.”
(2007)

“Não é fácil treinar em dois períodos. Quando acontece, sofro muito, fico com dores em todo o corpo. Pareço a estátua do Borba Gato de tão duro.”
(2010)

“O Felipão pediu pra eu jogar e não sou pipoca. Disse pra ele: pode me pôr. Mas se soubesse que o time estava na inhaca dessa de hoje falava pra não me colocar. Deixava o Deola.
Fui um dos mais zoados pela goleada. Amigos de outros times me chamaram pra tomar 6 cervejas no fim de semana. Disseram que me acordaram falando que já eram 7 [horas], e eu acordei achando que tinha tomado mais um… [risos]. Tem de saber lidar com isso, não dá pra sair quebrando tudo. Até guarda de trânsito fez o 6 com a mão pra mim. Vou fazer o quê? Atropelar o cara?”
(Depois da derrota por 6 a 0 para o Coritiba, pela Copa do Brasil de 2011.)

“Até tenho vontade de continuar, mas tenho mais dor do que vontade. Se quiserem renovar pra eu ser terceiro goleiro, tudo bem, aí entro em uns joguinhos e está tudo certo. Mas, se eu falar que vou renovar por mais um ano, o Deola e o Bruno se suicidam.”
(Junho de 2011)

“Eu fiquei preso na porta giratória de um banco. O vigia mandou eu tirar celular, chaves e todos os objetos do bolso. Mas a porta não abria. Mostrei meu braço pra ele e disse: ‘A placa está aqui dentro [mostrando o punho esquerdo]. Não tem como retirá-la’. Ele riu e abriu a porta.”
(2009)

“O Diego Cavalieri não vai sentir a pressão por me ver sentado no banco de reservas. Na Seleção brasileira, eu era o titular e os reservas eram o Dida e o Rogério Ceni. Isso sim era pressão. Com dois dos melhores goleiros do mundo ali, eu era proibido de errar na Copa do Mundo de 2002.”
(2008)

“Foi ridículo o que fiz. Não acreditei quando vi os melhores momentos da partida. Mas não houve quebra no comando do Luxemburgo. Não ouvi ele me pedindo pra ficar no gol e nenhum companheiro me falou nada. Posso ser punido pela atitude, pois não deveria ir ao ataque, e não pela minha intenção. Quis apenas ajudar e peço desculpas públicas pelo meu erro.”
(Depois do jogo contra o Grêmio, em 2008, no Palestra, quando foi ao ataque 4 vezes para tentar o empate.)

“Ganhar parabéns é quando você faz 18 anos, né? Quando faz 36 tem que falar ‘desculpa aí!”.
(2009)

“O pessoal só me dá peruca e litro de pinga de presente!”
(2010)

“Eu gosto de jogar futebol, mas não é fácil ter uma placa no antebraço. É um objeto estranho que está em seu corpo. Quando a bola bate, ou caio no chão, faz barulho. Falaram pra eu retirá-la. Mas um dia, quem sabe, eu tiro. Passar pela terceira cirurgia de jeito nenhum. Não sou louco.”
(2010)

“Eu falo com os amigos que jogam na Europa. Lá não existem treinos em dois períodos. A pré-temporada é forte. Mas depois os treinos viram enganação. Aqui os caras são tarados por treinamento. Não entendo como o Rogério Ceni consegue atuar em todos os jogos. Depois dos 30 anos, os goleiros estão sempre estourados.”
(2010)

“O Carlos Pracidelli pega leve comigo. Se treinar como o Diego Cavalieri e o Bruno, eu estouro. Não ando no outro dia. Quando o Caio Júnior faz treino de finalização, eu fujo. Não tenho mais idade pra levar boladas.”
(2008)

“Torcedor pode cobrar, exigir e até xingar. Mas não sou bandido pra viver escondido ou ter que sair escoltado após um jogo de futebol.”
(2009)

“Vou adiantar uma coisa pra vocês, a torcida pode ficar tranquila, porque o sofrimento comigo só vai até o fim do ano.”
(Após derrota para o Santo André por 3 a 0, em março de 2010, pelo Paulistão.)

“Já fiz grandes defesas, mas todo mundo diz que a mais importante foi o pênalti que defendi do Marcelinho Carioca, na Libertadores. Eliminar o Corinthians pegando um chute dele realmente ficou marcado. E claro que me adiantei. Se o goleiro não fizer isso, ele bate com a cabeça na trave.”
(2007)

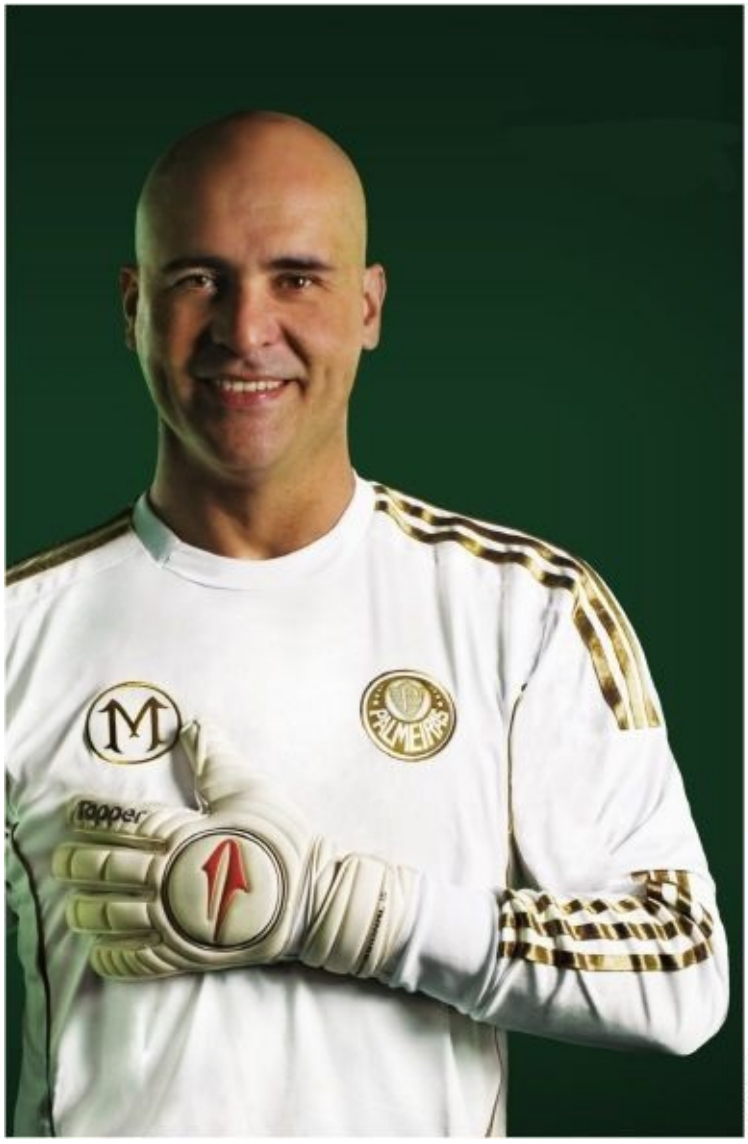
“Você gosta de jogar. Mas, no fim do ano, todo aquele sacrifício tem de ser válido. Não dá pra se esforçar e não ter um título. Isso tira um pouco o prazer, e você vai enjoando… Estou enjoado, porque é muita polêmica pra pouco título

conquistado, sabe? É muito trabalho e esforço pra pouco resultado.”
(2010)

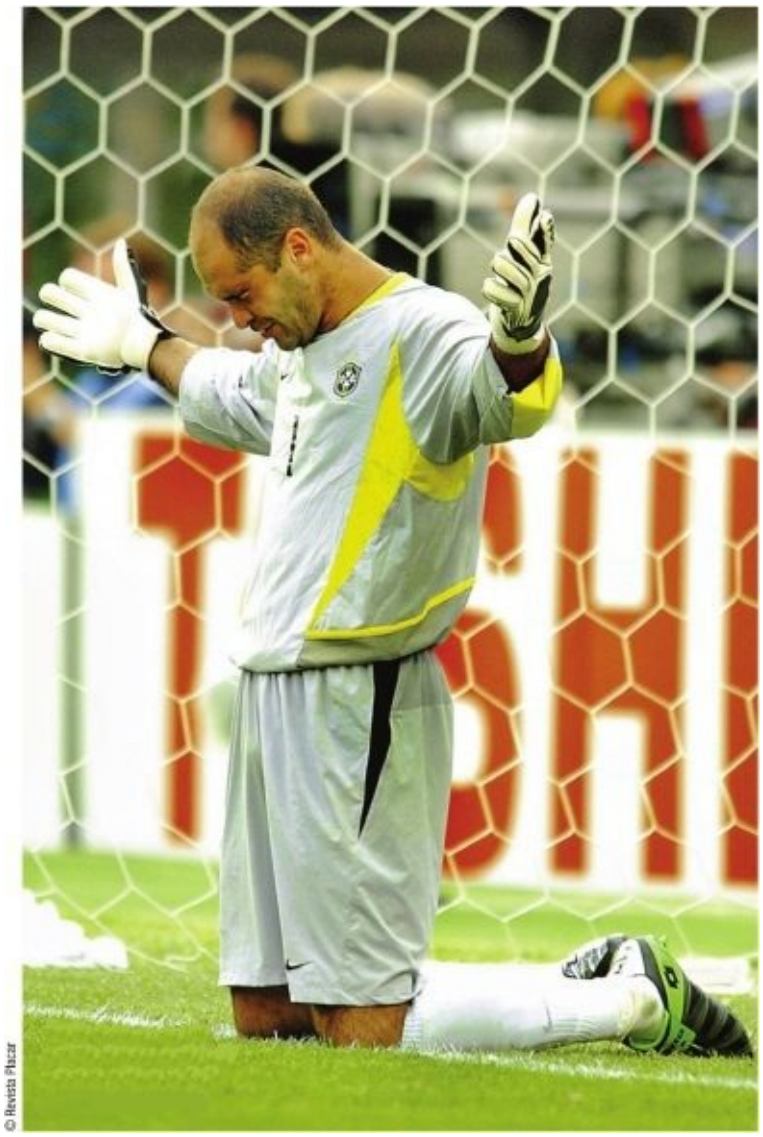
“Eu estou parecendo defunto. Toda hora vem alguém pra fazer uma homenagem. É por isso que dificilmente concedo entrevistas. Estão querendo me aposentar a todo momento.”
(Na comemoração dos 400 jogos com a camisa do Palmeiras, em 2008.)

“Isto aí é uma frase antiga: ‘Jogador morre duas vezes’. Sabe quando morre um ente querido seu? Você chega em casa, vê sua roupa de concentração, sua mala. Você fala: ‘Rapaz, morri mesmo!’.”
(2012)

“Pô, Sampaio, fodeu. Vou ter que parar.”
(Ao anunciar a aposentadoria, quando se reapresentou das férias, em 4 de janeiro de 2012.)



As fotos para este livro eu tirei em 12 de junho de 2012. A data perfeita: dia dos namorados e do título paulista de 1993.



Sempre agradeci a Deus por tudo que ele me deu na vida e na profissão. Ainda mais debaixo das traves.



Foi uma dureza ganhar da Bélgica na Copa de 2002. Nesse dia eu estava largo.



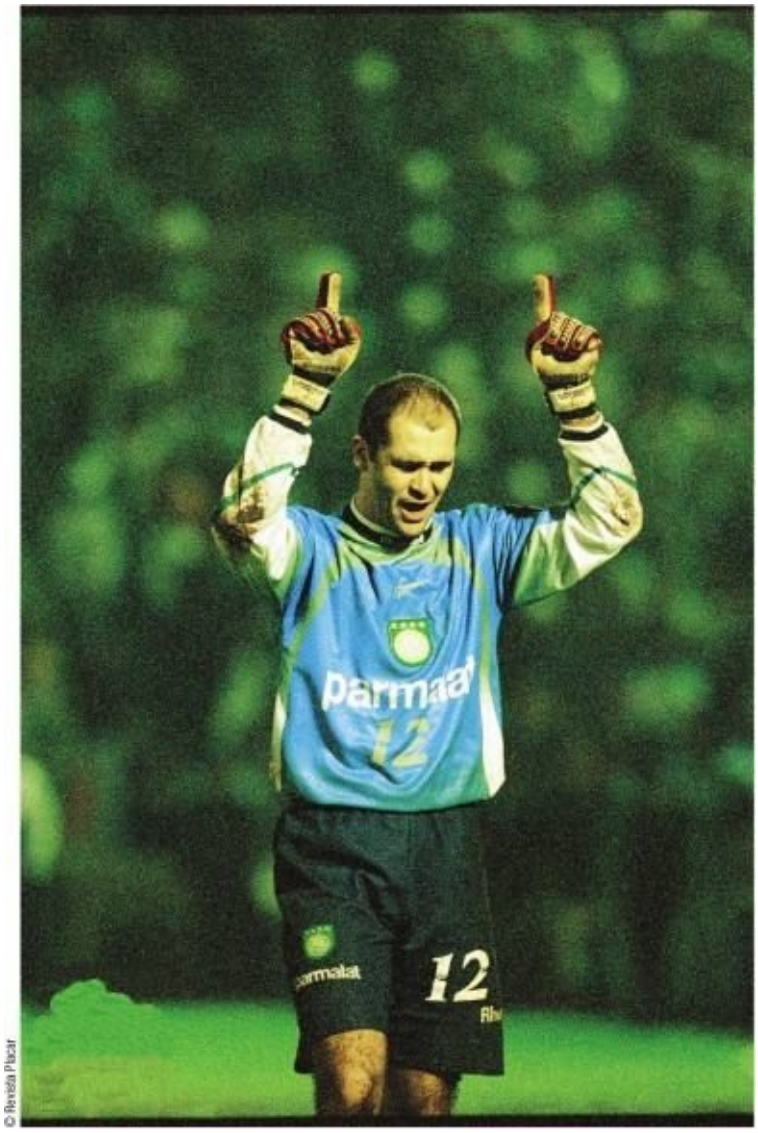
Campeão do Rio-São Paulo em 1993 com meu parceiro Sérgio. Bons tempos em que ganhávamos tudo. E eu não tinha perdido os cabelos…



O pênalti do amigo Vampeta me consagrou, na Libertadores de 1999, contra o Corinthians.



Mais uma disputa de pênaltis vencida na Libertadores, desta vez em 2000, no Palestra Itália, contra o Peñarol. Que saudade da nossa casa!



Deus olhou por mim e pelo Palmeiras na Libertadores de 1999. Fui campeão e o melhor jogador do torneio.



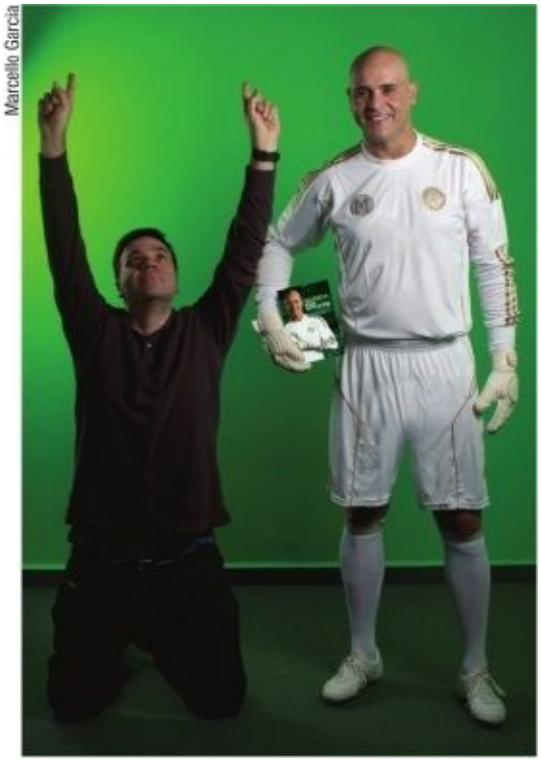
O Milton Neves é um cabeçudo, mas tem bom coração. Ele cedeu essa foto. Acredite: de graça, e sem merchandising!



A pose que ficou famosa e que fiz desde o primeiro pênalti que defendi pelo Palmeiras, em 1996, contra o Botafogo de Ribeirão Preto.



O bom do futebol é que a gente sempre tem muita história para contar. E tem muito jornalista para escrever pra gente.



Esse Mauro Beting é um frustrado. Ele sempre quis ser um goleiro bom como eu. Só tem a pose. E os cabelos. Quer dizer…